

F U N A I
DGPI
DID

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

DENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA: *PARQUE INDÍGENA DO VALE DO JAVARI*

PORTARIA DO G.T.: *721/E e 722/E de 14.05.80 e 737/E de 13.06.80*

DECRETO Nº:

ALDEIAS INTEGRANTES

São Luiz, KANAMARI, KURINA, MARUBO, P.J. LOBO, P.J. CURUÇA', P.J.A. ITOI E OUTRAS

GRUPOS INDÍGENAS

MARUBO, MAYORUNA, MATSI, KANAMARI, KURINA E GRUPOS ARREDIOS

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: *ATALAIA DO NORTE*

ESTADO: *AMAZONAS*

UNIDADE REGIONAL DA FUNAI: *AJUDÂNCIA DO SOLIMÕES - 1ª DELEGACIA REGIONAL*

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	<i>04° 20' 40" S</i>	<i>70° 59' 35" W</i>
SUL	<i>07° 07' 55" S</i>	<i>72° 24' 15" W</i>
LESTE	<i>05° 50' 10" S</i>	<i>69° 25' 40" W</i>
OESTE	<i>06° 07' 40" S</i>	<i>73° 15' 10" W</i>

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
<i>SB-19-V-A/B/C/D - SB-19-Y-A/B/C SB-18-X-B/D - SB-18-Z-A/B/C/D</i>	<i>1:250.000 (red. 1:500.000)</i>	<i>D.N.P.M.</i>	<i>1977/1978</i>

DIMENSÕES

ÁREA:	<i>Aproximadamente 5.800.000 ha</i>
PERÍMETRO:	<i>Aproximadamente 1.750 km</i>

FUNAI

DGPI

DID

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Parque Indígena do Vale do Javari

Parte-se do Ponto 1, de coordenadas geográficas aproximadas de $04^{\circ}39'00''S$ e $70^{\circ}15'35''W$, situado na confluência dos rios Ituí e Itaquai; daí, segue-se a montante pelo rio Itaquai até o Ponto 2, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}33'50''S$ e $70^{\circ}27'00''W$, situado na confluência do rio Itaquai com o igarapé São José; daí, segue-se a montante pelo igarapé São José até o Ponto 3, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}06'15''S$ e $70^{\circ}25'20''W$, situado na cabeceira do citado igarapé; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimuth aproximados de 2.000 m e $134^{\circ}00'$ respectivamente, até o Ponto 4, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}07'00''S$ e $70^{\circ}24'40''W$, situado na cabeceira do rio JANDIATUBA; daí, segue-se a jusante pelo rio Jandiatuba até o Ponto 5, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}32'00''S$ e $70^{\circ}01'35''W$, situado na foz de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do rio Jandiatuba; daí, segue-se a montante pelo citado igarapé até o Ponto 6, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}31'40''S$ e $69^{\circ}53'20''W$, situado na cabeceira do citado igarapé; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimuth aproximados de 1.100 m e $147^{\circ}30'$ respectivamente, até o Ponto 7, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}32'10''S$ e $69^{\circ}53'00''W$, situado na cabeceira do rio Curuena; daí, segue-se a jusante pelo rio Curuena até o Ponto 8, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}28'25''S$ e $69^{\circ}34'20''W$, situado na foz de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do rio Curuena; daí, segue-se a montante pelo citado igarapé até o Ponto 9, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}40'40''S$ e $69^{\circ}37'20''W$,

FUNAI

DGPI

DID

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Parque Indígena do Vale do Javari

situado na cabeceira do citado igarapé; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 1.600 m e $152^{\circ}30'$ respectivamente, até o Ponto 10, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}41'30''S$ $69^{\circ}37'00''W$, situado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem esquerda do rio Jutari; daí, segue-se a jusante pelo citado igarapé até o Ponto 11, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}50'45''S$ e $69^{\circ}32'25''W$, situado na foz do citado igarapé; daí, segue-se a jusante pelo rio Jutari até o Ponto 12, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}48'25''S$ e $69^{\circ}26'25''W$, situado na foz do rio Jutaizinho, afluente da margem direita do rio Jutari; daí, segue-se a montante pelo rio Jutaizinho até o Ponto 13, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}38'35''S$ e $70^{\circ}21'35''W$, situado na cabeceira do rio Jutaizinho; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 47.400 m e $263^{\circ}30'$ respectivamente, até o Ponto 14, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}41'50''S$ e $70^{\circ}47'05''W$, situado na cabeceira do igarapé Cedro, afluente da margem direita do rio Itaguari; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 61.200 m e $274^{\circ}00'$ respectivamente, até o Ponto 15, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}50'00''S$ e $71^{\circ}20'10''W$, situado na cabeceira do rio Itaguari; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 46.000 m e $224^{\circ}30'$ respectivamente, até o Ponto 16, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}59'45''S$ e $71^{\circ}37'40''W$, situado na cabeceira do rio

P U N A I

DCPI

DID

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Parque Indígena do Vale do Javari

das Pedras; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 24.400 m e $262^{\circ}30'$ respectivamente, até o Ponto 17, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}59'20''S$ e $71^{\circ}50'45''W$, situado na cabeceira do rio Branco; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 49.000 m e $256^{\circ}30'$ respectivamente, até o Ponto 18, de coordenadas geográficas aproximadas de $07^{\circ}07'55''S$ e $72^{\circ}24'15''W$, situado na cabeceira do igarapé Paraguaçu; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 22.000 m e $278^{\circ}30'$ respectivamente, até o Ponto 19, de coordenadas geográficas aproximadas de $07^{\circ}06'10''S$ e $72^{\circ}36'00''W$, situado na cabeceira do rio Ituí; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 59.100 m e $284^{\circ}30'$ respectivamente, até o Ponto 20, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}58'15''S$ e $73^{\circ}07'05''W$, situado na cabeceira do rio Curuçá; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 29.600 m e $347^{\circ}00'$ respectivamente, até o Ponto 21, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}42'45''S$ e $73^{\circ}10'40''W$, situado na cabeceira do igarapé Rodrigues, afluente da margem direita do rio Javari; daí, segue-se a jusante pelo citado igarapé até o Ponto 22, de coordenadas geográficas aproximadas de $06^{\circ}35'00''S$ e $73^{\circ}14'05''W$, situado na foz do citado igarapé; daí, segue-se a jusante pelo rio Javari até o Ponto 23, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}39'40''S$ e $72^{\circ}57'50''W$, situado na foz do igarapé Ituzi, afluente da mar-

FUNAI

DGPI

DID

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Parque Indígena do Vale do Javari

gem direita do rio Javari; daí, segue-se a montante pelo igarapé Ituxi até o Ponto 24, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}45'25''S$ e $72^{\circ}53'10''W$, situado na cabeceira do citado igarapé; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 24.400 m e $106^{\circ}00'$ respectivamente, até o Ponto 25, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}48'55''S$ e $72^{\circ}40'30''W$, situado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem esquerda do rio Pardo; daí, segue-se a jusante pelo citado igarapé até o Ponto 26, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}50'55''S$ e $72^{\circ}30'35''W$, situado na foz do citado igarapé; daí, segue-se a jusante pelo rio Pardo até o Ponto 27, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}23'50''S$ e $72^{\circ}07'40''W$, situado na confluência dos rios Pardo e Curuçá; daí, segue-se a montante pelo rio Curuçá até o Ponto 28, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}30'30''S$ e $72^{\circ}03'55''W$, situado na foz de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do rio Curuçá; daí, segue-se a montante pelo citado igarapé até o Ponto 29, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}27'00''S$ e $71^{\circ}55'35''W$, situado na cabeceira do citado igarapé; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 29.000 m e $72^{\circ}00'$ respectivamente, até o Ponto 30, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}22'20''S$ e $71^{\circ}40'40''W$ situado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do rio Curuçá; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 34.000 m e $28^{\circ}00'$ respectivamente, até o Ponto 31, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}06'10''S$ e $71^{\circ}31'50''W$, situado na cabeceira de um igarapé

FUNAI

DGPI

DID

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Parque Indígena do Vale do Javari

sem denominação, afluente da margem direita do rio Curuçá; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 24.400 m e 58°00' respectivamente, até o Ponto 32, de coordenadas geográficas aproximadas de 04°59'00" S e 71°20'40" W, situado na cabeceira do igarapé do Maia; daí, segue-se a jusante pelo igarapé do Maia até o Ponto 33, de coordenadas geográficas aproximadas de 04°34'50" S e 71°24'50" W, situado na confluência do igarapé do Maia com o rio Curuçá; daí, segue-se a jusante pelo rio Curuçá até o Ponto 34, de coordenadas geográficas aproximadas de 04°26'40" S e 71°24'00" W, situado na confluência dos rios Curuçá e Javari; daí, segue-se a jusante pelo rio Javari até o Ponto 35, de coordenadas geográficas aproximadas de 04°23'00" S e 70°56'25" W, situado na foz do igarapé do Rodrigues, afluente da margem direita do rio Javari; daí, segue-se a montante pelo igarapé do Rodrigues até o Ponto 36, de coordenadas geográficas aproximadas de 04°28'00" S e 70°57'50" W, situado na foz de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do igarapé do Rodrigues; daí, segue-se a montante pelo citado igarapé até o Ponto 37, de coordenadas geográficas aproximadas de 04°38'50" S e 70°56'45" W, situado na cabeceira do citado igarapé; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 3.500 m e 85°30' respectivamente, até o Ponto 38, de coordenadas geográficas aproximadas de 04°38'40" S e 70°54'55" W, situado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem esquerda do rio Quixito; daí, segue-se a jusante pelo citado igarapé até o Ponto 39, de coordenadas geográficas aproximadas de 04°40'45" S e 70°46'20" W, situado na foz do citado igarapé; daí, segue-se a montante pelo rio Quixito até o

FUNAI
DGPI
DID

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Parque Indígena do Vale do Jucari

Ponto 40, de coordenadas geográficas aproximadas de $04^{\circ}42'20''S$ e $70^{\circ}46'55''W$, situado na foz do rio Esquerdo, aflrente da margem direita do rio Quixito, daí, segue-se o montante pelo rio Esquerdo até o Ponto 41, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}04'35''S$ e $70^{\circ}51'05''W$, situado na cabeceira do rio Esquerdo; daí, segue-se por uma linha reta de distância e azimute aproximados de 1.600 m e $239^{\circ}00'$ respectivamente, até o Ponto 42, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}05'05''S$ e $70^{\circ}53'50''W$, situado na cabeceira de um igarapé sem denominação, aflrente da margem esquerda do rio Itui; daí, segue-se a jusante pelo citado igarapé até o Ponto 43, de coordenadas geográficas aproximadas de $05^{\circ}11'20''S$ e $70^{\circ}45'40''W$, situado na foz do citado igarapé; daí, segue-se a jusante pelo rio Itui até o Ponto 1, Ponto inicial deste descritivo.

LOCAL	DATA	TÉCNICO RESPONSÁVEL	CREA Nº
BRASÍLIA	08.04.81	LUCÉLIO CÉSAR SÁBE FRANCO ENGENHEIRO CARTÓGRAFO DID / DGPI / FUNAI	15.718 / 78 RJ

FUNAI

DEPT

DID

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃODENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA: LAMEIRÃO

PORTARIA DO G.T.: Nº 737 / E de 13.06.80

DECRETO Nº:

ALDEIAS INTEGRANTES.

LAMEIRÃO

GRUPOS INDÍGENAS

MAYORUNA

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: ATALAIA DO NORTE.

ESTADO: AMAZONAS

UNIDADE REGIONAL DA FUNAI: AJUDÂNCIA DO SOLIMÕES - 1º DR

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	04° 07' 35" S	70° 37' 40" W
SUL	04° 28' 40" S	70° 40' 40" W
LESTE	04° 10' 50" S	70° 33' 55" W
OESTE	04° 11' 20" S	70° 47' 40" W

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
SB-19-V-A	1:250.000	DNPM	1978

DIMENSÕES

ÁREA:	APROXIMADAMENTE 49.500 ha
PERÍMETRO:	APROXIMADAMENTE 130 Km

F U N A I
DGPI
DID

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

LAMEIRÃO

PARTE-SE DO PONTO 1, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}11'20''S$ E $70^{\circ}47'40''W$, SITUADO NA FÓZ DO IGARAPÉ CACHOEIRA, AFLUENTE DA MARGEM DIREITA DO RIO JAVARI; DAÍ, SEGUE-SE A JU-SANTE PELO RIO JAVARI ATÉ O PONTO 2, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}12'40''S$ E $70^{\circ}34'45''W$, SITUADO NA FÓZ DO IGARAPÉ SÃO RAIMUNDO, AFLUENTE DA MARGEM DIREITA DO RIO JAVARI; DAÍ, SEGUE-SE A MONTANTE PELO IGARAPÉ SÃO RAIMUNDO ATÉ O PONTO 3, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}17'45''S$ E $70^{\circ}35'10''W$, SITUADO NA CABECEIRA DO CITADO IGARAPÉ; DAÍ, SEGUE-SE POR UMA LINHA RETA DE DISTÂNCIA E AZIMUTE APROXIMADOS DE 11.400 m E $197^{\circ}00'$ RESPECTIVAMENTE, ATÉ O PONTO 4, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}23'40''S$ E $70^{\circ}37'00''W$, SITUADO NA CABECEIRA DO IGARAPÉ TAPIRA; DAÍ, SEGUE-SE POR UMA LINHA RETA DE DISTÂNCIA E AZIMUTE APROXIMADOS DE 8.800 m E $208^{\circ}00'$ RESPECTIVAMENTE, ATÉ O PONTO 5, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}27'55''S$ E $70^{\circ}39'15''W$, SITUADO NA CABECEIRA DO IGARAPÉ CACHOEIRA; DAÍ, SEGUE-SE POR UMA LINHA RETA DE DISTÂNCIA E AZIMUTE APROXIMADOS DE 3.000 m E $243^{\circ}00'$ RESPECTIVAMENTE, ATÉ O PONTO 6, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}28'40''S$ E $70^{\circ}40'40''W$, SITUADO NA CABECEIRA DE UM IGARAPÉ SEM DENOMINAÇÃO, AFLUENTE DA MARGEM ESQUERDA DO IGARAPÉ CACHOEIRA; DAÍ, SEGUE-SE POR UMA LINHA RETA DE DISTÂNCIA E AZIMUTE APROXIMADOS DE 5.200 m E $318^{\circ}30'$ RESPECTIVAMENTE, ATÉ O PONTO 7, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}26'35''S$ E $70^{\circ}42'35''W$, SITU-

FUNAI

DGPJ

DID

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

LAMEIRÃO

ADO NA CABECEIRA DE UM IGARAPÉ SEM DENOMINAÇÃO, AFLUENTE DA MARGEM ESQUERDA DO IGARAPÉ CACHOEIRA; DAÍ, SEGUE-SE POR UMA LINHA RETA DE DISTÂNCIA E AZIMUTE APROXIMADOS DE 4.800 m E $343^{\circ}30'$ RESPECTIVAMENTE, ATÉ O PONTO 8, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}24'05''S$ E $70^{\circ}43'20''W$, SITUADO NA CABECEIRA DE UM IGARAPÉ SEM DENOMINAÇÃO, AFLUENTE DA MARGEM ESQUERDA DO IGARAPÉ CACHOEIRA; DAÍ, SEGUE-SE POR UMA LINHA RETA DE DISTÂNCIA E AZIMUTE APROXIMADOS DE 9.400 m E $553^{\circ}30'$ RESPECTIVAMENTE, ATÉ O PONTO 9, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}19'05''S$ E $70^{\circ}43'55''W$, SITUADO NA CABECEIRA DE UM IGARAPÉ SEM DENOMINAÇÃO, AFLUENTE DA MARGEM ESQUERDA DO IGARAPÉ CACHOEIRA; DAÍ, SEGUE-SE A JUSANTE PELO CITADO IGARAPÉ ATÉ O PONTO 10, DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS APROXIMADAS DE $04^{\circ}16'50''S$ E $70^{\circ}45'35''W$, SITUADO NA CONFLUÊNCIA DO CITADO IGARAPÉ COM IGARAPÉ CACHOEIRA; DAÍ, SEGUE-SE A JUSANTE PELO IGARAPÉ CACHOEIRA ATÉ O PONTO 1, PONTO INICIAL DESTE DESCRITIVO.

LOCAL	DATA	TÉCNICO RESPONSÁVEL	CREA Nº
BRASÍLIA	ABRIL 1981	LUCÉLIO CÉSAR SABBÉ FRANCO ENGENHEIRO CARTÓGRAFO DID / DGPJ	15.718 / 78 RJ

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAIPROPOSTA DE CRIAÇÃO DO PARQUE INDÍGENA DO VALE DO JAVARI (PQJAV)

O que define a segurança física e a preservação cultural de sociedades indígenas é a definição de seus territórios tribais. Sempre houve interesse pelos funcionários de campo da FUNAI, que este direito fosse assegurado às comunidades em que atuam diretamente. Nestes últimos oito anos estas reivindicações tornaram-se mais insistentes e presentes nos relatórios destes técnicos da área da bacia do Rio Javari.

Em 1973, José Porfírio Carvalho, Chefe do Setor Administrativo da 1a. DR, elabora "... um plano de trabalho para área onde será construída a estrada Perimetral Norte no trecho que abrange os rios Javari, Curuçã e Ituí" (Relatório de viagem ao PIA Marúbo", pág. 1). Esta estrada (BR 307) estava sendo construída pelo Batalhão de Fronteira de Cruzeiro do Sul (Acre), atingindo as proximidades do Rio Ipixuna (AM). O serviço está paralizado há alguns anos, mas nenhuma atitude foi tomada para impedir a sua penetração nas áreas indígenas dos Marúbo e Mayoruna. Urge que uma medida preventiva seja realizada pelo Órgão para evitar uma alavanche de migrantes que acompanham as implantações de estradas de grande porte.

Em 1973, o DGPC fez um estudo sobre a criação da 10a. DR, tendo apresentado a sugestão da criação do Parque Indígena do Ituí (Memo. nº 643/73, pág. 12). O sertanista Chefe do Posto de Atração do Ituí, em 1975, reforça a criação do Parque que foi divulgado no "Informativo FUNAI", em 1972, por estar preocupado com os índios que habitam esta região (Of. nº 5/BFSOL/76, pág. 1). Preocupa-se também com as doenças existentes na localidade, havendo probabilidade de contágio com os regionais e consequentemente, perdas de vidas humanas, que poderão ser facilmente evitadas com a demarcação das terras (pág. 2).

A idéia da criação de um Parque Nacional do Ituí, em 1972, é encampada por uma equipe interdisciplinar de cientistas do British Museum, Royal Botanic Gardens Kew e instituições Brasileiras preocupadas em preservar a flora, a fauna, os

Índios radicados nesta área e estudar as doenças endêmicas (Ituf Survey, 1979, pág. 3). A área do Parque era de aproximadamente 15.000Km².

Este movimento está totalmente paralizado, sendo que em 1978, um membro da equipe, Dr. Philip Hugh-Jones, esteve em Brasília fazendo contatos preliminares, em termos de saúde, para uma futura ação no Parque (Proc.FUNAI/BSB/4737/78). É lamentável que esta iniciativa internacional em defesa do patrimônio e da vida do Índio brasileiro não fosse para frente, sendo esta um incentivo para por fim as impiedosas investidas às áreas indígenas, devastando o meio ambiente e instaurando um desequilíbrio no ecossistema.

Ao termos um contato mais íntimo com a situação de alguns grupos indígenas da Amazônia Ocidental, resolvemos reativar a proposta da criação do Parque Indígena do Vale do Javari, do sertanista Sebastião Amâncio da Costa, feita em 1972, por acharmos que um Parque tem a dimensão necessária para abrigar um número maior de comunidades indígenas, carentes de uma atuação planejada por parte da FUNAI.

Como pode-se constatar no mapa, em anexo, o Parque comportará os Índios Kanamari, Tukano (Kanamari), Mayoruna, Marúbo, Korina, Matís e seis grupos indígenas arredios, ainda não identificados. Estes Índios estão distribuídos em várias malocas dentro da área pleiteada para o Parque Indígena. Esta gleba é efetivamente ocupada e utilizada pelos diferentes grupos indígenas para realizarem suas atividades econômicas, como sejam: caça, pesca, coleta, extração de seringa e madeira. Maiores detalhes destes empreendimentos, examine os relatórios que seguem.

A extensão territorial do Parque é plenamente justificável, se levarmos em conta a ecologia cultural dos agrupamentos indígenas que o ocupam. Não sendo grupos sociais sedentários necessitam de bastante espaço físico para explorarem as fontes alimentares que precisam para subsistirem. A mobilização das aldeias é uma constante para permitir um equilíbrio biológico e ecológico a área. Há necessidade que as capoeiras rejuvene

çam, pois os índios não utilizam fertilizantes, corretivos de solo e pesticidas, aguardam que a própria natureza se encarregue desta recomposição. Apesar dos índios respeitarem o ecossistema, este precisa constantemente ser renovado. Para que isso ocorra sem prejuízo para sua sobrevivência, as aldeias se mudam, dando oportunidade para que os animais de caça e pesca revopovoe a região.

Cada grupo indígena mantém estreitos laços sociais com seus patrícios que estão espalhados dentro de uma área considerada de sua propriedade. Estes laços são de vários níveis: de parentesco, matrimonial, ritual etc. Por conseguinte, é comum encontrar-se nas malocas indivíduos de outro lugar, que deslocaram-se para ela com um objetivo específico. Futuramente, este deslocamento será intertribal, pois os diversos grupos confraternizam-se entre si, como já está ocorrendo entre Marúbo/Matís e Matís/Mayoruna. A criação do Parque proporcionará e acelerará este entrosamento social.

O Parque Indígena do Vale do Javari está numa situação privilegiada e estratégica devido a sua localização e as condições ecológicas que ainda desfruta. Está situado na área de Segurança Nacional, sendo uma barreira natural de vigilância de fronteira, pois os índios Mayoruna tem parentes no lado peruano (igarapê Choba - rio Galvez).

Uma outra vantagem da escolha da área é que o INCRA ainda não implantou seus projetos de colonização na região. E também ainda não chegaram as grandes firmas agropecuárias, como por exemplo ocorre nos estados vizinhos (Acre, Rondônia etc). Quando estas frentes de expansão atingirem a região, dizimarão de forma predatória e anti-econômica o meio ambiente, pois esta área não é propícia ao desenvolvimento destas atividades.

A PETROBRÁS realizou pesquisas geológicas de linhito e petróleo no município de Atalaia do Norte. Os resultados não foram divulgados. Se for constatada a presença de minério na área do Parque, esta deverá ser preservada para utilização futura do Brasil e para o usufruto da comunidade indígena em que for localizada as jazidas minerais.

Não podemos garantir pela definição da área para os índios arredios, por não conhecermos in loco o habitat

tradicional dos mesmos. Poderá no futuro haver acréscimo de área ou devolução da mesma. Achamos que estes imprevistos não ocorrerão porque as informações recebidas dos regionais não eram muito conflituosas e nem discrepantes em demasia. Há necessidade que sejam implantadas frentes de atrações com rapidez, antes que a área seja toda invadida por seringueiros e madeireiros, tornando impossível a sua posse.

A única gleba que não é extensivamente explorada são as cabeceiras do Rio das Pedras. Parte dele é explorada pelos Kanamari do rio Itacoaí. Dizem que há um grupo de índios arredios neste lugar. Precisa ser verificada esta informação. Parece que a área compreendida entre o Rio Branco e Rio das Pedras, ambos afluentes do rio Itacoaí, é utilizada pelos Matís e os Índios arredios ("Korubo").

Não existem espaços "vazios" no Parque Indígena do Vale do Javari, mesmo que estes existissem, poderão ser utilizados pelos grupos indígenas das proximidades. Estes "espaços" servirão como futuros recursos ambientais para estas comunidades, uma vez que as áreas indígenas foram exauridas por civilizados. Além disso, terá condição de abrigar o aumento populacional que ocorrerá nos grupos, devido a boa integridade física e cultural que advirá do controle do contato, de uma programação adequada de saúde e de assistência médica, diminuindo a morbidade infantil e a presença atuante da FUNAI em todas áreas indígenas localizadas dentro do Parque Indígena.

Através dos relatórios apresentados pelas três Equipes, nota-se que a situação de contato entre Índios e brancos é precária. A história mais antiga registra a área como foco de muita tensão social pela posse/exploração do meio ambiente, principalmente na área extrativista. Na história mais recente esta fricção interétnica é mais velada e raríssimos ataques são desferidos às comunidades indígenas. Mesmo assim, há necessidade que a FUNAI aplique a Lei nº 6.001, em favor de seus tutelados, principalmente no que se refere aos Artigos 2, 26 e 28.

Estes Artigos encerram todos os objetivos previstos pelas Equipes e traduzem o anseio e o pensamento das

populações indígenas habitantes do Parque Indígena do Vale do Javari. Para maior conhecimento e compreensão do assunto, transcrevemos os Artigos que se referem sobre a definição da terra.

Artigo 2º, alíneas:

V - "garantir aos índios a permanência voluntária no seu habitat, proporcionando-lhes ali recursos para seu desenvolvimento e progresso";

VI - "respeitar, no processo de integração do índio à comunhão nacional, a coesão das comunidades indígenas, os seus valores culturais, tradições, usos e costumes";

Artigo 26: " A União poderá estabelecer, em qualquer parte do território nacional, áreas destinadas à posse e ocupação pelos índios, onde possam viver e obter meios de subsistência, com direito ao usufruto e utilização das riquezas naturais dos bens nelas existentes, respeitadas as restrições legais".

Artigo 28: " Parque Indígena é a área contida em terra na posse de índios, cujo grau de integração permita assistência econômica, educacional e sanitária dos órgãos da União, em que se preservem as reservas de flora e fauna e as belezas naturais da região".

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO DE ELEIÇÃO DAS ÁREAS INDÍGENAS DOS
RIOS ITACOAÍ E ITUI

Problemas afetos a Ajudância do Alto Solimões

De conformidade com a Portaria nº 721/E, de 14/105/80, foi realizada a viagem para identificar as áreas indígenas dos altos Rios. Permaneci na Ajudância durante uma semana (24 a 29/05), para tratar dos preparativos da viagem e entrevistar madeireiros e seringueiros conhecedores dos Rios Itacoaí e Ituí. Neste interím, tomei maiores conhecimentos dos problemas reinantes na Ajudância. Portanto, os dados apresentados foram obtidos através de conversas informais com técnicos de diferentes categorias funcionais da Ajudância.

A Ajudância do Alto Solimões está deficientemente equipada de recursos humanos e materiais para atender razoavelmente a imensa área que está sob sua jurisdição. É patente a diversidade de aculturação indígena, que varia de arredios a índios em estágio econômico bastante desenvolvido, merecendo ambos um carinho especial do Órgão.

O meio de transporte da área é o barco, sendo impossível trabalhar sem ele. A Ajudância possui dois barcos em funcionamento e dois em reparos. O maior deles destina-se aos técnicos da inexistente EVS. Está ancorado nos cais há mais de um ano, "aguardando" a chegada de uma peça do Japão. Parece ser administrativamente mais coerente, comprar outro motor, do que deixar as comunidades desassistidas, ainda no período do inverno, quando este barco tem condição de atingir os altos Rios. A cota de gasolina da Ajudância é demasiada pequena, não permitindo fazer visitas periódicas aos Postos. O racionamento de combustível está tornando ainda mais difícil um trabalho racional na região, onde a única via de acesso aos Postos é a fluvial.

A Ajudância concentra todo o seu potencial, ao atendimento dos Índios Tukuna, em detrimento aos outros grupos indígenas dos altos Rios. Possivelmente isso ocorra devido a relativa proximidade das comunidades a Atalaia do Norte e aos poucos recursos recebidos, já que um deslocamento às cabeceiras dos rios é bastante onerosa e demorada. Mesmo assim, o atendimento prestado pela Ajudância aos Índios do Rio Solimões é precário, pois em cinco PIs. faltam rádios-fonia, sendo que apenas três funcionam normalmente. Em muitos Postos não tem canoa ou motor. Quando alguns desses materiais se danificam, não são substituídos ou consertados com rapidez. A cota de combustível para os Postos é insuficiente mesmo para atender os casos urgentes, devido a distância em que eles se encontram da Ajudância.

O setor de Educação nos Tukuna não está se deenvolvendo a contento, estando a necessitar de uma revisão e reflexão no assunto. A maioria das escolas não funcionam e em muitas aldeias não há escolas. O Convênio com a Prefeitura Municipal é restrito apenas a área de Benjamin Constant, ou seja, apenas a dois Postos Indígenas, ficando as demais áreas sem assistência educacional. Parece que as Prefeituras da região não se interessam muito sobre este aspecto. A Ajudância possui no seu quadro somente uma professora, que trabalhava anteriormente para a Prefeitura. O salário é baixo e o professor está tecnicamente despreparado para o cargo que irá exercer. O Campus Avançado da PUC, do RS, é responsável pelo Curso de Preparação dos Monitores, mas este ano ainda não foi realizado. A FUNAI precisa assumir a educação indígena, não deixando a cargo de Prefeituras ou de outras Instituições desinteressadas, desinformadas e despreparadas na formação de educadores Índios. É difícil conciliar a falta de verba da FUNAI com as divergências políticas e os interesses econômicos regionais, além de acrescidos de uma gama diversificada de estereótipos, que assolam as áreas em que se localizam os Índios.

A maioria dos Índios do Alto Solimões recebem uma assistência sanitária relativamente razoável, pois é atendida esporadicamente pela Ajudância e pelo Projeto Rondon. Em compensação os Índios habitantes das cabeceiras dos altos rios não

tem assistência ou se a tem, não supre nem as necessidades primárias dos Postos. O Comandante do Batalhão de Fronteira proporciona alguma assistência médica e sanitária aos Índios do Rio Javari, mas nas demais, é quase inexistente e ineficiente. A SUCAM está vacinando no Rio Javari contra febre amarela, devido um surto procedente do Peru. Para exemplificar o que mencionei, em 1979 e 80, a UAE visitou os Postos dos Tukuna, vacinando contra TB, somente aqueles que se encontravam nas aldeias. Os Índios das cabeceiras não foram visitados pela UAE.

A EVS deve ser reativada para atender toda a área da Ajudância, não apenas a do Rio Solimões, pois o setor de saúde está carente de um atendimento mais sistemático e ordenado. Suprir as localidades indígenas com Atendentes de Enfermagem é um aspecto que exige uma providência imediata do Orgão.

Ao longo do Rio Solimões e em seus afluentes, existem vários agrupamentos Tukuna que não recebem nenhuma espécie de assistência da Ajudância, não por esta desconhecê-las, mas por alegar que não possuem meios para este fim. A eleição dessas áreas indígenas deverá ser feita ainda este ano, por ocasião das cheias dos rios, para facilitar a locomoção da Equipe. O tempo previsto será de 60 a 90 dias, pois as aldeias estão muito afastadas umas das outras.

Os aldeamentos indígenas do Rio Juruá são completamente desconhecidos da FUNAI. Fomos informados que há três equipes da PETROBRÁS, neste Rio, fazendo detonações, sendo os empregados arregimentados na região. Os contatos com Índios e peões se fazem de maneira indiscriminada, sem nenhuma precaução sanitária.

Há outros dados que informam que estão ocorrendo um conflito interno nos Kanamari que habitam no Rio Juruá, tendo provocado a morte de alguns deles. O Delegado da 1a. DR disse que o Prefeito de Juruá "doou" uma gleba para uns Índios que estavam na periferia dessa cidade. A transferência estava sendo realizada com o auxílio da Prefeitura e da 1a. DR. Desconhecemos os antecedentes deste procedimento e as razões legais que levaram estas autoridades a tomarem esta atitude. O assun

to merece o deslocamento de um Antropólogo para estudá-lo.

Para que a Ajudância do Solimões leve a termo um trabalho produtivo nas áreas de sua jurisdição, é necessário que todas elas sejam eleitas este ano, em novembro, período ideal devido as águas, inclusive o Rio Juruá, uma vez que as demarcações provocarão uma celeuma geral entre os interessados das terras indígenas e a FUNAI. Tendo a presença das três equipes que recentemente estiveram na região, para identificar as reservas indígenas, alertado e chamado a atenção dos cidadãos e ribeirinhos para as questões agrárias indígenas que afetam o Órgão e indiretamente a região, torna-se o momento oportuno da FUNAI agir com mais segurança e se fazer mais presente e atuante em todas as circunstâncias que os fatos requerem.

Como mencionei no Memo. nº 315/80-DGPC, a Ajudância do Alto Solimões deve se transformar em Ajudância Autônoma ou em Delegacia Regional, para ter mais liberdade de ação e ser mais dinâmica e audaciosa em suas tomadas de posições. Este posicionamento só acarretará benefícios às comunidades indígenas, que receberão sua orientação e assistência de modo amplo e irrestrito.

Um assunto que me preocupa seriamente e que não está sendo visto pela mesma dimensão e ótica, pelo Chefe da Ajudância, são os índios arredios dessa Unidade Regional. Comentam que esse desinteresse do Chefe da Ajudância em iniciar as atrações é porque este alega que há muitos índios para atender e já possui muitas preocupações. Talvez o real motivo desse alheamento, seja a falta de recursos, de pessoal, de barcos e de ânimo para lutar contra a máquina burocrática que aniquila qualquer empreendimento de envergadura. Talvez esteja aí também justificado a reclamação que o Chefe da Ajudância não dedica uma atenção especial aos PIAs, nivelando-os a um mesmo atendimento fornecido a um simples Posto.

Sugiro que o auxiliar do Sertanista Pedro Coelho, sobrevoe e verifique na proximidade do Rio Novo de Cima (afluente do Rio Ituí), do Igarapê São Salvador (afluente do Rio Curuçã) e do Igarapê Zapota, existência de índios arredios localizados nas cabeceiras desses Rios. Podem ser índios procedentes do Rio Quixito, afluente do Rio Itacoai ou um pequeno

grupo de Korina que antigamente andava nestas imediações. Estes índios arredios estão mais resguardados dos contatos indiscriminados dos regionais, por se acharem entre os PIAs. Ituí e Curuçã. O auxiliar Pedro Coelho por estar atuando no PIA Ituí, tem condições de fazer o levantamento preliminar de constatação de malocas.

Apenas um informante comentou sobre a existência de índios arredios no Rio das Pedras, afluente do Rio Itaicoã. Ocorreu a morte de uma pessoa. Um funcionário do PIA Itaicoã, que deverá ser reativado, poderá verificar in loco esta informação.

Í N D I C E

<u>INTRODUÇÃO</u>	07
I - História do Contato	07
II - Demografia	12
III - Aspectos Sociais	14
IV - Aspectos Econômicos	
a) - Roça	15
b) - Caça	15
c) - Madeira	15
d) - Seringa	17
e) - Artesanato	17
V - Aspectos Políticos	18
VI - Aspectos de Saúde	19
VII - Eleição da Área	20
VIII - Sugestões de Ação	22

REFERÊNCIAS SOBRE OS ÍNDIOS ARREDIOS DO RIO QUIXITO

INTRODUÇÃO

Sendo os Índios que habitam as cabeceiras do Rio Quixito, afluente do Itacoaí, ainda arredios, no dia 30/05/80, penetramos no Rio, durante quatro horas, o tempo suficiente para complementar os dados que possuíamos da área, junto aos civilizados que residem no Rio Quixito.

I - História do Contato

Não foi encontrada referência bibliográfica sobre o Rio Quixito. Necessita pesquisa mais detalhada da matéria. As informações aqui registradas foram fornecidas por seringueiros e madeireiros da região e de funcionários da FUNAI.

Os Índios do alto rio Quixito são conhecidos como Marubo, pelos regionais. Aliás, qualquer grupo indígena desconhecido, é identificado por esta denominação genérica. Possivelmente falam uma língua da família Pãno, como as demais tribos habitantes da bacia do rio Javari.

Os madeireiros Demócrito Castelo Branco e Albertino Vieira de Almeida, este natural do rio Itacoaí, deram seus depoimentos sobre os Índios do Rio Quixito. Contaram que desde 1943-4 estes Índios são conhecidos na região. O Sr. Prisciliano (Persiliano) de Souza (falecido) foi quem os viu pela primeira vez. Este era dono do Seringal Tatu, o último morador do rio (Volta Seca). Nesta época, os Índios já usavam roupa, extraíam cedro e seringa e faziam roça para o proprietário do Seringal.

É voz corrente na região (até parece lenda), que em toda a maloca há (ou havia) um patrão peruano que incita os Índios a matarem os seringueiros e madeireiros, que entram em contato com eles. O Professor Roberto de Oliveira con

firma este dado: "os atritos entre índios e brancos nos ^{rios} Curuçã e Quixito, áreas receptoras de vultuosos investimentos das empresas sediadas em Benjamin Constant, ... agora, tendem a aceitar a idéia de que as incursões indígenas obedçam a planos menos elaborados, embora ainda não excluam o fato de bandoleiros peruanos liderarem os movimentos". Estes tiveram início em 1942 (1972:36). O autor menciona que nos relatos dos sobreviventes, os índios atacam para roubar e destruir a cabana do seringueiro. Suspeita que as histórias de ataques sejam engendradas pelas empresas, " ... com o único objetivo de forçar a expulsão de grupos indígenas situados em áreas de valor econômico e que até agora não puderam ser integradas pelas empresas em seus planos de ação" (idem, pág. 38). Como não podia deixar de ser, dizem que os índios do rio Quixito eram "dirigidos" pelo peruano Pancho. Prisciliano de Souza após contatar estes índios, depõe o Pacho e coloca em seu lugar, o índio "marūbo" Domingos para "pacificá-los".

O índio Domingos era originário do rio Ituã, sendo considerado "manso". Tudo leva a crer que Domingos não pertencesse a tribo Marūbo, pois nesta data, todo o grupo morava no rio Curuçã. Domingos foi levado para Atalaia do Norte pelo regatão Oscar Gomes, que na década de 40 era patrão no rio Quixito. Este deu transporte a Domingos que queria visitar os seus parentes, Ramão e Cruz, que residiam perto de Atalaia do Norte. Nesta cidade o madeireiro Prisciliano de Souza o encontrou e o levou para seu Seringal.

Os índios que tinham sua maloca a seis horas de caminhada do Seringal Nova Empresa, mais conhecido como Seringal Tatu, são "incitados" por Domingos a se rebelarem contra Prisciliano de Souza. Certa feita em 1945-46, os índios assaltam um seringueiro, residente abaixo do igarapé Irari, afluente do rio Javari. Este os rechaça ("enxota"). Os índios desaparecem por um mês. Novamente atacam e matam o pessoal daquele Seringal. Retornam às suas malocas do rio Quixito, as incendiam e se embrenham na mata das redondezas. Não voltam a trabalhar no Seringal Tatu. Os seringueiros para se vingarem das mortes ocorridas no rio Javari, pelos índios, fazem uma "correria", matando alguns e o próprio Domingos (que era ainda moço). Mesmo assim, os índios continuam a residir nas imediações do rio Quixito com o igarapé

rio Negro, afluente do rio Ituí. O Professor Roberto Cardoso de Oliveira menciona os conflitos entre brancos e índios e suas conseqüências: José Veiga ... "sofreu grande prejuízo com as correias do rio Quixito, tendo de acabar com seus seringaais naquele rio e com sua firma comercial e madeireira em Atalaia do Norte (1972:37). Durante muito tempo (1947 a 1977) somente vestígios da presença de índios foram vistos pelos regionais. Apenas há três anos atrás, estes índios reiniciaram novos contatos esporádicos com os madeireiros.

Parece ser uma temática regional, a maneira como os grupos arredios se aproximam dos brancos. Depois de um período de contato pacífico com o civilizado, um motivo qualquer os levam a se isolarem novamente e posteriormente, depois de vários anos de ausência espontânea, procuram o convívio social com os civilizados. O mesmo processo, com estas três fases, ocorreu com os Marubo dos rios Ituí e Curuçã. Narram os regionais, que os índios do rio Quixito, no ápogeu de seu convívio pacífico com eles, por volta de 1944 a 46, quarenta e cinco índios foram levados pelo regatão à casa de seu patrão (Oscar Gomes), para passearem na cidade.

Prisciliano de Souza permaneceu no Seringal Tatu até mais ou menos em 1950. Em 1978 o madeireiro João Sulamba ocupa a área, após a morte de Prisciliano de Souza e passa a ser o novo pacificador oficial dos índios nas redondezas, nesta segunda fase de aproximação. Os índios trazem alimentos e recebem em troca roupas, ferramentas e brinquedos, da turma dos peões de João Sulamba. Este conhece uma maloca que fica a oito horas a pé de seu acampamento.

Vários trabalhadores do rio Quixito mencionaram a existência de índios neste rio. O madeireiro Demétrio Castelo Branco e mais três peões trabalharam há dez anos atrás (1960-70), no igarapé Piaçaba, afluente do rio Quixito, onde constantemente encontravam vestígios deixados pelos índios. Achavam os varadouros de cedro e de madeira branca fechados com galhos e ouviam tiros de espingarda. Sempre se deparavam com marcas de presença indígena do igarapé Piaçaba para cima. Também o madeireiro Marinho de Alencar que era dono do igarapé

Esquerdo, afluente do rio Quixito, que vendeu-o a Francisco Carvalho de Oliveira, em 1979, viu rastros de Índios nesta localidade. Este madeireiro morou no igarapé Esquerdo durante três anos e permaneceu na área perto de cinco anos. Tinha um barraco na boca do rio Quixito, dedicando-se as atividades de seringa e de cedro.

Muitas pessoas disseram que encontravam antigamente sinais da presença dos Índios e que há três anos aparecem esporadicamente no igarapé Esquerdo e que atualmente aumentou a frequência deles neste lugar. Estes Índios estão também procurando contato com outras tribos, pois foi achado vestígios que identificam sua perambulação nas picadas dos Mayoruna da aldeia Lameirão. Os Mayoruna estão receosos de um possível ataque, conforme comunicação de um funcionário da FUNAI.

Os Índios do rio Quixito, considerados pela população regional como "mansos ariscos", estão cada vez mais tentando se aproximarem dos brancos. Alguns depoimentos demonstram este acontecimento. O madeireiro João Carneiro há quatro anos mantém um contato amigável com os Índios. Em 1979 os madeireiros Raimundo e Manoel Capistrano Mariano (64 anos) penetraram no igarapé Quixitinho, afluente do rio Quixito, para exploração extrativista. Pretendem fazer uma "correria" de madeira no igarapé São José, que fica próximo ao igarapé Quixitinho. Os Índios costumam visitar o seu tapiri, tratando-se entre si por termos de parentesco.

Os Índios nunca mexeram ou pegaram objetos de seus tapiris. Solicitam o que lhes interessa e eles lhes dão. Sabem que nos tapiris de outros madeireiros, os Índios se apossam do que encontram neles. Os Índios trazem pupunha, carne moqueada e zarabatana (pucunã) e em troca pedem comida (?), anzol com linha, panela de alumínio nova e instrumentos agrícolas (peixeiras, terçados amolados etc). O madeireiro Manoel Capistrano Marinho narrou que o primeiro Índio que lhe apareceu, estava nu e falava em português. Pediu-lhe jaboti, tesoura, tijela, panela pequena e cinto. Voltou outra vez acompanhado de duas mulheres. Nas frequentes visitas aparecem sempre as mesmas pessoas: três homens, uma mulher com três crianças e uma jovem. Dois

dos homens são chamados por João Zeca e Altemir. Parece que este grupinho de pessoas foi o mesmo que apareceu para a Equipe de Atração: quatro crianças, uma mulher e um velho (1978:6). Os índios convidam os madeireiros, individualmente, para irem à aldeia, desarmados, pois têm medo de serem mortos. Quando os índios os encontram nas picadas, pedem para tirarem os cartuchos das espingardas. Ficam bastante agitados. Não aparecem para pessoas estranhas.

Para o madeireiro João Sulamba, no Rio Quixito, somente oito índios se apresentam a ele. O madeireiro Cisto Matias da Silva avistou treze índios no igarapé Quixitinho. Os índios estão procurando contato cada vez mais distante de suas fronteiras. Eles contaram que espiaram uma festa de seringueiros, na qual estes dançaram. O madeireiro concluiu que este lugar ficava no rio Ituã, pois no alto rio Quixito não tem morador, além disso, as cabeceiras do rio Quixito desaguam perto do Rio Novo, afluente do rio Ituã.

Para uma melhor atuação e exploração da riqueza da região, os seringueiros e madeireiros estão intensificando suas relações com os índios arredios, com o objetivo específico de neutralizar a agressão deles. O regatão Oscar Gomes se prontificou junto a Ajudância do Alto Solimões de atrair os índios do Quixito, porque já os conhecia. Precisava apenas de CR\$ 10.000,00 para adquirir os brindes. O Chefe da Ajudância recusou-se a colaborar neste empreendimento.

O sertanista Sebastião Amâncio Costa num relatório de 1974, menciona a existência de sociedades tribais isoladas na área de sua atuação, Marubo-Maiã, entre as quais se acha a do Rio Quixito. Para desenvolver algum trabalho no local, necessita de mais funcionários e equipamentos completos (pág. 2).

Posteriormente, em abril de 1978, uma equipe de frente de atração, chefiada por Sydney Ferreira Possuello, faz uma incursão na área, tendo contato com apenas uns índios em um tapiri. Após um único contato, a frente se afastou do local e nunca mais retornou. O pessoal da área conta, que estes índios falavam e cantavam em português e inclusive sabiam porno

grafia. Comentários posteriores de regionais, acrescentam que os índios não apreciaram este encontro com os funcionários da FUNAI, porque não receberam botões e os terçados e machados que ganharam não estavam afiados e eles não sabiam amolá-los. "Elégiam" a ação dos madeireiros que lhes presenteariam instrumentos cortantes afiados.

Maiores informações sobre esta atração não foi possível fornecer, porque na 1a. DR e na Ajudância do Alto Solimões não foram encontrados documentos ou Processos relativos ao fato. Na Revista Atualidade Indígena (Atração pelos Botões), pág. 2 a 8, de 1978, há um relato sumário sobre a expedição oficial do Órgão no rio Quixito. Nesta, está registrado que um dos objetivos da expedição era "evacuar os brancos da área indígena..." (pág. 5), mas isso não deve ter sido concretizado, pois estes se encontram ainda nela. Também esclarece uma informação contraditória fornecida pelos regionais: "entre os brindes tradicionais, os sertanistas resolveram incluir caixas contendo botões de cores vivas e variadas, objetos utilizados pela primeira vez em uma atração" (pág. 5).

II - Demografia

Colhemos vários dados sobre a localização, o número de aldeias e de índios que habitam no rio Quixito. João Sulamba conhece uma maloca que tem poucos índios, mas sabe que existe uma segunda e que ela é maior. Os madeireiros da família Mariano mencionaram que há uma maloca de grandes proporções, que fica há um dia de caminhada, na mata. O tapiri dos madeireiros encontra-se no igarapé Quixitinho. Afirmam que a população indígena é numerosa e que uma vez contaram 55 homens, havendo uma grande predominância de mulheres.

O madeireiro Demócrito Castelo Branco reforça a argumentação da existência de três aldeias no igarapé Quixitinho e no Rio Novo. A esposa de um seringueiro acrescenta que os índios são "bichos", sendo que na época de estiagem atravessam para o Rio Novo. Os índios se localizam entre o igarapé Esquerdo e o rio Quixito. Também são localizados nas cabeceiras do igarapé Quixitinho com as do rio Negro, afluente do rio Ituí, pois estas estão próximas. Parece que já habitaram no rio Negro

e que retornam ao local para "roubarem" os regionais que ocupam suas áreas, voltando para suas aldeias nas cabeceiras do rio Quixito. Outros acham que moram no alto igarapê Esquerdo, afluente do rio Quixito, varando para o igarapê Quixitinho. No Seringal Nova Empresa (rio Quixito) afirmam que há uma maloca. Do Seringal Nova Empresa (ou Tatu) se atravessa facilmente por varadouro para o igarapê Esquerdo, na época da seca. Entre os Seringais Paraíso e o Tatu encontram-se três aldeias, sendo duas desconhecidas dos brancos. O madeireiro Albertino de Almeida assegura que agora há uma maloca no igarapê Quixitinho. Outra informação aponta uma aldeia no rio Quixito e outra em direção ao rio Ituí.

Em dois documentos da FUNAI mencionam a existência de índios arredios nos igarapês Samaúma e Pau Mulato, na margem direita do rio Quixito. São identificados como Mayoruna. O sertanista Costa (1973:5) informa que há uma maloca e acredita que estes índios sejam os mesmos que habitam (ou aparecem?) o igarapê Maia, afluente do rio Curuçã. Já os técnicos Oliveira e Santos (1974:20) não fazem referência ao acampamento do grupo.

Em nenhum momento os informantes asseguraram com exatidão a população indígena do rio Quixito. Se fizermos uma comparação com outros grupos da região, cujas malocas são ocupadas por 30-40 pessoas e seu número não exceder a três, calcula-se a existência de 120-150 pessoas. Esta quantia tenderá a diminuir, se a FUNAI não se fizer presente imediatamente no rio Quixito. A necessidade de uma "barreira governamental" no igarapê Esquerdo, para impedir a entrada de brancos no habitat tradicional do grupo, deve ser encarada como uma medida preventiva que visa garantir a sobrevivência física e cultural desta tribo arredia.

Como os informantes não precisaram no tempo os seus dados, conjectura-se que as duas ou três malocas têm uma mobilidade espacial muito grande em seu território tribal, podendo parecer que existe maior quantidade de aldeias do que realmente há na área. Estas mudanças temporárias de lugares, conforme o hábito cultural do grupo, foram levados em consideração por ocasião da eleição da área/Parque.

III - Aspectos Sociais

Houve apenas um registro verbal sobre o estilo de maloca ocupada pelos Índios do Rio Quixito, sendo considerada semelhante a dos Marúbo, do rio Ituí. Esta informação é corroborada pelos dados contidos na Revista Atualidade Indígena (1978:6): a equipe de atração chegou a uma maloca abandonada, que "era construída em duas águas contínuas, da cumeeira ao chão, com pequenas aberturas nas duas extremidades. No interior do abrigo havia algumas painelas ao chão e pequenos artefatos de palha". Contam que na época em que moravam com o seringueiro Prisciliano de Souza (na década de 40), suas casas eram em estilo duas águas (regional), não tendo assoalho.

Os Índios andam despidos, tendo o pênis amarrado a cintura. A pele é de cor clara, estatura elevada e de complexão forte.

Os homens têm o corte de cabelo reto na altura das orelhas e em cima da cabeça, o cabelo liso é cortado rente, tipo coroinha. Parece haver exceção no estilo de corte de cabelo, pois dizem que o tuxãua do grupo, chamado Muçu, é cabeludo e barbudo. As mulheres usam cabelos longos e "coroa" no alto da cabeça. Este dado choca-se com as fotos existentes na Revista de Atualidade Indígena, nas páginas 2, 3 e 7. Comentam que há uma mulher loira, civilizada, no meio deles, tendo cabelos compridos. Os Índios a identificam como mona. Possivelmente tenha sido raptada muitos anos atrás. Os Índios levaram para João Sulamba ver um tufo de cabelo loiro.

Pintam-se de urucu, sendo que a mulher o espalha pelo corpo e pelo rosto. Com os botões que adquirem dos civilizados, confeccionam colares e pulseiras. O colar é usado transpassado no peito. Nas narinas são colocados estiletes de pau. Examinando as fotos da Revista Atualidade Indígena, constata-se que apenas um homem usa enfeite nasal e que somente as mulheres e crianças se adornam com colares transpassados no tórax.

Foram coletados alguns vocábulos do grupo indígena, para posterior estudo de um lingüista. Estes dados foram fornecidos pelos regionais:

Txuē: está bom

Papā: homem (ou papai?)

Mama: mulher (ou mãe?)

Wāwa: criança

Mona: branca (O marūbo Francisco disse que em sua língua significa bonita - roaca. O marūbo Domingos que "pacificava" os Índios do Quixito, entendia a língua deles e costumavam dizer que "tudo era Marūbo (?), seus parentes". Mas também nesta época os Índios dominavam superficialmente a língua portuguesa, tanto os homens como as mulheres).

A equipe de frente de atração da FUNAI que esteve na área em 1978, era composta por intérpretes dos grupos indígenas Marūbo, Kulina (ou Korina) e Kanamari (ou Mayoruna?), que não entenderam a língua falada pelos Índios do rio Quixito. Eram representantes do tronco linguístico Aruāk e da família Pāno. Segundo a Revista de Atualidade Indígena (1978:6), o intérprete "Mayoruna conseguiu entender duas ou três palavras". Isso leva a supor, que o grupo indígena fala um dialeto Pāno.

IV - Aspectos Econômicos

a) - Roça

Apenas uma entrevistada² comentou sobre as roças dos Índios do rio Quixito. Há muitas roças que se localizam nos topos das colinas. Foi encontrado um pupunhal no igarapé Esquerdo (Seringal Esquerdo) e no rio Quixito.

b) - Caça

Os Índios vão caçar em direção ao rio Ituī, afluente do rio Itacoai.

c) - Madeira

A exploração da seringa e de madeira são as fontes de divisa econômica para os municípios de Atalaia do Norte e de Benjamin Constant. Os produtos extrativistas são em sua grande maioria retirados de áreas indígenas e beneficiados nas serrarias de Benjamin Constant. Os barcos rebocadores para escoarem as matérias-primas, necessariamente precisam passar em frente ao

dio da FUNAI, em Atalaia do Norte, sem que esta os apreenda ou instale um mecanismo de fiscalização contra esta irregularidade Estatutária. Assiste diariamente, anos a fio, a dilapidação das áreas indígenas e mantêm um relacionamento pacífico com os exploradores das mesmas, "em nome" de sua deficitária infra-estrutura e dos diminutos recursos orçamentários que recebe anualmente.

As madeiras mais comercializadas são cedro, mogno e madeira branca. Esta última está sendo utilizada para fazer compensado. Se não foi retirada na época da safra, apodrece até o ano seguinte. Em compensação, o cedro e o mogno (água no) após o corte, duram alguns anos no solo ou na água. Os índios do rio Quixito estão sendo "amansados" pelos madeireiros, para retirarem, sossegadamente, madeira nas cabeceiras do rio Quixito, pois na boca do mesmo já foi intensivamente extraída. Nesta época do ano, ^(inverno) o barco chega até o igarapé Esquerdo, pois as cabeceiras do rio Quixito estão com pouca água. Este rio é encaichoado.

Tentamos fazer uma listagem dos madeireiros que ocupam o rio Quixito. João Sulamba (ou João Carneiro) e três peões retiram madeira nos igarapés Piaçaba e Quixitinho. Também no igarapé Quixitinho trabalham Francisco Capistrano e Cisto Matias da Silva. Ambos são aviados na Firma Magalhães Indústria e Comércio Ltda., a maior Firma Comercial da região, que explora sistematicamente durante anos as áreas indígenas. O madeireiro Raimundo Mariano extrai cedro desde 1979, no igarapé Quixitinho e também é aviado da Firma Magalhães. Esta área pertence ao Seringal do General, como é conhecido a propriedade do General Lauro Alves Pinto. O madeireiro Raimundo Mariano derrubou em 1979, 104 toras de madeira de lei que não foram retiradas do igarapé, por falta de água no mesmo. Já o madeireiro Manoel Mariano cortou neste mesmo ano, quando entrou neste lugar, 140 toras no rio Quixito, que ainda se acham no local, devido a estiagem prolongada em toda a área da bacia do rio Javari. Pretende sair desta localidade por que a madeira já foi esgotada. O madeireiro Irã Correia de Oliveira atua no rio Quixito. O madeireiro Grosso também explora o igarapé Quixitinho. Este ano (1980) Raimundo e Floriza têm intenções de trabalharem neste igarapé.

Portanto, no igarapê Quixitinho há sete equipes de madeireiro, com mais de 150 pessoas e no rio Quixito, existem duas turmas, não sendo computado o número de empregados.

No igarapê rio Novo, afluente do rio Quixito, acham-se os madeireiros Raimundo Bispo (aviado do Sr. Flávio) e Carlito Garrancho (este tem financiamento do Banco). No igarapê Esquerdo, afluente do rio Quixito, há muitos madeireiros, mas apenas três foram citados: Aloisio Benjamin, José Torto (que possui uma turma grande de trabalhadores) e Aloisio Lima. Informaram que no igarapê Esquerdo há mais de 1.000 toras de madeira a serem escoadas para a cidade. Em outubro reiniciaram as atividades extrativistas.

A FUNAI em caráter de urgência deve apreender as madeiras que foram cortadas na área indígena do rio Quixito, após o igarapê Esquerdo, já que esta foi eleita para o grupo (Veja Mem. nº 315/80-DGPC, 04/07/80). O dinheiro poderá ser empregado para complementar os recursos de atração destes índios. Ao mesmo tempo, retirar-se-ão os madeireiros que residem neste rio, pois suas proximidades com as aldeias poderão ser fatais para os seus membros.

d) - Seringa

A seringa não está sendo explorada no rio Quixito, mas há intenções de iniciar sua exploração este ano (1980). A seringa do igarapê Esquerdo é considerada de boa qualidade na região.

A FUNAI deverá impedir a extração de seringa pelos brancos, preservando esta riqueza para futura exploração da comunidade indígena. Além disso, a maneira inadequada de efetuar o corte na seringueira, pode danificá-la (matar) para sempre, prejudicando posteriormente as atividades do grupo.

e) - Artesanato

Tudo indica que antes mesmo de se contatar todo o grupo, a cultura material estará modificada, devido a grande introdução, indiscriminada, de bens industrializados. Afir-
mam que existem armas de fogo entre eles.

O madeireiro João Carneiro (ou Sulamba) ao visitar uma aldeia no rio Quixito, viu mais ou menos trinta painéis de alumínio em uso. A tendência é intensificar o número de novas aquisições, devido aos pedidos insistentes dos Índios. Ninguém ousa negar os pedidos, pois têm medo de ser atacado ou criar animosidades, que venha prejudicar os trabalhos deles na área.

A troca de peças artesanais com objetos civilizados é comum na região, havendo uma boa circulação e aceitação delas. Muitas vezes estes objetos são comercializados ou às vezes servem para reforçar laços de amizade entre amigos comuns. Num Bar de Atalaia do Norte encontramos como decoração do ambiente, vários zarabatanas e aljava que foram recolhidas por madeireiros no rio Quixito. Foram trocadas por objetos (que têpos de objetos?). As zarabatanas eram de diferentes tamanhos. Dizem que são utilizadas conforme a idade do usuante. Elas têm alguma semelhança com as dos Matís, sendo o bocal grande, de madeira; o cano é relativamente longo e largo, com mira numa das extremidades; uma parte do cano é revestido de cera com pigmentação de areia. A aljava é menos elaborada que a dos Matís. Este material foi catalogado pelo dono do Bar, como pertencente aos Marúbo, assim como são conhecidos a grande maioria dos grupos tribais da região.

A FUNAI deveria instruir e capacitar seus sertanistas a adquirirem coleções de peças indígenas, para serem preservadas no Museu do Índio ou vendidas a outras Instituições. Esta precaução é motivada pelo fato que logo após o contato da sociedade indígena com a nacional, aquela passa a absorver itens culturais da sociedade dominante, sendo a cultura material indígena a primeira que sofre alterações com esta dominação.

V - Aspectos Políticos

Os madeireiros contaram que o chefe Mufu, não permite que muitos Índios se aproximem deles. Pode se explicar esta proibição como uma medida cautelar e tática por parte do grupo, sempre enviando os mesmos intermediários para dialogarem

com os civilizados. Isso ocorrendo, não permite que quantifiquem quantos eles são, não localize todas as aldeias; evita uma contaminação mais rápida das doenças etc.

As informações não permitem definir, se o Índio Mufu é o líder geral ou apenas chefe de uma maloca. Possivelmente, esta última assertiva seja a mais correta.

VI - Aspectos de Saúde

Dois madeireiros deram algumas informações sobre o aspecto sanitário e de saúde dos Índios arredios do rio Quixito. Estes temem ser contaminados pela gripe, porque possivelmente no passado tiveram péssima experiência neste particular. Quando estão nos tapiris dos civilizados, se alguém tossir perto deles, atemorizados, se embrenham mata a dentro. Não apreciam o recebimento de roupas como presente dos madeireiros, porque estas lhe "provocam tosse", ou seja, transmitem o vírus da gripe contida no vestuário. Como precaução, não tocam diretamente em nenhum objeto de propriedade do civilizado, protegem a mão com uma folha e depois pega-o. Nas transações comerciais não aceitam peças usadas e velhas, exigem material novo.

Apesar dos Índios constantemente solicitarem trocas de brindes com os brancos, há um critério estabelecido nelas, como por exemplo, recusar alimento porque este provoca dor de barriga, desinteria; pelo mesmo motivo, recusam comida com sal. Alegam que uma criança faleceu após a ingestão de alimento condimentado.

O contato dos Índios arredios com os madeireiros está tão íntimo, que Manoel Capistrano Marinho medicou um Índio que caiu de uma árvore. Durante três dias aplicou-lhe penicilina. O tratamento foi difícil porque os Índios têm medo de injeção, acham que esta vai provocar sua morte. Possivelmente, já ocorreu algum incidente neste sentido. O atendente de enfermagem ou a EVS que atenderá o grupo terá que fazer um trabalho de recuperação junto a ele, a fim de minimizar esta aversão traumática ao tratamento médico.

VII - Eleição da Área

O levantamento preliminar dos seringais e seus proprietários foi realizado através de informações coletadas junto as pessoas que conheciam o rio Quixito, ou que a^l já trabalharam ou moraram, outras que residem em Benjamin Constant e em Atalaia do Norte. Os dados foram complementados quando penetramos algumas horas adentro no rio Quixito, entrevistando seus atuais moradores.

Teoricamente e de fato, todas as glebas de terra da bacia do rio Javari e os próprios rios, possuem "donos", não havendo praticamente terra devoluta na região. Atê os locais onde hã comprovadamente índios arredios ou não, já estão em posse dos civilizados. Se fosse feita a cadeia nominal de todos os proprietários dos seringais, fatalmente constataríamos uma infidelidade de ex-donos ou pseudo-donos, como em alguns casos pudemos verificar no levantamento.

Os seringais do rio Quixito, com exceção de três, em direção a sua cabeceira, pertenciam ao filho de Manoel Onorato que depois os passou para o General Lauro Alves Pinto, residente no Rio de Janeiro. Atualmente possui dois seringais (Seringal Paraíso I e II?) que se estendem atê as nascentes, em ambas as margens do rio. Parece que este General não se interessa por suas propriedades (ou morreu e não deixou herdeiros?), pois os madeireiros e seringueiros não pagam arrendamento ("renda") a ninguém. Este rio é popularmente conhecido como o "rio para a pobreza usufruir".

Tivemos a intenção de organizar uma listagem dos Seringais de acordo com sua localização no rio Quixito. Este objetivo não foi alcançado, devido as informações imprecisas e duvidosas dos informantes. Hã necessidade de se sistematizar e plotar os Seringais no mapa, com o auxílio do mapa cadastral existente na Prefeitura de Atalaia do Norte e que no nosso retorno não houve tempo para copiã-lo.

Na boca do rio Quixito com o rio Itacoal atê suas cabeceiras, estão localizados os seguintes Seringais:

1. Seringal Boa Esperança de Francisco Batista (ou Francisco Carvalho de Oliveira?) faz extrema com o igarapé Santana (depois do igarapé Esquerdo). É o maior Seringal do rio.
2. Seringal Nova Esperança de Francisco Batista (ou Francisco Carvalho de Oliveira?) faz divisa com o Seringal Boa Esperança.
3. Seringal Nova Olinda de Antônio Leão fica no igarapé Esquerdo e nos igarapês acima dele.
4. Após esse Seringal, vem os dois seringais do General Lauro Alves Pinto (Esta informação é contraditória em relação aos dados seguintes) - Seringal Paraíso I e II?
5. Seringal Tatu de propriedade de Persiliano que passou para Chico (Francisco) Batista, mas "cuidado" (arrendado?) por outra pessoa. Este Seringal seria o Nova Empresa?
6. Seringal Nova Empresa era propriedade de Teófilo Brasil. Seu filho (engenheiro) reside em Manaus e não se interessa pelo mesmo. É considerado terra da União pelos regionais.
7. Seringal Paraíso I e II do Major Eugênio que mora no Rio de Janeiro. Este Seringal foi mencionado como pertencente ao General Lauro Alves Pinto. O igarapé Quixitinho desagua no Seringal Paraíso I.

Os Seringais que se encontram acima do igarapé Esquerdo, afluente do rio Quixito, são em número de quatro: Nova Olinda, Boa-Esperança, Paraíso I e II. Examinando a relação dos proprietários de Seringais (veja anexo nº 1) existente na Prefeitura Municipal de Atalaia do Norte, constata-se que há no rio Quixito dezoito seringais, sendo que dois encontram-se no igarapé Esquerdo. Nos dados de campo encontramos sete Seringais, sendo quatro deles localizados acima do igarapé Esquerdo. Os nomes dos seringais e das propriedades diferem da listagem da Prefeitura e daqueles que os utilizam de fato. Isso leva a supor uma constante flutuação de proprietários e de sucessivos arrendamentos de seringais. O Chefe de Posto, Figueiredo, observará este fato, pois menciona a existência de 10 a 15 casas (seringueiros) na margem esquerda do rio Quixito e muitas roças (1977:1). Dos dezoito proprietários cadastrados na Prefeitura, apenas sete têm

título definitivo, o restante, é de posse ou ocupação. Não averiguamos junto aos proprietários, a maneira como adquiriram suas glebas de terra, o que demandaria muito tempo na região.

Após tomarmos conhecimento oral do habitat dos índios do rio Quixito, que abrange desde a localização de aldeias supostamente abandonadas ou em uso, até a sua ocupação espacial em termos de exploração de produtos do meio ambiente, esta área foi incluída dentro da proposta de criação do Parque Indígena do Vale do Rio Javari, por ser uma área de posse imemorial do grupo.

O engenheiro cartógrafo da Equipe com o auxílio dos moradores do rio Quixito, localizou precariamente no mapa do RADAM, os nomes dos igarapês que se acham acima do rio Esquerdo. Não fomos até as proximidades das aldeias por acharmos desnecessário, uma vez que não vamos atuar junto aos índios arredios.

Tanto na ida como na volta da eleição das áreas, pretendíamos sobrevoar o rio Quixito, mas os dois aviões disponíveis na região já estavam comprometidos em outras tarefas, impossibilitando de fazermos o serviço. Solicitamos aos membros da Equipe do Rio Javari, que fizessem o sobrevôo, plotando no mapa do RADAM, as aldeias encontradas. Este trabalho não foi realizado porque o antropólogo foi demitido, ficando o sobrevôo a ser feito em outra ocasião.

VIII - Sugestões de Ação

Para a Ajudância do Alto Solimões atuar com um mínimo de eficiência no rio Quixito e na região, há necessidade de pelo menos resolver os problemas que foram apontados no relatório anterior.

Antes mesmo que a área do rio Quixito/Parque seja demarcada, o grupo indígena deve ser contatado e os madeireiros que aí se encontram, afastados, para se efetuar uma atração tranquila. No reassentamento dos moradores, o INCRA e a SUDHEVEA podem colaborar.

O PIA Quixito deve ser estabelecido acima do rio Esquerdo, o mais próximo possível das aldeias. A frente de atração terá uma equipe de 20 braçais, 1 atendente de enfermagem, 1

sertanista e 1 auxiliar de sertanista. Sugiro o nome do sertanista Modesto Alves França que conhece a região, para chefiar a Frente, o que economizaria tempo e verba nesta atração. O PIA necessita de uma canoa equipada com motor e combustível suficiente para efetuar o trabalho com eficiência e segurança. Precisa também de um rádio-fonia para estar em constante comunicação com a Ajudância. Aproveitando o período de seca que vai de agosto a outubro, o PIA deve ser instalado, nem que seja precariamente e parcialmente, para agir ativamente o ano que vem (1981). Além disso, a presença do PIA impedirá invasões de madeireiros e seringueiros nesta área indígena, tornando-se um obstáculo entre os dois.

Como o DGO argumentou que não possuía recursos financeiros para instalarem as frentes de atrações, a DEP cedeu três milhões de cruzeiros para iniciarem as tarefas preliminares de implantação dos PIAs. Há outros entraves de ordem burocrática quanto a implantação dos PIAs, uma Portaria Ministerial proibindo novas contratações. Existem várias formas de se coadunar problemas urgentes e de solvê-los, sem que com isso venha prejudicar a sobrevivência física dos índios, como é o caso destes e dos índios arredios dos rios Itacoai e Jandiatuba. A FUNAI pode dialogar com o Sr. Ministro e Presidência da República expondo a situação; transferir técnicos de outras áreas; racionalizar a aplicação de recursos; e tantas outras maneiras sutis e práticas podem ser utilizadas para alcançarem os objetivos pretendidos pelo Órgão.

I N D I C E

- INTRODUÇÃO	25
I - Histórico	25
II - Demografia	34
III - Aspectos Sociais	35
IV - Aspectos Econômicos	36
V - Eleição da Área	38
VI - Sugestão de Ação	40

RELATÓRIO INFORMATIVO SOBRE OS ÍNDIOS ARREDIOS DO
RIO ITACOAÍ

INTRODUÇÃO

Não mantivemos contatos com os índios localizados no Rio Itacoaí, afluente do Rio Javari, por serem arredios. Como explicamos em outra ocasião, os membros da Equipe do Rio Javari sobrevoariam esta área, para plotar no mapa as aldeias. Anteriormente o sobrevôo, já fora realizado pelas equipes de frente de atração, mas não encontramos todos os relatórios e nem a localização das aldeias, resultantes deste empreendimento. Os dados que relatamos foram obtidos através de conversas informais com funcionários da FUNAI, com moradores do Rio Itacoaí ou com pessoas conhecedora da região.

No dia 30/05/80, a tarde, saímos do Rio Quixito e retornamos ao Rio Itacoaí, em direção ao Sub-Posto Massapê (Kanamari e Korina). Após dois dias de viagem (31.30 horas) de barco a motor, passamos pelo ex-PIA Itacoai que fora queimado pelos índios. Com mais 9.30 horas de viagem cruzamos pela boca do Rio Branco, afluente do Rio Itacoai. Num total de três dias de viagem, de barco, perfazendo um total de 41 horas, navegamos em área de índios arredios. Durante este percurso, aproveitamos para complementar informações com os seringueiros e os regatões, o mesmo ocorrendo no retorno do Sub-Posto Massapê, em direção ao Rio Ituí.

I - Histórico

Os índios que se localizam entre o polígono formado pelos rios Itacoaí, Branco e Ituí são conhecidos por várias denominações como por exemplo, por Marúbo e Marubão. Um seringueiro contou que o chamam de Marúbo porque apareceram no igarapé Marúbo, afluente do Rio Itacoaí, matando uma pessoa. Também pelo nome de Marúbo eram conhecidos em 1870, conforme o "Map of Equatorial America", feito pelo Prof. James Orton. Este os

localiza por toda a extensão dos rios Javari, Cúruçã, Ituí e Itacoaí. O sertanista Costa presume que sejam Mayoruna os Índios que destruíram o PIA Marúbo pela primeira vez, em julho de 1973. (1973 (b), pág. 1). O Chefe do PIA Marúbo, Tôrres, os chama de Kaniwã porque os Índios assim se identificaram, após terem mantido contato com eles, em 24/11/75 (1975:9). Como Índios Korubo são identificados pelo Matís, do PIA Ituí. Os Índios são temidos pelos regionais, devido a sua agressividade e valentia. Referem-se a eles como os Índios mais "brabos" da região.

O armador Sebastião Guida (ex-madereiro) contou que por volta de 1950, quando trabalhava no Igarapê Coari, afluente do Rio Ituí, tinha contato com os Índios. Estes construíram um tapiri para ele morar, a um dia de caminhada da cabeceira do igarapê Coari. Deste local caminhava-se dois dias e alcançava-se a maloca. Comunicavam-se por mímicas e o madereiro os agraciava com brindes. Os Índios nunca atacaram os civilizados. Estranha, porque tornaram-se hostis somente há poucos anos atrás.

O seringueiro Albertino Vieira de Almeida completa os dados, dizendo que em 1955 os Índios procuram contato com eles, aparecendo nas margens do Rio Branco, afluente do Rio Itacoaí e deixando banana pacovão nas suas estradas de seringa. Desconhece a causa que levou os Índios do igarapê Marúbo, afluente do Rio Itacoaí, a se revoltarem.

Segundo o relatório do sertanista Lima, que esteve no rio Itacoaí verificando a morte de um seringueiro próximo ao igarapê Marúbo, informa que os Índios arredios habitam a margem esquerda deste rio, principalmente nas cabeceiras do igarapê Marúbo, nos rios Novo (afluente do rio Ituí) e Branco. Esta área é a de maior afluência de Índios e aí têm suas malocas (1969:4). O motivo que levou os Índios a reagirem, matando o seringueiro no igarapê Marúbo, foi devido ao fato de alguns jovens madereiros ao fazerem uma exploração naquela região, ao depararem com uma maloca, quebraram as cerâmicas, cortaram as redes e fincaram as suas lanças nos varadouros (pág. 5).

O Sertanista Costa confirma a localização dos Índios e acrescenta mais o Seringal Floresta, como um lugar muito utilizado por eles. Nenhum civilizado manteve diálogo com eles,

após esta fase de rejeição ao mesmo. Sabe-se de sua existência pelos reconhecimentos aéreos e pelos ataques que desferem aos regionais nesta área, que iniciou em 1967-8 (1972:3). Costumam surgir em grupo que varia de duas a trinta pessoas. Nos massacres, as meninas são poupadas e conduzidas para a maloca. Os mecanizadores das margens opostas dos rios nunca foram molestados pelos Índios. Ocorreram várias mortes e ataques nesta área, inclusive a 15 anos atrás (1957). Os fatos mais recentes foram em:

março de 1968: no igarapé Marúbo uma menina é raptada e outra morta;

agosto de 1968: no rio Branco ocorre um incêndio na casa de seringueiro;

agosto de 1969: 2 horas abaixo do igarapé Marúbo um homem é morto (pág. 4);

1971: no rio Itacoai (Seringal Floresta) é morto um madeireiro;

1972: no rio Novo um homem é morto (pág. 5). Neste mesmo ano um seringueiro atirou num grupo de Índio. Seu patrão (Aldemiro) encobre o acontecido, receando que seus aviados do rio Ituí se retirassem, prejudicando seus negócios (Figueiredo, 1978:1).

Diante dos incidentes, a FUNAI instala um Posto de Atração, em janeiro de 1972, localizado na margem direita do Rio Itacoai, a 300m acima da foz do igarapé Marúbo, em terras altas (pág. 6). A Portaria nº 67/N, de 08/06/72 cria oficialmente o PIA Marúbo. Devido a grande hostilidade dos Índios e a deficiência de recursos, os trabalhos de atração se desenvolveram lentamente (Costa, 1972:4). Em 1973 já existia o sub-Posto do Rio Branco, nas proximidades dos igarapés Açaí, Nova Sorte e Taboca, pois os Índios surgiam com frequência nestes lugares. Houve uma morte a muitos anos atrás, que o seringueiro atirara nos Índios quando colhiam macaxeira na sua roça. Este grupo é considerado pacífico pelos regionais, pois aceita presentes dos seringueiros, deixados nas estradas de seringa. (Costa, 1973:5).

O sertanista Costa, Encarregado da Frente de Atração Marúbo e Maya, relata que em abril de 1973, encontraram rastros e restos de animais abatidos na mata, próximo a área do Posto Marúbo (1973:1). Poucos meses depois, em 02/07/73, os Índios

dios atacaram o PIA Marūbo, queimando-o totalmente e matando a cacetada a esposa de um braçal. Calcularam que o ataque fora realizado por dois adultos e um menor. Ao redor do PIA havia pegadas de índios. O tapiri feito pelos índios estava na mata, de onde observavam o Posto e o rio. Levaram dois machados e seis panelas, o resto do material foi destruído, inclusive as peles de animais dos Kanamari (pág. 6).

Uma reconstituição detalhada dos acontecimentos ocorridos no PIA Marūbo, foi fornecida por Carvalho, Sub-coordenador da COAMA. Os índios cercaram o Posto com um comportamento belicoso. Destruíram uma cerca de arame e tentaram derrubar a casa-sede. Era grande a quantidade de índios que surgiu naquela ocasião. Um funcionário, assustado, lançava de dentro da casa todos os brindes, que iam sendo quebrados a golpes de bordunas (1973: 1).

Decorrido pouco tempo depois desse incidente, os índios arredios voltam a atacar o PIA Marūbo, em 16/08/73, matando um braçal e ferindo gravemente o encarregado do PIA, Bernardo Müller Filho, que tinha substituído o sertanista Sebastião Amâncio da Costa. Os índios apareceram no Seringal Florestinha, na margem oposta ao PIA e através de gritos e gestos, os convidavam a virem a seu encontro. Demonstravam intenção belicosa. Havia mais de 100 indivíduos entre adultos e crianças. O encarregado do Posto, Müller presenteou-lhes peixes frescos. Pouco tempo depois a equipe foi cercada por 4 índios que os seguraram pelos braços e desferiram golpes em suas cabeças (pág. 3).

Em janeiro de 1974 os índios iniciam a coleta dos brindes nos tapiris, que foram localizados onde havia sinais de passagem de índios (Costa: 1974:1). Assim, após o massacre, as atividades do PIA Marūbo prosseguem tendo mais uma frente de atração no Igarapé Tabocal; localizada no Rio Branco, afluente da margem esquerda do Rio Itacoai. Havia carência de pessoal na Frente. O sertanista Rodriguês, o novo encarregado, continua adotando a técnica "... de atração que vinha sendo mantida anteriormente, que consistia em explorar os igarapês para localizar as malocas, e a colocação de brindes em tapiris nos locais onde era encontrado vestígios da presença de índios". (1974 (b), pág. 2). Em maio de 1974, os índios matam um seringueiro que estava caçando no lago

Meruim (Figueiredo, 1978:1).

Os índios arredios passam a visitar a área do PIA e a serem vistos em vários locais ao longo do Rio Itacoai, a partir da foz do Rio Branco até a foz dos rios Ituã/Itacoai. Os brinde eram constantemente retirados dos tapiris pelos índios (1974 (b): 3). O chefe do PIA Marubo, Torres, fornece alguns detalhes do prosseguimento da fase de "namoro" com índios e onde se localizam. Um civilizado que reside perto do sub-Posto Tabocal, informou-me que várias vezes em outubro de 1974, foram avistados índios acompanhados de crianças, no seu roçado, arrancando mandioca. Fugiam ao enxergá-lo. Outras vezes foram surpreendidos em flagrante ao apanharem cachos de bananas e espigas de milho (1975: 4). O civilizado contou-me, que há muito tempo atrás, eles roubaram uma goiva, um terçado e um machado (pág. 5).

Em novembro de 1974, o chefe do PIA Marubo, acompanhado por índios/funcionários, percorrem os varadouros dos índios arredios, encontrando-os interditados por varas e cipós. Dentro desse território limitado, constrói um tapiri para brindes (pág. 7). Decorridos alguns dias, retornam ao tapiri e constatam que quase todos os presentes foram retirados pelos índios (pág. 8). O sertanista Costa relata que em 24/11/74 ocorre a confraternização entre funcionários e índios, tendo estes recebidos presentes de Valmir de Barros Torres, Chefe do PIA Marubo. Os funcionários eram em sua maioria índios, trazidos dos Rios Itacoai, Ituã, Curuçã e Javari para cooperarem na atração. A fase final de atração estava para se concretizar. Ainda este mês (novembro de 74), o auxiliar de atração, Bernardo Müller Filho, retorna as suas atividades no PIA Marubo (1974 (b), pág. 3).

O Chefe do PIA Marubo conta que mudam de estratégia de ação, diante deste acontecimento por medida de precaução proíbem a caçada na área indígena e desmancham os tapiris, deixando apenas um, que fica em local estratégico, para obrigar os índios a irem ao Posto buscarem os presentes (1975:9). Os regionais comentam que o sertanista Sabã Manso (Sebastião Amâncio da Costa) queria jogar "bomba" (fogos de artifícios) na área dos índios arredios, a fim de "amansá-los" mais depressa. →

← Seu objetivo não foi alcançado, porque Brasília não o autorizou a utilizar estes meios.

A fim de agilizar os contatos finais com os índios arredios o sertanista Costa sugere" ... a instalação de mais dois subpostos, um no igarapé Açaí, tributário da margem esquerda do Rio Branco, sendo este último afluente da margem esquerda do Rio Itacoaí; e o outro subposto no Rio Novo, afluente da margem direita do Rio Ituí; isso considerando que ditos cursos d'água cercam a área onde habitam os índios arredios e ainda que os locais indicados são frequentemente visitados pelos índios" (1974 (b), pág. 1).

Em 06/02/75 surgem no lado oposto ao Rio Itacoaí, em frente ao PIA. Marúbo, aproximadamente 200 índios, tentando hostilizar o pessoal da frente de atração (Rodrigues, 1975:1). Depois mudam de atitude, colocando as mulheres e as crianças na frente, em direção ao PIA, numa atitude pacífica. Durante oito horas os índios permaneceram neste jogo de demonstração de oposição: amigos/inimigos. Outra visita esporádica é realizada em 16/10/75, mas os índios apenas observam o andamento do PIA. Talvez as visitas se intensifiquem mais entre maio/setembro, período em que as chuvas escasseiam (pág. 2).

Paralelo a este trabalho, a equipe de atração do PIA Rio Branco vinha colocando brindes nos tapiris das imediações deste, objetivando atrair o grupo indígena. Em 20/09/75 ocorre o primeiro contato neste PIA., após três anos de negociações. Compareceram 40 índios em atitude pacífica, falando uma língua com termos Mayoruna. Pedem facões, tesouras e machados. Não atenderam ao pedido, cumprindo ordens da Coordenadoria da COAMA. No segundo dia, a equipe localiza uma maloca, que fica algumas horas de caminhada do PIA Rio Branco (Souza e Silva, 1975: 1). Em agosto/setembro de 1975 os índios atacam um seringueiro perto do lago Meruim (Figueiredo, 1978:1).

Apesar de tudo indicar um desfecho amistoso no contato, em dezembro de 1975, o Auxiliar da Frente de Atração do PIA Marúbo, Jayme Sena Pimentel, é morto pelos índios que formalmente se recusam a serem contactados. Após este incidente, o PIA é desativado. O Auxiliar da Frente de Atração do PIA Rio

Branco, Nilo Nogueira, acha que através dos índios deste PIA, pode-se chegar aos índios que atacam o PIA Marúbo, por concluir que se constituem em apenas um grupo indígena. Sugere que sejam atraídos para a área do PIA. Ituí, onde seriam "pacificados", pois o sertanista Rubens Pastana Tavares, Chefe do PIA. Ituí, possui uma farta roça em ambas as margens do rio Ituí. Isso facilitaria as atividades do PIA Rio Branco, que está sem recursos para acolher os índios recém-contatados (pág. 2). Ao longo do percurso entre os PIA Branco e Ituí seriam colocados os tapiris. Na realidade, os índios estão concentrados mais na direção do PIA Ituí do que do PIA Rio Branco (pág. 3).

Esta informação foi confirmada pelo madeireiro Marinho de Alencar, ao comentar que os índios do PIA Marúbo são os mesmos que aparecem no Rio Novo de Baixo, afluente do Rio Ituí. Mais ou menos em 1976 um madeireiro foi morto a cacetada por estes índios, neste rio. Outro madeireiro, Manoel Capistrano Marinho, comentou que os índios que habitam os igarapês Coari, Jacurapã e Novo são os do PIA Marúbo. Todos os Postos de Atrações são fechados. Tavares pretende reativar a frente de atração em julho de 1976 para que os índios não matem mais ninguém (1975:3). Em 1977, o Chefe da BFSOL, informa que o PIA Rio Branco ainda encontra-se paralizado e solicita sua reativação para este ano (Silva, pág. 9). Em julho de 1977 os índios atearam fogo no barracão do seringueiro Djalma, no rio Coari (Figueiredo, 1978:1).

Após decorrido um lapso de quatro anos, os índios arredios estão sendo recontatados desta vez por regionais que estão interessados em explorar a região. Estão cientes que este ano (1980) os índios estão construindo maloca no igarapé Marúbo, afluente do Rio Itacoai, onde já ocorreu os massacres com funcionários da FUNAI. O madeireiro Santiago (peruano) que trabalha no igarapé Marúbo, em outubro 1979, restabelece um primeiro contato com os índios. Ele está "catequizando-os e não os atrapalha", como nos explicou um seringueiro do Rio Itacoai. Santiago pediu aos índios que não "mexessem" (matassem) com os civilizados e assim está ocorrendo. A intenção do madeireiro é "amansar" os índios, por isso, só retornará as margens do rio Itacoai, depois que isso acontecer. Para acelerar a sua atividade pacificatória, em janeiro de 1980, pediu brindes à Ajudância do Alto

do Solimões, que lhes negou. Arruma CR\$ 6.000,00 emprestado de um madeireiro e compra bonecas e presentes para os Índios. O Santiago fala cinco idiomas, dentre eles uma língua falada por uma tribo do Rio Juruá, que dizem ser a mesma dos Índios do PIA Marubó. Este madeireiro pretende intensificar o contato, porque no período da coleta de ovos de tracaçã, os Índios aparecem mais frequentemente nas margens do Rio Itacoai.

Os Índios estão aparecendo pacificamente nas margens do Rio Itacoai em frente aos Seringais Porto Alegre, arrendado por Artur Ramos e do Floresta, de Flávio Azevedo. O PIA Marubó estava localizado na extrema do Seringal Porto Alegre. Os Índios são vistos mais em direção ao Rio Ituí. Não há vestígios de Índios no interior da mata, da Boca do Rio Ituí ao Seringal Porto Alegre. Não aparecem no Seringal Ladário. Costumam aparecer também com mais frequência no igarapé Fraternidade, na margem direita do Rio Itacoai. Se um barco atracar na margem esquerda, os Índios entram nele, comem bolacha, bebem cachaça e nadam com a tripulação.

Os constantes aparecimentos de Índios preocupam os civilizados e nestas ocasiões os seus preconceitos, raiva e estereótipos se manifestam, como ouvimos um comentário de uma seringueira: "bala ajeita esses Índios". Outra seringueira, residente no Seringal Floresta, que fica na margem oposta aos Índios, qualifica esses de "bichos brabos, que são querem fazer maldades". Estes preconceitos ainda eram existentes em 1975, quando os regionais manifestavam seus desagrados aos Índios, dizendo que quando aparecessem, iriam matá-los (Tavares, pág. 3). Os Índios estão amiudando seu aparecimento aos civilizados, pois primeiramente se manifestavam de julho a setembro, na época da seca, agora apareceram em fevereiro de 80. Os Índios acenam, chamando-os, mas têm medo deles, apesar de não portarem instrumentos nas mãos. Na praia aparecem mulheres, crianças, macacos e quatis. Desconfiam que na mata, há mais Índios escondidos. Utilizando dessa estratégia, os Índios ficaram a estação de inverno aparecendo nas barrancas da margem esquerda do Rio Itacoai. Dois funcionários da SUCAM confirmam que em fevereiro viram muitos Índios entre a Boca do Rio Ituí até o Igarapé Coari, afluente deste rio.

Devido a ausência de atuação da FUNAI na área, o relacionamento dos Índios com os regionais está se estreitando cada vez mais. Há dois meses (abril e maio) os Índios estão se aproximando mais intimamente dos mesmos. Raimundo Guida, aviado de José Pinto, se diz amigo dos Índios. A amizade com o madeireiro Raimundo Feliz está ainda mais atuante, pois conquistou-os, comprando-lhes roupa e presentes, no valor de CR\$ 10.000,00. Os Índios o abraçam, tomam banho com ele. Contam que os Índios pediram para ver os seios de uma moça que acompanhava o Raimundo Feliz. Todo esse "interesse" do madeireiro pelos Índios, é motivado pelo desejo que tem de explorar as madeiras desta área. Ninguém o fez anteriormente, por medo dos Índios.

Além desse contato indiscriminado que está se efetuando entre os Índios/madereiros/seringueiros, ocorrerá outro, com a presença da 31ª Equipe da PETROBRÁS, encarregada da detonação, que pretende entrar também na área. Possivelmente ocorrerão atritos entre os dois grupos, além dos Índios irem sendo empurrados para o território dos Matís, seus vizinhos do Rio Ituí, o que poderá também resultar num choque intertribal. A FUNAI deverá impedir a penetração da PETROBRÁS nas áreas indígenas, expondo a situação a seus representantes na cidade de Tefé, onde está situada, ou numa instância mais superior.

A frente de atração do PIA Marúbo deverá ser reativada em caráter de urgência, em lugar cuidadosamente escolhido, antes que haja uma fricção interétnica de maiores proporções. Como o Departamento Geral de Operações (DGO) alegou não possuir recursos humanos e monetários para reativar o PIA, a DEP/DGPC cedeu um milhão de cruzeiros, para que os trabalhos fossem realizados com brevidade (Veja Memo. nº 315/80-DGPC). Mas parece que a agilização não aconteceu dentro da conformidade que o caso requeria. A burocratização emperra este mecanismo.

O auxiliar de sertanista Pedro Coelho se prontificou a trabalhar no PIA Marúbo, pois desde 1976 atua neste setor, além de ter 10 anos de serviços prestados ao órgão. Como merecimento por seu trabalho e esforço, deveria ser promovido a sertanista e atuar no local solicitado. Este funcionário fez uma análise preliminar da técnica utilizada no PIA Marúbo, que se re

sume no seguinte: Valmir Barros Tôrres, era o Chefe do PIA, Arnal do era o Chefe da Frente de Atração e Jayme Pimentel era auxiliar deste. Todos faziam relatórios separadamente. Não havia uma orientação técnica única, cada um era Chefe de seu setor. Essa setorialização de atividades prejudicou e dificultou a maneira de se contatar o grupo indígena arredio. Além disso, a técnica utilizada pela equipe não foi muito adequada, pois após repetirem as palavras dos Índios, riam, o que possivelmente foi interpretado por eles como gracejo. Os encontros não foram amistosos e houve uma precipitação ao acelerarem os mesmos.

II - Demografia

Em 1972 o número de aldeias de Índios arredios do Rio Itacoaí era desconhecido, mas estimavam uma população de mil pessoas (1a. DR, pág. 10). Uma seringueira da área também calculou duas mil pessoas que apareciam nas praias do Rio Itacoaí. Os cálculos parecem elevados, pois é atípico da região do Rio Javari, um número de pessoas tão expressivo para grupos indígenas.

Em 1974 o sertanista Bernado Müller Filho havia encontrado algumas malocas (casa ou aldeias?) no Igarapé Correia, afluente do Itacoaí (Rodrigues, 1974:2). A direção da Base Avançada em 09/12/74 sobrevoa este Igarapé e confirma o dado anterior (idem, pág. 3). Novamente, em 14/12/74, o Chefe da BFSOL, sobrevoa a área e após sete minutos de voo nas imediações do Igarapé Correia, localiza as malocas. Os Índios mostram as panelas que recebem no PIA Marúbo (Silva, 1974:1). Os dados aéreos não indicam o número de aldeias ocupadas ou abandonadas pelos Índios. Uma informação verbal de Sebastião Amâncio, informa que foram vistas sete aldeias nestes sobrevôos.

A cifra populacional apresentada pelo sertanista Rodrigues, em 06/02/1975, são mais realísticas: 200 Índios apareceram em frente ao PIA. Marúbo (1975:1). Este dado é corroborado pelo sertanista Modesto Alves de França, quando sua equipe, em 21/09/75, deparou-se com uma aldeia de cerca de 200 Índios, há poucas horas do PIA Rio Branco. As casas comunais (malocas) estavam dispostas ordenadamente, quatro em sentido horizontal e duas em vertical, uma atrás da outra. As casas comunais mediam aproximadamente 25m x 3m. No interior delas, há nichos familiares, numa,

foram registrados dez compartimentos (Souza e Silva, 1975:1). Este estilo de divisão espacial é comum nos grupos indígenas de língua Pãno.

Nilo Nogueira, auxiliar de encarregado de frente de atração do Rio Branco, comenta que em 1975 foi iniciado o contato com aproximadamente 250 índios arredios (Silva, 1977:9). Esta informação vem reforçar os dados dos sertanistas Modesto Alves e Pedro Coelho, sendo que este estima de 200 a 250 índios arredios. Um seringueiro acha que há 500 pessoas.

O madeireiro Santiago precisou a quantidade de maloca (ou aldeia?), dizendo que sabia da existência de três pequenas e que tinha muita gente, mas não foi visitá-las no Igarapé Marúbo. Já o auxiliar de sertanista, Pedro Coelho, afirma que as malocas (ou aldeias?) estão concentradas num lugar só, próximo a um lago, entre os Rios Ituí e Curuçã.

Devido a imprecisão do número de aldeias e de índios existentes no Rio Itacoai, há necessidade antes de se reiniciar os trabalhos nesta área, fazer um sobrevôo, para localizar definitivamente as aldeias e planejar uma metodologia de ação mais racional e eficiente. Com isso, racionalizando a aplicação de recurso e diminuindo as possibilidades de perdas de vidas humanas para o contatante e o contatado. A localização do novo PIA será resultante de onde forem encontradas as aldeias, no sobrevôo, se mais em direção do Rio Ituí ou do Itacoai.

III - Aspectos Sociais

Uma seringueira comentou que os índios tem a pele clara e andam nus. São exímios nadadores, nadando de costa e em estilo cachorrinho. Este fato os surpreendeu porque sempre julgaram que eles não sabiam nadar, já que nunca atravessaram para a margem oposta. Agora receiam um ataque de surpresa.

Segundo Tôrres, os índios pintam o corpo com urucū e genipapo (1975:5). Uma seringueira contou que os homens se untam de urucu e o cabelo é cortado em estilo coroa. Maiores informações sobre adornos corporais, veja Souza e Silva, 1975, pág. 2.

Os índios do PIA Marúbo provavelmente falam um dialeto da família Pâno, pois há intrusão de palavras Mayoruna, que foram entendidas por intérprete deste grupo, que fazia parte da equipe de atração. O sertanista Costa informa que também havia índios Marúbo, Kanamari e Korina na Equipe de Atração (1973/74:1).

IV - Aspectos Econômicos

Segundo Pedro Coelho os índios arredios têm uma roça de macaxeira no igarapé Coari. Entre 1978/79 estiveram muito próximos da maloca dos Matís, no igarapé Jacurapã, afluente do Rio Ituí. O sertanista Modesto Alves, do subposto Rio Branco, no tou perto da aldeia que visitou, roças com milho, mandioca, mamão, cana-de-açúcar, inhame e batata (Souza e Silva, 1975:1).

Carvalho informa que usam zarabatana e borduna, mas não se utilizam de arcos e flechas (1973:4). Já o chefe do PIA Marúbo registra a existência de arcos de mais de dois metros de comprimento (Tôrres, 1975:5). Pedro Coelho afirma que possuem arco. Possuem também lança de paxiúba (?) - Souza e Silva, 1975:1. Durante a viagem pelo Rio Itacoai vimos muitas pegadas de capivaras nas suas margens, ao passo ^{que} no Rio Ituí, nada constatamos. Isso demonstra uma possível fartura de caça na área do Rio Itacoai e sua escassez no Rio Ituí.

Foi encontrado perto do subposto Tabocal um pequeno jarro de barro (Tôrres, 1975:3). Pelo feitio do mesmo, em língua Mayoruna este é chamado de "math'sum-pi" (pág. 5). Também no subposto Rio Branco foi achado uma panela de cerâmica, junto a um tapiri (Rodrigues, 1975:3). A posse de cerâmica vem confirmar que este grupo indígena pertence a família lingüística Pâno.

Tôrres comenta que suas canoas são feitas de paxiúba (pág. 5); para se deslocarem pelos igarapês (Souza e Silva, 1975:1).

A seringa antigamente foi exaustivamente explorada na região, sendo ela a causadora do povoamento da mesma, atraindo pessoas de diversas zonas do Brasil. Em 1950, o zoólogo José Cândido Carvalho encontra no igarapé da Bananeira, quatro seringueiros, sendo três cearenses e um amazonense, recém-chegados do Rio Juruá, que esperavam extrair muita borracha naquela estação (1955:

44). Ao prosseguir viagem, depara-se com um seringueiro acreano, na colocação Santa Maria (pág. 45).

O povoamento da área estava condicionado a produção da borracha, sendo que atualmente ocorreu um êxodo, devido ao esgotamento das seringueiras. Carvalho comenta que entre 1973 a 74 a quantidade de moradores do Rio Itacoaí aumentou. Estes estabeleceram-se na sua margem direita, o que pode ter irritado os índios que habitam a margem oposta do rio (1973, pág. 5). Ao fazermos este mesmo trajeto, sete anos depois, encontramos espalhados ao longo do Rio, vários jiraus de seringueiros, inclusive dentro ou próximo as áreas indígenas. Também em 1974, Tôrres, registra a presença de uma casa de seringueiro apenas, a 2:30 horas, de motor, do PIA Marúbo (1975:9).

O seringueiro por ser fixo na sua gleba, poderia ser um grande impecilho ao índio arredio, mas como seu número é inexpressivo no Rio Itacoaí, não o afeta diretamente. Ao passo que o madeireiro, apesar de permanecer somente um período do ano em uma determinada localidade e passar para outra, após o esgotamento da madeira, a sua presença é de grande perniciosidade ao índio, além de dilapidador do patrimônio indígena. Esta preocupação também era de Gilvan Silva, em 1977, quando solicitava a abertura do PIA Marúbo, expondo que "... a penetração cada vez maior de civilizados na região, com o objetivo de extrair madeira, latex e outros produtos existentes; o que vem causando um contacto inconveniente com os indígenas, acarretando sérios transtornos para a formação e atitudes futuras" (pág. 11).

A exploração de madeiras nos últimos anos tem se intensificado em demasia na região, devido ao preço que as mesmas atingem no comércio nacional e internacional. Um toro de cedro de primeira qualidade varia de CR\$ 2 a 3.500,00 m^3 , pago pela firma principal de Benjamin Constant, a do Victor Magalhães. O reflorestamento da espécie é difícil, pois os galhos custam a brotarem ou não vingam. A maior concentração de madeira de lei encontra-se em áreas indígenas, daí os atritos entre índios/brancos, pois estes querem forçar sua passagem para elas, mesmo sabendo que serão rechaçados pelos seus ocupantes.

O madeireiro Santiago já retirou do igarapé Marúbo, mais de cem toros de cedro. Ao subirmos o Rio Itacoaí, em maio,

cruzamos com o rebocador do madeireiro Aurélio, que transportava para a Atalaia do Norte mais ou menos 250 toros de cedro. Não ficamos sabendo se estes foram retirados de área indígena.

Tanto os madeireiros como os seringueiros são aviados por patrões ou regatões. Alguns destes se intitulam como "donos" do rio, a onde estão localizados seus fregueses, que são abastecidos de mercadorias por estes. Dizem que os Rios Itacoã e Quixito não têm "donos".

O madeireiro tem um contrato de seis meses com a Firma ou o patrão que vai lhe aviar as mercadorias, em troca da matéria-prima. Pagam juros sobre o aviamento retirado. A medida que o preço das mercadorias aumenta, o preço do m³ da madeira também. Se a madeira não for escoada do igarapé na época da cheia, o patrão não receberá o pagamento das mercadorias aviadas, pois dificilmente o madeireiro conseguirá abater grande quantidade de madeira para obter o outro aviamento e saldar a dívida anterior.

Atualmente a situação do madeireiro e do seringueiro está melhor, pois pode obter financiamento do Banco do Brasil e do BASA, sendo primeiro necessário conseguir uma licença do IBDF, de Manaus. A FUNAI pode se utilizar destes mesmos canais e mais a SUDHEVEA, para impedir a exploração extrativista nas áreas indígenas dos altos rios, mediante a exigência destes órgãos da apresentação de Certidão Negativa.

V - Eleição da Área

José Porfírio de Carvalho registrou que em 1973, desde a confluência dos rios Ituí com o Itacoã, a margem esquerda deste era desabitada. Na margem direita do Rio Itacoã o seringueiro mais perto do PIA Marúbo ficava a oito horas de lancha. O des povoamento era motivado pela agressividade dos índios, que atacavam mesmo os que iam a praias da margem esquerda (pág. 2).

Apesar de todo o Rio Itacoã ser de propriedade de vários seringalistas, o Delegado Regional da 1a. DR, Kavamoto, informa à Companhia Industrial do Norte, em 1977, que no Rio Branco, a partir da foz com o Rio Itacoã, em toda a extensão é ocupada por índios. Nesta informação excluiu a parte referente a boca dos rios Ituí com o Itacoã, área dos índios arredios do PIA Marúbo.

Enquanto subíamos o Rio Itacoaí em direção ao Masapê, fomos fazendo o levantamento dos Seringais, dos seringueiros e dos arrendatários na área que consideramos indígena, por já possuímos elementos que assim a definiam. Constatamos que da boca do Rio Ituí com o Rio Itacoaí até o Seringal Ladário, a inexistência de casas na margem esquerda do Rio Itacoaí. Desta confluência até a boca do Rio Branco, afluente do Rio Itacoaí, localizamos o:

- 1) - Seringal Ladário: de propriedade de Aldemiro Uchoa. Reside os seringueiros José Castro de Menezes, José Osaua e Dêu com suas famílias. Raríssimos seringueiros moram na mata sem as famílias, ao passo que os madereiros estão sempre desacompanhados delas.
- 2) - Seringal Valença: de propriedade de Francisco Teixeira.
- 3) - Seringal Arena: de propriedade de Josina Campos de Albuquerque, estando arrendado para Francisco Teixeira de Araújo.
- 4) - Seringal Entre Rios: de propriedade de Adélia ..., estando arrendado a Cílio Braulio.
- 5) - Seringal Porto Alegre: de propriedade de Josina de Campos de Albuquerque, estando arrendado a Artur Ramos.
- 6) - Seringal Floresta: de propriedade (ou arrendatária?) de Adélia. Ninguém trabalha neste Seringal com receio dos índios.

Examinando a relação dos proprietários de seringais do INCRA e da Prefeitura Municipal de Atalaia do Norte (veja anexo nº 1), foi registrada a presença de 86 seringais em ambas as margens do Rio Itacoaí em toda a sua extensão. Destes, 49 possuem Título Definitivo, 17 são Escritura Pública e 4 são de Ocupação.

Os seis seringais levantados pela Equipe possuem Título Definitivo ou Escritura Pública dos mesmos, mas os proprietários são outros, conforme a lista de relação dos proprietários do INCRA. Nesta lista, um seringal tem vários subdivisões, o que não foi registrado em campo, porque os informantes não o dividiram.

O Rio Branco, afluente do Rio Itacoaí, uma parte fica na área dos índios arredios e o restante, o alto rio, pertence aos Matís. Portanto, toda sua extensão é área indígena. Segundo a relação de proprietários de seringais do INCRA, há 18 glebas neste rio. Destes, 3 possuem Título de Posse e 13, com Título Definitivo (Veja anexo nº 1).

VI - Sugestões de Ação

Antes da demarcação dessa área indígena, que constituirá parte do Parque Indígena do Vale do Javari, precisa ser reativada a frente de atração, a fim de ser confirmada "... a presença da FUNAI em áreas isoladas, evitando o contato e a exploração desses indígenas por inescrupulosos, e ao mesmo tempo proporcionar um contato mais adequado" (Silva, 1977:4).

O PIA deve funcionar com número de pessoal adequado e com toda a sua infra-estrutura, para poder desempenhar com segurança e eficácia a sua missão. Necessita de 20 braçais, 1 atendente de enfermagem, 1 sertanista e 1 auxiliar de sertanista. É indispensável a existência de um rádio-fonia novo e de uma canoa com motor, sem os quais não é possível funcionar um PIA.

Se o PIA não for localizado no mesmo lugar de antigamente, há necessidade de um Posto de Vigilância na boca dos rios Ituí com o Itacoaí. O Posto de Vigilância seria constituído de dois braçais e equipado com uma canoa a motor, para ter maior mobilidade de ação. A necessidade da criação de foco de vigilância, já foi enfatizado por Gilvan Silva, ao fazer suas considerações sobre a reativação do PIA Marúbo: "... a necessidade de manter vigilância, nos locais mais êrmos evitando assim a exploração e a utilização dos índios como mão de obra escrava, e as vezes massacres perpetrados por indivíduos interessados na exploração das riquezas naturais" (1977:11).

Possivelmente este novo trabalho de atração terá mais sucesso que o anterior, pois a área indígena está delimitada, sendo evacuados todos os regionais que se encontram dentro dela. Já Rubens Tavares, em 1975, solicitava que as famílias dos regionais fossem retiradas para não prejudicarem o andamento do

serviço e evitar novas agressões dos índios (pág. 2). Também o trânsito de regatões pelos rios diminuirão, pois seus fregueses mudarão para outras paragens, e/ou ocuparão sô uma margem de rio. É impossível efetuar a atração de grupos indígenas com a área povoada de intrusos, pois um pequeno imprevisto por parte destes, pode mudar o rumo dos acontecimentos, pondo em risco a vida das pessoas. O INCRA e a SUDHEVEA poderão assentar os civilizados, que trabalham nos seringais dentro da área indígena, em outro lugar da região amazônica.

Um fator primordial que dita o êxito da nova frente de atração e o destino da comunidade indígena a ser contatada, é o nível de qualificação do pessoal que comporã a equipe de frente de atração. A seleção e treinamento desse corpo técnico, deve ser realizada com meticulosidade. O incentivo de sua permanência no quadro funcional da FUNAI deve ser constantemente estimulada, através de salários compensadores, qualidade de alimentação adequada a região e ao clima, ou seja, adaptada aos hábitos culturais do empregado. O lado humano, familiar e psicológico do funcionário de campo é um aspecto que carece de maior atenção e estudo por parte do Órgão. Talvez a inexistência desses fatores, tenha contribuído parcialmente para a ineficácia da atração dos índios do PIA Marúbo, conforme transparece na parte final do Relatório do sertanista Estevão Rodrigues (1975), nas páginas 3 e 4. A falta de assistência ao pessoal de mato, em seus vários aspectos, provoca-lhes desilusões, pois este não vislumbra compensações pelos esforços despreendidos numa região inhóspita e distante de seu convívio social. Esta situação, o sertanista Rodrigues a caracterizou com clareza "... a vida no mato além de duríssima, acaba contribuindo para a desumanização do homem" (pág. 4).

I N D I C E

I - Histórico.....	43
II - Aspectos Culturais do Grupo	44
III - Atração e Proposta de Área	45

RELATÓRIO CONTENDO INFORMAÇÕES ESPARSAS SOBRE OS ÍNDIOS
ARREDIOS DO RIO JANDIATUBA

Estava sobre a responsabilidade da 3a. Equipe que faria a delimitação dos grupos indígenas que habitam o Rio Ju taí, afluente do Rio Solimões, fazer o levantamento dos agrupa mentos indígenas radicados no Rio Jandiatuba, também afluente do Rio Solimões. Mas ao indagarmos sobre a existência de Índios arredios ao longo do Rio Itacoaí, recebíamos informações também de Índios arredios que habitavam o Rio Jandiatuba. Por consequên te, resolvemos registrar estes dados, que serviriam de subsídios para a outra Equipe.

I - Histórico

Já era do conhecimento da FUNAI, em 1973, a exis tência de Índios arredios na nascente do Igarapê Uchoa, afluente da margem direita do Rio Itacoaí, conforme relatório do sertanis ta Sebastião Costa. Os madeireiros encontraram plantações de banana e pupunha, mas não viram malocas. Os Índios deixaram em seus barracos, banana e carne moqueada (1973:5).

Estes Índios foram identificados sobre diversas denominações e localizados em diferentes lugares: Mayoruna (Pãno), localizados na cabeceira do Jandiatuba (Diversos Autores, 1973: 16); Kulina ou Korina (Pãno), no baixo Rio Jandiatuba (pág. 17). Também conhecidos como Katukina, um grupo de 25 pessoas, habitam do no Rio Jandiatuba (Vários Autores, 1967:16). Alguns pilotos das lanchas da FUNAI, também chamam de Katukina os Índios que aparecem no igarapê Uchoa e que são os mesmos do igarapê São Jo sê, afluentes da margem direita do Rio Itacoaí. Ambos encontram-se há poucos dias de caminhada um do outro. Este igarapê fica mais acima da boca do Rio Branco.

Um seringueiro comentou que no Seringal São Pe dro, no alto Rio Jandiatuba vivem os Katukina. Estes são inim igos dos Kanamari. Os Kanamari do Massapê, no alto rio Itacoaí, chamam estes Índios arredios de Capivara.

Na região é de conhecimento geral a existência de índios arredios que perambulam pelo igarapê São José, mas que nunca ultrapassam a boca do mesmo; pelo igarapê Uchoa, pelas cabeceiras dos Rios Jandiatuba e Jutaí, pois os divisores de águas desses estão próximos uns dos outros. As cabeceiras do igarapê São José encontram-se há um dia de caminhada das nascentes do Rio Jandiatuba.

No momento nenhuma turma de madeireiros está explorando o igarapê São José. Mas em 1977 os índios atacaram o acampamento do madeireiro Austique, matando um homem e flechando outro. Em maio de 1980, os madeireiros investem novamente no mesmo igarapê, pois acham que a "região pode dar muito dinheiro, se derem um jeito nos índios", como argumentou um regional. O madeireiro Flávio, aviado do José (Zê) Pinto, penetrou em direção ao alto igarapê São José, para colocar sua turma de empregados, mas retornou ao constatar vestígios da presença de índios. Em maio de 1980, o madeireiro José, morador na boca deste igarapê, ao fazer uma "correria" de madeira na cabeceira dele, encontrou um tapiri e pés de bananeira. Retornou para casa. A cobiça dos madeireiros não pára, pois através dos jornais soubemos, que em agosto de 1980, sete madeireiros foram atacados no igarapê São José, matando um deles.

Um freguês de Raimundo Assis que é proprietário de parte do igarapê Uchoa, retirou seus madeireiros que cortavam cedro no lugar, porque os índios puseram fogo no tapiri, levando as mercadorias e quebrando a espingarda. Nas praias deste igarapê os índios costumavam coletar ovos de tracajá. O índio Korina, Francisco, narrou que em julho de 1979 os índios apareceram no igarapê São José.

No igarapê Juruazinho, afluente do Rio Jutaí, os índios atacaram uma família de civilizados, proveniente do Rio Juruá, que trabalhava nesse lugar, matando duas mulheres. Os Kamari residentes desta localidade, foram acusados dessas mortes. Estão magoados com esta acusação injusta.

II - Aspectos Culturais do Grupo

Segundo o sertanista Sebastião da Costa, os Kamari comentaram que as malocas dos índios arredios do igarapê

Uchoa, tinham um formato circular (1973:3). Antonio Braga (um dos maiores latifundiários da área, agora falecido) e Francisco (Chico) Batista, em 1975, ao sobrevoarem as cabeceiras do Rio Jandiátuba e do igarapé São José, enxergaram sete malocas grandes.

O Índio Korina, Francisco, narrou que quatro Korina, em 1976, ao saírem do Rio Juruá em direção à Eirunepê, por varadouro, encontraram no fim do dia, nas cabeceiras do Rio Jandiátuba, uma grande maloca, estilo tapiri, só com mulheres. Quando mais tarde, muitos homens chegaram a aldeia, ameaçaram matá-los e eles fugiram.

Os Korina disseram que a língua era desconhecida. Isto significa que os Índios arredios falam um dialeto diferente, talvez Katukina, pois os Korina do Rio Juruá pertencem a família Arawá (tronco Aruák). Esta dedução está baseada no fato de que os Kanamari do Massapê, que falam um dialeto Katukina, disseram que o idioma dos Índios arredios era parecido ao deles. Alguns pilotos de lancha da FUNAI, em conversa, afirmaram que os grupos indígenas de língua Pãno não entendem o que eles falam. Portanto, os Índios arredios podem ser identificados como Kanamari/Katukina. O madeireiro Santiago diz conhecer a língua dos Índios arredios.

O Kanamari Jacó, em 1976, esteve na aldeia dos Índios arredios do igarapé Uchoa. Observou que possuíam roça grande e carabina.

Os Kanamari contaram ao sertanista Costa, que quando encontraram os Índios arredios do igarapé Uchoa, na mata, notaram que tinham a pele muito clara e usavam barba que ia até a cintura (1973:5). Andavam nus (1973/4:2). Os Korina, do Rio Juruá, complementam os dados: não usavam enfeites e nem pinturas corporais. Viram o uso de cerâmica na maloca.

III - Atração e Proposta de Área

O sertanista Costa, em relatório de 1974 (b), esclarece que os Índios do igarapé Uchoa continuam isolados e que precisa de mais pessoal para efetuar sua atração (pág. 2). Seis anos depois reforçamos esse pedido e alertamos em 22/07/

180, aos Diretores do DGPI, DGPC e DGO e mais um assistente deste, responsável pela área do Alto Solimões, dos problemas econômicos da região e dos índios em geral, e dos possíveis ataques que ocorreriam nas áreas de índios arredios. Nesta reunião, especialmente organizada para essa cúpula administrativa, foi sugerida a colocação de dois braçais na boca do igarapê São José, para impedir a penetração de madeireiros e oferecido um milhão de cruzeiros da verba do DGPC/DEP, para iniciar a implantação de uma infra-estrutura mínima no local, ainda em julho (Vide Memo. nº 315/80-DGPC, de 04/07/80). A proposta não foi acatada e um mês depois, os índios matam um civilizado. Este choque poderia ser evitado, se os dirigentes tivessem mais confiança em seus técnicos e fossem menos burocráticos e auto-suficientes ao tomarem suas decisões administrativas. A rotatividade de problemas urgentes que acontecem e que ainda acontecerão nas áreas indígenas da bacia do Rio Javari, exige que a FUNAI se estruture de uma forma mais dinâmica e atuante, do que até então vem acontecendo.

Para evitar um conflito de maiores proporções, continuamos a insistir na implantação do PIA Jandiatuba, num local que será escolhido após o sobrevôo da área, a fim de localizar as malocas. Possivelmente este será colocado nas imediações do Rio Itacoaí, por ser mais fácil o acesso, do que pelo Rio Jandiatuba. As cabeceiras deste ficam muito distantes de Atalaia do Norte. A frente de atração deverá ter 20 braçais, 1 atendente de enfermagem, 1 sertanista e 1 auxiliar de sertanista. Sugiro os nomes dos sertanistas Estevão da Silva Rodrigues ou Arnaldo por possuírem experiência em suas funções e por conhecerem a região.

A atração deste grupo será sem sobressalto, pois os invasores serão retirados da área indígena e assentados pelo INCRA em outra região. Essa área será incluída no Parque Indígena do Vale do Javari, devido a sua proximidade com as áreas indígenas dos Kanamari de Massapê e das cabeceiras do Rio Jutaí. O igarapê Uchoa pertence aos índios Kanamari, sendo eleito por eles. Como toda esta zona é utilizada pelos índios arredios, sua área partirá do igarapê São José em direção aos altos Rios Jandiatuba, Jutaí e Itacoaí. Assim feito, isolará o grupo de contatos nefastos com regionais.

I N D I C E

-	<u>INTRODUÇÃO</u>	48
I	- História	48
II	- Aspectos Sociais	
	a) - Demografia	51
	b) - Habitação	51
	c) - Aparência Física	53
	d) - Língua	54
	e) - Tatuagem	55
III	- Aspectos Econômicos	
	a) - Roça	56
	b) - Caça	57
	c) - Pesca	57
	d) - Coleta	58
	e) - Artesanato	58
	f) - Trabalho Externo	59
	g) - Extração de Seringa	60
	h) - Madeira	60
IV	- Aspectos Religiosos	62
V	- Envolvimentos Intertribais e Interétnicos	63
- VI	- Aspectos de Saúde	64
VII	- Aspectos Educacionais	65
VIII	- Eleição da Reserva	66
IX	- Sugestão de ação	67

RELATÓRIO DE ELEIÇÃO DA RESERVA DOS KANAMARÍ

- INTRODUÇÃO

Viajamos de barco com motor de centro até o Seringal Morada Nova, localizado na margem direita do Rio Itacoaí. Este Seringal é de propriedade de João Bezerra e a casa do seringueiro em que ficou ancorado o barco, é de Manoel Romaro de Souza.

A viagem de barco transcorreu lentamente, devido ao pouco volume d'água do Rio Itacoaí, principalmente em direção as suas cabeceiras. O leito do rio tinha muitos paus. Resolvemos utilizar o deslizador para chegar a aldeia Kanamari, levando um Índio Korina como guia, que trouxemos de Benjamin Constant. Levamos 7.35 horas de voadeira. Permanecemos de 02 a 04/10/6/80, nos Kanamari.

I - História

O líder João Tuxãua (ou João Dias) e seus familiares residem desde 1940 no alto Rio Itacoaí. São provenientes do igarapé Curumim, afluente do Rio Juruá. Instalaram-se inicialmente no igarapé Crureira, afluente da margem direita do Rio Itacoaí. Durante 40 anos mudaram-se para vários lugares deste rio. Tiveram uma aldeia na colocação Tracoã, onde havia muita formiga. As outras colocações foram: Barracãozinho (perto da colocação São Vicente); Portão (antes do igarapé Cedro); Santa Fé (perto do igarapé Juruazinho); Posto Massapê; Chapada; São Vicente onde estão radicados há sete anos. Alguns Índios pretendem se transferir para a colocação da boca do igarapé São Vicente, onde já possuem roça. Outro grupo de cinco famílias quer se mudar para a frente do igarapé Marúbo (margem direita), afluente do rio Itacoaí, por ficar mais perto dos centros comerciais. Dizem que este igarapé não tem dono. Em junho de 1950 foi localizada na colocação Barracãozinho uma povoação Kanamari, que contava com cinco jiraus. Estes encontravam-se aí desde 1946 (Car

valho, 1955:46). Isto vem confirmar a informação do líder João Dias. Havia 18 casas da colocação Barracãozinho até o Pontão (pág. 48). Próximo a colocação Barracãozinho havia duas casas. Na colocação Santa Fê havia três grandes barracões, com cerca de 40 pessoas e uma velha casa de festas (pág. 51). Ao todo havia cinco acampamentos indígenas.

O sertanista Sebastião da Costa ao fazer uma visita de cortesia aos Kanamarã, acampa na aldeia do Tuxãua Poruyã, mas havia mais três aldeamentos (1973:1). Portanto, em 23 anos havia desaparecido um núcleo populacional e em sete anos (1980) reduziu-se a apenas uma aldeia. O líder João Tuxãua contou que pediu ao sertanista Sebastião terra para morarem e este respondeu, que onde estavam, já pertencia a eles.

Devido a situação precária do grupo e a exploração que eram submetidos pelos regionais, a FUNAI em 1973 instala o Subposto Massapê, no igarapé São Vicente, que era cuidado pelo braçal Jovino Lourenço Pereira (Costa, 1974:1). Segundo informações do Chefe de Posto, Tôrres, o servidor Jovino era casado com uma Kanamarã há 30 anos e que era originário do Rio Juruá (1976:3). Posteriormente, Jovino é substituído por Valmir de Barros Tôrres, o que causou uma insatisfação geral, sendo que Tôrres acaba não assumindo a chefia. Os índios reclamam a atuação da FUNAI na área. Alegam que só enviou "cabra safado" que quer ter relações sexuais com as índias (pág. 3). O Subposto não possuía rádio-fônia, canoa, medicamentos e ferramentas, além de ficar a seis dias de viagem em motor de centro (pág. 1). No Subposto só havia uma roça com muita cultura, feita por Jovino Pereira (pág. 3).

Um funcionário da FUNAI contou que houve uma época em que o pessoal do Subposto ficou um mês sem receber mantimentos (rancho) da Ajudância, porque um barco achava-se para o Rio Solimões atendendo a outros Postos e os demais barcos estavam estragados. Durante este período alimentavam-se de batata-doce. Dois trabalhadores braçais desertaram do Posto em canoa de remo. Quatro deles não quiseram retornar ao Massapê, devido ao abandono em que este ficava por parte da Ajudância.

Em junho de 1975 um grupo de Kanamarã afasta-se de suas aldeias e se dirige para o igarapé Tigre, próximo ao PIA Marúbo. Este êxodo foi motivado pela proibição da entrada de rega

tões no Massapê e a ausência de servidores do Órgão no mesmo. Os regionais do igarapê Tigre se queixam da presença dos Índios em suas propriedades e dos roubos de que são vítimas. Após 15 dias de permanência no igarapê Tigre, a Base de Atalaia do Norte ordena o retorno dos Kanamarã ao Massapê (1976:1). Os Índios não gostaram da idéia, pois já tinham construído casas e feito roçados (pág. 2). Em dezembro de 1975 o Subposto Massapê é desativado, em função do desativamento do PIA Marúbo que fora atacado pelos Índios arredios.

Diante dos acontecimentos, mais ou menos em 1977, os líderes João Dias e Alfredo (este é chefe de uma parte do grupo, possivelmente do seu grupo doméstico) pedem à FUNAI para transferi-los para o lugar chamado São Luis, localizado no Rio Javari, que não tinha moradores. A FUNAI cria o PIA São Luis para alojar estes Kanamarã. Antes de se mudarem, preparam uma roça, mas que resultou insuficiente para alimentar a todos. Falta alimentação no PIA São Luis.

O grupo Kanamarã se divide depois de um ano (1978) de permanência no PIA São Luis. Não se acostumam, adoecem e estranham o sabor da água que tem gosto de óleo. O João Tuxãua explicou: "a pessoa não se acostuma em outro rio quando não se nasce nele". Posteriormente, só retornam ao PIA São Luis para passearem. Constantemente se deslocam para aí, de canoa a remo, levando quase 30 dias de viagem. Esta permanente mobilidade dos Kanamarã causa má impressão aos regionais e a Ajudância do Alto Solimões, que os rotulam como preguiçosos e ladrões. No tempo do chefe da Base, Gilvan Silva, os Kanamarã frequentemente iam à Atalaia do Norte, recebiam alimentação e depois um barco vinha trazê-los. Certa vez, o chefe se recusou a levá-los e eles retornaram de canoa a remo. Nunca mais os Índios voltaram à Base. A administração atual da Ajudância convida-os para se transferirem para o PIA São Luis, pois devido a distância em que se encontram, não os assiste. Os Índios negam-se terminantemente em se mudarem definitivamente do local.

O maderceiro Manoel Capistrano Marinho contou que em 1978, os Índios do alto Rio Itacoã foram atacados pelos Índios "brabos" da redondeza (Rio Jandiatuba?). Concluiu a conversa com a seguinte frase, que mostra a visão estigmatizada que o regional tem do Índio: "a inclinação do Índio é matar o que vê, mata e vai embora". Ao visitar os Kanamarã, estes não mencionaram que sofreram

algum ataque de índios arredios, apesar de se locomoverem assiduamente pela região com suas frágeis canoas repletas de objetos, cachorros, crianças e alimentos.

II - Aspectos Sociais

a) - Demografia

O Zoólogo José Cândido Carvalho ao fazer uma viagem de estudo pelo Rio Itacoai, em junho de 1950, esteve nas aldeias Kanamarí, registrando a presença de 150 a 200 índios (1955: 48). Quando o sertanista Costa esteve com eles no igarapé São Vicente, havia aproximadamente 120 indivíduos (1973:5), havendo, portanto, ocorrido um decréscimo populacional no grupo.

Atualmente há 79 índios que constituem as 18 famílias nucleares e compostas. Trinta e quatro pessoas, ocupando seis casas, formam a aldeia Kanamarí. Uma casa estava desocupada. Não contamos as famílias que se encontravam passeando no PIA São Luís e aquelas que estavam trabalhando nos seringais da vizinhança. Kanamarí em trânsito foram computados 38 pessoas. (Veja anexo nº 2).

A faixa etária da população Kanamarí está assim distribuída:

0 - 4: 4	35 - 39: 4
5 - 9: 7	40 - 44: 5
10 - 14: 3	45 - 49: 2
15 - 19: 7	55 - 59: 2
20 - 24: 7	60 - 64: 1
25 - 29: 2	70 - 74: 1
30 - 34: 3	75 - : 1

A idade dos indivíduos foi calculada por aproximação. Não obtivemos as idades de 28 pessoas. Encontramos uma mulher grávida. Se observarmos os dados populacionais de 1950, 1973 e 1980, nota-se que continua ocorrendo um processo de depopulacionamento no grupo, agravado pelo fato de haver atualmente apenas 14 crianças (0 a 14 anos).

b) - Habitação

As casas Kanamari constituem um aglomerado na margem esquerda da cabeceira do Rio Itacoaiã. Um conjunto delas está próximo a casa do líder João Dias e o outro, perto da do Alfredo. Parece que estes conjuntos são formados pelos grupos domésticos desses líderes. As casas são jiraus, estilo de construção típica da amazônia. O aspecto destas edificações não difere do jirau do seringueiro. Os jiraus são de paxiúba, cobertos com folhas de palmeira caranaã. Estes parcialmente são fechados com paredes. Normalmente não possuem divisões internas. Quando acontece, colocam uma ou duas divisórias ambientais.

Tem-se a impressão que a floresta invade o fundo do pátio das casas, confundindo-se. Apenas a mata secundária define os seus limites. O contraste torna-se mais marcante, em termos da clareira aberta em frente as casas, em que está voltada para o rio. No "arruado" de casas, os homens trabalham e no pátio do "conjunto habitacional" do líder Alfredo, realizam as festas.

Apesar dos Kanamari terem fama de vagabundo e andarilho, vimos um Índio com gravador e outro com rádio portátil.

O interior do jirau é aseado. Não utilizam nenhum acessório como móveis. Usam redes e mosquiteiros, devido ao maruim, carapanã e pium, mas não há grande quantidade. O fogão é modelo caipira, estando assentado no assoalho. É feito de barro e se utilizam de tripê para assegurar as panelas de alumínio. São usadas panelas e pratos de fabricação industrial, que possivelmente substituíram os de cerâmica. Vimos em algumas casas panelas grandes, de cerâmica, muito parecidas com as dos Marubo, mas menos elaboradas. São utilizadas para fazerem caisoma de mandioca. Observamos outras, abandonadas, nos pátios das casas.

As mulheres ainda preservam a técnica de confecção das peças de cerâmica, apesar de terem limitado o seu uso. O Zoólogo Carvalho, do Museu Nacional, comenta que comeu arroz preparado em panela de barro, em 1950, num aldeamento dos

Kanamari (1955:46). Uma índia contou que deixaram de produzir panelas de cerâmica, porque estas demoram a esquentar. A técnica de confecção é em rolete e misturam casca de caripê na massa. Confeccionam panela (camburão) para trocar por roupa velha (usada) com os civilizados.

No compartimento que está o fogão, encontram-se os cachos de banana, dependurados no teto. Havia muitas variedades de banana nas casas. A alimentação básica, na ocasião, era a macaxeira e os peixes miúdos. Alimentam as crianças pequenas com mingau de banana madura. Em algumas casas havia restos de caisoma e em outras, a bebida estava em fase de elaboração. A técnica de preparação da caisoma é a seguinte: descascar a macaxeira, picar, cozinhar, esmigalhar e misturar com um pouco de batata doce crua, ralada. Deixar alguns dias a fermentar.

As crianças brincam no pátio ou dentro dos jiraus parcialmente cobertos. Vimos crianças confeccionarem brinquedos e barcos de tronco de malva. Trabalhavam com terçado ou peixeira, ficando os brinquedos muito bem acabados.

c) - Aparência Física

Os Kanamari são simpáticos, comunicativos e acolhedores. Não discriminam nem os civilizados que exploram suas terras. Exemplificando. Quando desembarcamos em seus cais, embaixo de um forte aguaçeiro, fomos direto para a primeira casa que avistamos, que era justamente a do líder João Dias. Conduziram-nos para a beira do fogo, deram bananas e peixes assados. Depois de muito tempo de convivência, perguntaram, displícetemente se éramos madeireiros que iriam cortar madeira acima de sua aldeia. Sua inocência, resignação e impotência comoveu-nos e ao mesmo tempo percebemos que o tratamento que recebíamos, era idêntico ao que dispensavam ao rotineiro invasor da área indígena.

O vestuário do Kanamari é igual ao do regional, mas seu aspecto físico depauperado e a roupa rorta, demonstra a diferença e a penúria econômica em que se encontra o grupo e ao descaso que estão submetidos pelo Órgão.

É conhecida a fama entre outros grupos índige nas da região, a técnica de descoloramento do cabelo, prática do pelo Kanamarĩ. Observamos um menino com o cabelo completa mente louro. Embaixo de um jirau encontramos uma cesta com a matéria-prima, que se encontrava em processo de filtração. A cesta estava forrada com folhas verdes; dentro tinha cascas de árvore, areia, carvão e água. A água que escorria com uma cor amarronsada, caía dentro de uma panela de cerâmica.

Verificamos que os Kanamarĩ furam a orelha aci ma do lóbulo, mas não portavam brincos. Homem e mulher usam pintura facial de urucu e de genipapo. Algumas crianças apare ceram com desenhos vermelhos, no rosto, depois que comentamos sobre estas pinturas. As mulheres são muito bonitas.

d) - Língua

Os Kanamarĩ que vivem no Rio Juruá, falam uma língua que pertence a família Katukĩna. Todos falam o seu ídio ma e o português, com exceção das crianças que falam a língua nativa. O professor Carvalho em 1950, verificou que alguns Ín dios falavam um pouco de português (1955:47) e mesmo assim com certa dificuldade (pág. 48).

Coletamos uma lista de palavras para posterior conhecimento do lingüista interessado em estudar o grupo:

Barriga: txomĩ ro'ro

Civilizado: cariwā, caryô, cāriwa

Índio: ĩgra

Cachorro: wapā

Banana: bari

Sol: txā

Lua: udxa

Água: watari

Casa: ra

Fogo: istāno

Cotia: txuma

Macaco Barrigudo: comotxā

Macaco Preto: rotxā

Jaboti: cawābo

Guariba: cainā
Mandioca: tāwa
Cana: māuna'ā
Porco: ritxā
Anta: mo
Onça: pidā
Paca: qui'iwā
Pau: umā
Panela: mono
Colar: txuipi
Terçado: chara
Galinha: tācara
Quati: cāyadxo

O Zoólogo Carvalho transcreve alguns nomes de animais que recolheu entre os Kanamarĩ do Rio Itacoaĩ, em 1950 (1955: 50). Alguns vocābulos são os mesmos que registramos. Inicialmente pensamos que os Kanamarĩ falassem uma lĩngua da famĩlia Pãno, pois cachorro (wãpã) e galinha (tacare) são palavras faladas por Marũbo.

e) - Tatuagem

Os Kanamarĩ com mais idade ainda portam tatuagens no rosto e no braço. Parece que o uso da tatuagem estã relaciona do com a organização social do grupo. Os Tawari (japõ) usam tatuagens no rosto e na parte superior do antebraço. Os Cutxã (lontra ou ariranha) não portam tatuagem. Os Tawari habitam no Rio Juruã e os Cutxã, no Rio Jutaĩ. São poucas pessoas porque estão morrendo de doenças. Os Mẽdxapã (mutum) moram no igarapẽ Grande, afluente do Rio Juruã. Um americano (missionãrio?) encontra-se no meio deles. A regra de casamento entre estes subgrupos(?) talvez seja endogãmico e exogãmico, pois disseram que os Tawari podem contrair matrimõnio com os prõprios Tawari ou com os Cutxã.

A tatuagem facial nos homens ẽ uma linha que sai da ponta da narina e vai atẽ a parte superior da orelha. Outro modelo de tatuagem masculina: o traço parte dos cantos da boca e sobe em direção a parte superior da orelha. A costeleta cobre a linha.

A tatuagem na parte superior do antebraço, para adultos de ambos os sexos, gira ao redor de três temas: flor, bicho e figura humana estilizada, sendo esta a mais utilizada. A tatuagem no peito verificamos em apenas um homem e o motivo era a figura humana.

III - Aspectos Econômicos

a) - Roça

As três roças Kanamarĩ localizam-se a 30 minutos das casas. As roças tem as seguintes dimensões: 30, 50 e 80 braças. A roça de 30 braças é de cana-de-açúcar, pois vendem a CR\$ 50,00 o paneiro de açúcar mascavo. Fazem rapadura que é vendida a CR\$ 20,00 a unidade.

Cultivam banana, carã, batata-doce, cana, fruta carriõ, biribã, ananãs, limão, cuia (cabaça) e mamão. Estes cultivos não diferem muito daqueles plantados em 1950: mandioca, fumo, batata-doce, abóbora, pimenta, cajũ, mamão e amendoim (Cavalho, 1955:46). Possuem um grande roçado de mandioca, pois parte dele é destinado a produzir farinha, que vendem a CR\$ 600,00 o paneiro. Não têm ralador (caitetu) e forno para prepararem maior quantidade de farinha. O tacho é feito com tonel velho. Até 1979 os Kanamarĩ possuíam motor de ralar mandioca que os fora dado pelo sertanista Sebastião Amâncio. O motor foi roubado por João Miguel, patrão do Seringal Rio das Pedras, quando os índios deixaram temporariamente a aldeia. O forno de torrar a farinha foi retirado em 1979 pelo Chefe do PIA São Luís. Querem de volta o ralador e o forno para incrementarem a produção de farinha.

As mulheres ajudam no plantio das roças. Estas produzem o suficiente para alimentar o grupo, mas não há excedente de produção. Para obterem um pouco de dinheiro, vendem aos raros fregueses que passam pelo rio, o cacho de banana por CR\$ 30,00 e o de pupunha por CR\$ 10,00. O algodão é plantado no roçado. O algodão é fiado em fuso, cujo fio confeccionam redes.

Para desenvolverem uma roça mais ampla, os Kanamarĩ necessitam de enxadas, terçados, machados, sementes de milho

mole (manso) e de gerimum. Estes instrumentos agrícolas podem ser fornecidos através de um Projeto de DC.

b) - Caça

A caça não é muito farta na região, mas há o suficiente para equilibrar a dieta alimentar dos Kanamarí. Julgamos que a fauna está em processo de desaparecimento, pois em 1950 neste trecho do rio havia abundância de espécies (Carvalho, 1955:54). Os índios caçam veado, tracajá, porco do mato, jaboti ("jabota", há muitos), paca e tatu. Nas caçadas utilizam-se de espingardas calibres 16 e 20. No momento estão precisando de algumas e de munições. Somente o índio Alfredo possui espingarda. As caçadas são realizadas nos igarapês São Vicentinho, São Vicente Grande, Cibiró e Rio das Pedras, onde termina o igarapé Cibiró.

Os Kanamarí não criam animais domésticos porque a sucuriju e jacaré os matam. Estão desejosos de reiniciarem a criação de galinha, porco, cabra e pato, mas necessitam de uma ajuda inicial. Estes animais viriam balancear a alimentação dos Kanamarí, além de poderem vender na região por um bom preço, pois uma galinha está custando mais de CR\$ 250,00.

Uma fonte de renda para o grupo é a venda de peles de animais. Vimos alguns couros de porco-do-mato e de onça pintada. Antigamente a venda desses couros era mais intensa, pois as trocavam por mercadorias. O sertanista Costa conta que recebeu dos índios algumas peles no valor de CR\$ 5.000,00, mas a Ajudância não recebeu o material, mandando-o de volta para a aldeia. Isto irrita os índios, pois necessitavam de mercadorias (1975:1). Para terminar com os ressentimentos, José Porfírio de Carvalho sugere que seja atendido o pedido dos Kanamarí (1973:6), mas as peles acabaram sendo queimadas no incêndio do PIA Marúbo, provocado pelos índios arredios.

c) - Pesca

O peixe parece ser o complemento básico da alimentação do grupo, sendo este misturado com a farinha. As espécies pescadas são: surubim, traíra, curumatã, carã, madim (mandim), manubi, bode, piau e caraaçu. Pescam também o jacaré e a tracajá.

Utilizam-se do anzol feito de arame, quando não possuem o do tipo industrial.

Raramente pescam no Rio Itacoaí porque têm medo da sucuriju (maperí), pois certa feita uma matou um velho que pescava em sua margem, perto da aldeia. Dificilmente pescam à noite. No Rio Itacoaí, esporadicamente pescam de anzol e de tarrafa. Costumam pescar no lago Tamaqui, no lado direito do Rio Itacoaí e no igarapé São Vicente.

d) - Coleta

Os frutos silvestres coletados são bacaba, açai, patuã e buriti. A bacaba é encontrada no mato, no igarapé São Vicente e na beira do Rio Itacoaí. O açai, patuã e buriti localizam-se na várzea do Rio Itacoaí e na periferia dos roçados.

e) - Artesanato

A cultura material Kanamarí foi praticamente substituída por bens industriais. Raramente se vê pelas casas objetos tradicionais. Com cipó títica as mulheres confeccionam cestras de formato oval. A matéria-prima é coletada na área, principalmente na mata e nas margens do Rio Itacoaí. O tucum é encontrado na floresta que circunda as casas.

Uma atividade artesanal que pode reverter o di-nheiro para a comunidade é a fabricação de canoa. Esta seria vendida ao seringueiro e ao regatão. Se fosse incentivada a sua confecção, precisam de prego para realizar esta atividade. Fizeram algumas negociatas desvantajosas, que os desestimularam e não acharam compensador se dedicarem a este mister. Venderam uma canoa em que cabia duas pessoas, muito barata, quando em Atalaia do Norte custava CR\$ 2.500,00. Noutra ocasião, venderam uma canoa que transportava dez pessoas, por CR\$ 2.500,00 quando o preço real seria de CR\$ 10.000,00. Esta exploração comercial permaneceu a mesma, pois em 1950 um índio trocou com regional uma canoa por uma lata de querosene (Carvalho, 1955:51). Os índios mencionaram que até algum tempo atrás, os civilizados roubavam suas canoas.

f) - Trabalho Externo

Devido a falta de assistência da FUNAI ao grupo indígena, este para sobreviver, aluga sua força de trabalho nos seringais da região, como única fonte para produzir dinheiro e comprar roupa, sal, remédio, munição, utensílios domésticos e bens supérfluos dos quais já estão habituados. Por isso, é comum encontrar-se o acampamento Kanamarã quase vazio e famílias sem pre em trânsito pelo Rio Itacoã, nevegando em minúsculas canoas repletas de objetos caseiros, cachorros e cachos de bananas.

Esta cena presenciemos na ida e na volta à al deia Kanamarã. No dia 01/06/80 encontramos duas canoas com mais ou menos 15 pessoas (6 homens adultos) que subiam para a aldeia, que após terem acabado de trabalhar para o patrão, foram para o PIA São Luís. Estavam voltando porque um jovem fora chamá-los. Durante um dia rebocamos suas canoas e os alimentamos. O piloto do barco que é funcionário da FUNAI, não queria que entrassem no barco porque iam roubar nossos pertences.

Os Índios lembram com saudades do tempo do ser tanista Sebastião Amâncio, em que trabalhavam muito, tinham suas coisas e pouco se afastavam da aldeia. Agora, vivem que nem anda rilhos à procura de serviços, pois precisam de um patrão que lhes avie mercadorias. Trabalham em extração de madeira branca ou ce dro e após a safra retornam à aldeia. Há famílias Kanamarã traba lhando no Rio das Pedras, afluente do Rio Itacoã. Este ano (1980) algumas pessoas deslocaram-se para o Seringal Entre Rios de pro priedade de Cílio Bráulio. O Índio Alfredo tem três filhos sol teiros cortando seringa no Rio Juruá.

Nem sempre a opinião da população envolvente é favorável ao emprego da mão-de-obra indígena nos Seringais, por que nem sempre cumprem os compromissos assumidos, por razões que desconhecemos. Uma seringueira ao ver os Índios retornando de um Seringal que ficava para baixo, achou que eles o tinham abandona do e assim argumentou: "isso é o que dá pegar (empregar) Índio".

Talvez a instalação de uma Cooperativa na área, fixe os Índios em sua terra e lhes dê condições de trabalharem por sua conta. O modelo de Cooperativa adotado, deve ser aquele

implantado nos Kaxinãwa pelo Antropólogo Terry Vale de Aquino, com as devidas adaptações.

Além de uma melhoria de vida proporcionada pela introdução de uma Cooperativa, esta também acabará com os estereótipos que atribuem aos Kanamarí. São considerados mentirosos e píddões. Os próprios funcionários da Ajudância do Solimões têm os mesmos preconceitos contra os Kanamarí. Não levam em consideração a dependência econômica dos Índios nos seringais e ao ostracismo que a própria Ajudância os coloca, justificando com a distância em que se localizam e com o "desinteresse" desses em se fixarem no PIA São Luís, tão próximo à Ajudância. Dizem que os Kanamarí são preguiçosos e que só vão ao PIA São Luís para comerem os produtos maduros das roças de seus parentes, e quando estes acabam, retornam à sua aldeia. Certa ocasião chegaram em Atalaia do Norte mais ou menos 100 Kanamarí, de canoa e pediram que a FUNAI os levasse para o PIA São Luís. Estavam de passagem.

g) - Extração de Seringa

Há dez anos (1970) os Kanamarí abandonaram esta atividade por não terem patrão que lhes fornecesse mercadoria. Trabalharam nos igarapês Chapada, Barracãozinho (onde há um pupunhal), Cedro e Portão. Quando produziam borracha também eram enganados por civilizados, pois em 1950 um Índio trocou 50 quilos de borracha por um cão velho e magro (Carvalho, 1955:51). Poderiam voltar a exercer a extração da borracha, se a FUNAI os ajudasse através da implantação de um Projeto de desenvolvimento integrado, onde todos os aspectos seriam abordados.

h) - Madeira

Toda a força de trabalho disponível na aldeia Kanamarí está voltada para a exploração de madeira branca e de lei, dentro e fora da reserva indígena. Quando dentro da reserva, os Índios estão competindo em sua exploração com os civilizados, pois é no alto Rio Itacoã que ainda se encontra a maior concentração de madeira. Os madeireiros ameaçam matar os Índios, o que faz com que queiram se mudar mais para baixo. Têm medo de três

madeiros que estão trabalhando na área indígena.

No igarapé Puto, afluente do Rio Itacoai, em 1979 penetraram a turma dos madeiros Assis (2 empregados) e do João (2 peões). Os madeiros Bora, Raimundo, Gago e Topasso retiraram cerca de mil toras de cedro dos igarapés Guariba, Boto Grande, Pedra, Açai e São José. Ainda se acham nas cabeceiras do Rio Itacoai mais 140 toras, que aguardam o rio encher, após uma chuva, pois a época propícia do escoamento é de novembro a março. No igarapé São Vicentinho um caryô cortou 120 toras de cedro e aguarda uma chuva para retirá-los. A produção de madeira branca (samauma, ocuba etc) cortada na reserva indígena não saiu dos locais em 1979/80, porque a água do rio era insuficiente para rebocá-la. Apodrecerão onde foram abatidas.

Muitos Kanamarí tem madeira cortada nos igarapés São Vicente, São Vicentinho, Geraldo e Azimar. Na boca deste igarapé há madeira cortada deste ano - 1980, esperando a chuva para ser escoada. O Índio Alfredo abateu 40 toras de cedro. Trinta toras não conseguiu retirar do igarapé ficando para o próximo ano, pois o Rio Itacoai está seco. Dez toras de cedro e dez de ocuba (madeira branca) já se encontram no Rio Itacoai e que serão rebocados para Atalaia do Norte para serem vendidos. Os Kanamarí levam dez dias e dez noites conduzindo a madeira de bubuia. O Índio Luí cortou 20 toras de cedro no igarapé São Vicentinho, está esperando a água aumentar no Rio Itacoai para tirá-los daí. Outro Kanamarí contou que tem 42 toras de cedro e que não os retirou do igarapé por não ter cabo para rebocá-los.

Os Índios além de serem lesados em seu patrimônio florestal, ainda o são em suas contas pelo patrão ou pelo regatão. Um Índio comentou que vendeu cinco toras de cedro para o regatão, a fim de adquirir roupa, sal e munição. Este os visita apenas no inverno, pois na estação do verão chega até a boca do Rio Pedra, uma vez que nas cabeceiras do Rio Itacoai diminui de volume d'água. Examinando o recibo do Índio Manoel fornecido pelo madeiro Augusto que comprou um toro de cedro de primeira qualidade e outro toro de segunda, percebemos que a soma estava errada a favor de Manoel. Logo a seguir, havia registro de haver débito contraído por ele, estando os números ilegíveis e rasurados. Manoel não pode decifrar o enigma, porque era analfabeto,

como todos os Kanamarĩ da aldeia.

O Prof. Roberto Cardoso de Oliveira ao fazer uma análise da empresa e do Índio na região do Javari, com dados colhidos em campo em 1959, informa que os madeireiros e seringueiros que exploravam a reserva indígena dos Kanamarĩ por volta de 1950, começaram a penetrar na área dos Marũbo do Rio Curuçã. São turmas organizadas de madeireiros, cuja exploração de cedro oferece mais interesse que a da borracha, sendo o preço mais compensador. As empresas exercem uma pressão sistemática junto as populações indígenas, seja expulsando-as de seu território ou engajando-as em suas turmas de trabalho. Tanto os Marũbo como os Kanamarĩ, têm suas áreas centrais invadidas pelos madeireiros a cata do cedro. Aos Índios resta reagir ou acomodar-se ao novo estilo de vida (1972: 41). Portanto, "... é a empresa madeira aquela que com maior agressividade está alcançando os nichos mais afastados onde se refugiaram as populações remanescentes da região". Os seringueiros dos rios Itacoaĩ, Quixito, Ituĩ, Curuçã e rios menores da bacia do Javari produzem borracha em maior escala que os seringueiros do rio Solimões (pág. 42).

A aquisição de um barco rebocador para os Índios ou para a Ajudância do Alto Solimões, sanaria atualmente a exploração dos madeireiros e evitaria a presença de regatões na reserva Kanamarĩ, pois estes seriam abastecidos pela Cooperativa. O barco escoaria a produção indígena de madeira e de seringa. No retorno das viagens, traria mantimentos e ferramentas para os Índios.

IV - Aspectos Religiosos

Nenhuma investigação ordenada foi realizada neste item, por necessitar de muito tempo para se deter em um assunto tão complexo.

O tuxãua também é o pajẽ (bãu) que retira "pedra" (substância mágica) do corpo do doente. O líder Alfredo é cantador, curador de doente e "dono" do cipõ ou da aiuasca (rami). Com o cipõ misturam folhas de sacurunã, que é cultivada na roça. Ingerem a bebida alucinõgena escondida dos regionais. Mulher ca

sada também bebe. Ao beberem a aiuasca têm visão. Enquanto tomam cipô, os homens tocam flautas de taboca, em cujo comprimento con têm cinco furos. Um funcionário da FUNAI contou que um índio ser ve a bebida para os companheiros. Quando ficaram tontos e tive ram suas visões, o pajê inicia um canto de trás para frente. Ao acabar de cantá-lo, a pessoa já sarou de sua tonteira, estando em estado normal.

Realizam rituais nos quais utilizam a máscara de entrecasca e a máscara semi-longo ("camisa"). Esta é feita com brotos da folha do muru-muru e do buriti. As folhas são co lhidas no mato. As entrecascas de árvores para confeccionar mã caras são coletadas em árvores que ficam na várzea do rio Ita coaí. As festas são celebradas no terreiro. As crianças são reu nidas e colocadas numa casa que fica no lado oposto da cerimô nia. O Zoólogo Carvalho, em 1950, assiste a uma festa nos Kanama rã, de Santa Fê, com a presença dos índios Indiapãs (?), recém chegados do Rio Juruá. Descreve o rito, onde dançavam, cantavam e portavam ornatos de penas no corpo (1955:53).

Os cemitérios dos Kanamarã ficam na colocação do Museu (perto do Igarapê Cedro), no Posto Massapê onde estão misturados com civilizados e o atual (no Igarapê São Vicente?).

V - Envolvimentôs Intertribais e Interétnicos

Ao indagarmos a população citadina sobre aldeamentos indígenas no Rio Itacoaí, sempre recebíamos o mesmo tipo de informação: no Seringal Massapê, perto do Igarapê São Vicente, há alguns Kanamarã e Korina, que moram juntos (misturados). Andam continuamente pelos lados do Rio Juruá. Na realidade, os dois agrupamentos indígenas estão relativamente afastados e nos pareceu que o relacionamento entre os Kanamarã e o guia Korina era frio e formal, tanto durante a viagem de barco como na al deia dos Kanamarã.

Os Kanamarã apesar de manterem um contato es treito com os seus parentes do Rio Juruá estão apreensivos com eles, ao ponto de algumas famílias desejarem se afastar do Massa pê. Argumentaram que os Kanamarã do Rio Juruá estão brabos e já mataram cinco patrícios com feitiço (jogam "pedra" no peito do

indivíduo e este vem a falecer). Esta hostilidade parece ser antiga, pois em 1950, o Zoólogo Carvalho já registrava esta animosidade entre o grupo do Itacoai e do Juruá (1955:46).

O relacionamento Índio/branco não é atritoso, porque o Índio é totalmente dependente do branco para subsístir nesta área tão afastada dos recursos. Pacíficamente aceitam ser explorados economicamente e deixam que explorem os bens de sua reserva, pois se sentem impotentes diante dos fatos. Também pacificamente a Ajudância assiste a degradação moral, física e cultural dos Kanamarí. Até quando ambos continuarão neste sono milenar, não calculo, talvez a implantação de um Projeto de DC os acordem e os façam reagir.

Apesar do acomodamento do Órgão, os madereiros o respeita, mas não aos Índios, pois após a saída dos funcionários do Subposto Massapê, aqueles invadiram a reserva indígena, argumentando que a FUNAI o tinha abandonado. Quando navegamos no Rio Itacoai, alguns madeireiros vieram perguntar onde era o limite da reserva e se a FUNAI estava retornando a área. Demos as informações solicitadas.

Um madeireiro do igarapé São Vicentinho queria levar uma menina-moça para sua companheira. O pai dela recusou e o madeireiro queria matá-lo, ameaçando-o com o revólver. O madereiro afastou-se revoltado com a recusa recebida. Houve outro incidente parecido com este. Apesar de todos os reveses, o grupo indígena tenta não imacular a pureza de sua etnia. Não há nenhum Kanamarí casado com civilizado. Esta resistência cultural, prova que o grupo preserva seus valores sociais, rejeitando casamentos intertribais e interétnicos (Veja anexo nº 2).

VI - Aspectos de Saúde

O estado de saúde dos Kanamarí não é ruim, apesar de nunca terem sido vacinados. Algumas pessoas já tiveram sarampo, coqueluche (tosse guariba), tosse seca, catapora, dor de cabeça, febre, reumatismo, cobreiro, coruba no corpo e na cabeça (há muita) que foi trazida do PIA São Luís.

As crianças tem muita verminose (noí). O grupo em geral tem os dentes estragados pelas cáries. Dizem que não

há mais tuberculosos entre eles. Isso é difícil de acreditar, devido a precária e deficiente alimentação ingerida pelo grupo. Em 1975 duas pessoas tuberculosas pedem auxílio no PIA Marúbo. Como este foi desativado, o chefe do PIA manda os índios doentes retornarem ao Massapê. Alguns meses depois as duas índias falecem sem terem sido tratadas (Tôrres, 1976:2-3).

Ninguém mencionou a existência de doenças venéreas, mas em 1976 o chefe Valmir Tôrres, menciona o aparecimento de surto entre os Kanamarĩ (pág. 6).

A SUCAM desde 1978 borriça as casas dedetizando-as. Não fornece qualquer tipo de remédio aos índios. Em junho deste ano (1980) não foram a aldeia porque as águas das cabeceiras do Rio Itacoaĩ estavam muito rasas.

Difícilmente se banham no Rio Itacoaĩ por causa da grande quantidade de candiru que há nele. Banham-se e buscam água num regato pequeno perto das casas. É sujo e lodoso.

A FUNAI ao reativar o PI Massapê deve construir uma enfermaria, equipá-la com medicamentos e colocar atendente de enfermagem. Deve treinar um Kanamarĩ para exercer esta função, posteriormente. A EVS deve visitá-lo periodicamente e não deixar que ocorra o mesmo que em 1976: "... a 14a. EVS, desvirtuando inteiramente suas reais finalidades, plantou-se definitivamente na cidade de São Paulo de Olivença, parecendo desobrigar-se no atendimento dos numerosos grupos indígenas de além - Javari, Curuçã, Ituĩ, Itacoaĩ, etc" (Souza, pág. 1).

VII - Aspectos Educacionais

O sertanista Estevão Rodrigues em 1975 solicitou ao Delegado da 1a. DR, a vinda de uma professora para o Massapê, pois estava fazendo falta (pág. 3). Tudo leva a crer que o pedido não foi atendido. Atualmente os Kanamarĩ reivindicam a construção de uma escola, a presença de uma professora e de material escolar para os alunos. A escola atenderá de manhã cedo as crianças e no fim do dia os adultos. O ensino ministrado aos alunos será bilíngüe. Talvez uma adaptação da cartilha dos Kanamarĩ elaborada pelos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, no Acre, poderá auxiliar neste particular.

VIII - Eleição da Reserva

Em duas ocasiões diferentes reunimos os Kanamãrã diante do mapa do RADAM, para que definissem sua área. Com o auxílio deles fomos identificando os nomes dos igarapês. O igarapê Uchoa já é mencionado como gleba indígena pelo sertanista Costa (1973/4:2). Este fica a 1:05 hora de voadeira da aldeia e ainda hoje os índios o consideram de sua propriedade.

Na terra escolhida pelos Kanamãrã, há três seringueiras dentro, cujos seringueiros precisam ser removidos pelo INCRA para outra localidade. Da boca do Rio Branco, afluente do Rio Itacoã até o igarapê São Vicente, onde estão alojados os Kanamãrã, temos os seguintes Seringais:

- 01) - Seringal Itacoã I: de propriedade de Moisés Sebastião (Sabã), mas arrendado pelo CIA NORTE, tendo José Pinto como administrador. Este Seringal extrema com a boca do Rio Branco.
Madereiro: Francisco Lima dos Santos.
Seringueiros: Gilberto Ramiro, Raimundo Saraiva, Francisco Pereira e Manoel Ramalho.
- 02) - Seringal Uchoa: de propriedade de Raimundo Assis. O Seringal estende-se da boca do Rio da Pedra até o igarapê São Vicente, em ambas as margens destes. O madereiro Augusto trabalha neste Seringal e também o seringueiro Paulo. O igarapê Uchoa localiza-se dentro deste Seringal. Este extrema com a aldeia dos índios.
- 03) - Seringal Bananeira: de propriedade de Sebastião Bezerra, mas está sendo cuidado (ou arrendado?) pelo seu filho, João Bezerra.
Seringueiros: Carlos Sirley Ferreira e Manoel Batorê (Bastista da Silva).

Examinando a Relação dos Proprietários de Glebas (anexo nº 1), do INCRA, o Seringal Itacoã I tem outro dono e possui Título Definitivo. Não existe o Seringal Uchoa, mas Rio Branco e São Vicente, em nome de outros proprietários e com Títulos Definitivos. No Rio das Pedras, a "Relação" apresenta os

Seringais São Paulo I, II e III, tendo o nome do mesmo proprietário para as três glebas e possuem Títulos Definitivos.

A área Kanamari será incluída no Parque Indígena na Vale do Javari, por estar dentro do polígono indígena dos rios Jandiatuba, Jutaí e Ituí. Além disso, a região compreendida entre as cabeceiras dos rios Jandiatuba, Itacoaí, Jutaí e os afluentes do Rio Juruá que nascem entre estes três rios, é considerada pelos brancos, como terra indígena. Unida a reserva Kanamari está a reserva indígena dos Korina, que será abordada no próximo relatório.

IX - Sugestão de Ação

A reativação do PI Massapê é imprescindível se quisermos que os Kanamari sobrevivam como grupo étnico. A instalação da infra-estrutura básica do Posto e seus complementos (rádio-fonia, canoa com motor de 25HP, combustível etc) deve ser feita em caráter de emergência. A alegação de não possuirmos recursos humanos e financeiros para atender os índios, não se justifica mais atualmente, onde há múltiplas formas da FUNAI obter os meios. Aos índios estes impedimentos são incompreensíveis, deram o prazo de um ano para que o Órgão atuasse em sua aldeia.

A implementação de um Projeto integrado de desenvolvimento comunitário que abrangesse economia, educação, saúde e infra-estrutura, atenderia aos anseios da comunidade Kanamari. O Projeto seria complementado em 1981, com a demarcação de seu território, que faz parte do Parque Indígena do Vale do Javari.

Para subsidiar as diversas etapas do Projeto, uma pesquisa etnológica e lingüística dos Kanamari deverá ser efetuada paralelamente, uma vez que a literatura científica dos mesmos é quase inexistente. A DEP/DGPC poderá financiar estas pesquisas durante os anos vindouros aos pesquisadores interessados em realizar estes trabalhos.

I N D I C E

- INTRODUÇÃO	69
I - História	69
II - Demografia	70
III - Aspectos Econômicos	
a) - Roça	71
b) - Caça	71
c) - Pesca	72
d) - Trabalho	72
e) - Extração de Seringa	73
f) - Extração de Madeira	73
IV - Eleição da Reserva Indígena	74
V - Sugestão de Ação	75

RELATÓRIO SOBRE A ELEIÇÃO DA RESERVA DOS KORINA

- INTRODUÇÃO

Ao chegarmos na aldeia Kanamarĩ, em 02/06/80, sabemos que não poderíamos prosseguir viagem de deslizador ao acampamento Korina, porque o Rio Itacoaĩ estava fechado com mais de 140 toros de madeira atravessados, que um civilizado tinha cortado na reserva indígena. Utilizando da canoa a remo, levaríamos de dois a três dias de viagem. Como não havia varadouro para chegarmos a aldeia, trabalhamos simultaneamente com o nosso guia Korina e os Kanamarĩ, que ajudaram a complementar alguns dados fornecidos pelo Índio Francisco.

I - Histórico

Os Korina (ou Kulina) estão localizados no Seringal Entre Rios, nas cabeceiras do alto Rio Itacoaĩ. O Seringal é de propriedade de Cílio Bráulio. Um seringueiro comentou que em 1925 havia vestígios de Índios neste lugar, mas não soube identificá-los. Segundo o Professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, os Korina pertencem ao tronco Aruāk, família Arawā e língua Kulina (1975: 4035). Os regionais informaram que os Korina falavam uma língua diferente dos Kanamarĩ.

O Índio Francisco Ferreira (Wasmar) disse que desde 1974 residem no Seringal Entre Rios, vindos do igarapé Penedo, afluente do Rio Juruá. Pediram a Gilvan Silva, Chefe da Ajudância, para ali residirem. Este auxiliou-os na instalação, ajudando-lhes com alimentos, ferramentas e roupas. O sertanista Costa narra que as famílias Korina fugiam das perseguições dos civilizados do Rio Juruá e que tiveram conhecimento da atuação da FUNAI no Rio Itacoaĩ. Contaram-lhe que outros Korina também se mudariam. Eram liderados por Awanon (1973/4:3). Atualmente Francisco Ferreira se considera o tuxãua do grupo. Seus cemitérios encontram-se no Rio Juruá.

Os Korina recebiam assistência do Subposto Massapê que estava localizado na aldeia dos Kanamarã. Segundo Torres, os Korina também eram empregados no PIA Marúbo, sendo que um barco ia buscá-los na aldeia. Os Korina queixaram-se da assistência prestada pela FUNAI porque há seis meses não tinham sal, cartucho, sabão e roupas. Relembra da época da atuação do sertanista Sebastião Amâncio da Costa em que possuíam de tudo (1976:2). Após a desativação do Subposto Massapê em novembro (dezembro) de 1975, os funcionários da Ajudância convidam os Korina para se mudarem para o PIA São Luís. Estes se recusam a sair do lugar. Portanto, há seis anos que os Korina moram na mesma reserva indígena do Massapê, como assim é conhecido o alto Rio Itacoaã.

Parece que não existe nenhuma afinidade entre os Korina e a Ajudância, pois o Índio Francisco chegando em Atalaia do Norte não conversou com ninguém da Ajudância.

II - Demografia

Conforme o sertanista Costa, em 1974 havia 36 Korina no Subposto Massapê (1973/4:3). Atualmente recenseamos 27 pessoas, havendo portanto um decréscimo populacional de 9 indivíduos no grupo. Estes indivíduos estão distribuídos em quatro casas, constituídas de seis famílias nucleares, sendo uma delas composta (Veja anexo nº 3). O grupo está se miscigenando com regionais. Computamos dois civilizados casados com Korina e quatro pessoas mestiças (Korina + Civilizado).

A faixa etária do grupo está assim discriminada:

0 - 4: 3	25 - 29: 1
10 - 14: 9	45 - 49: 1
15 - 19: 6	50 - 54: 1
20 - 24: 4	

A idade dos índios foi calculada pelo informante, uma vez que não chegamos até a aldeia Korina. Somente de

duas pessoas não obtivemos suas idades. Se observarmos a faixa etária, veremos que metade da população é de crianças (0-14) - 12 - e o restante (15-54), é adultos (13).

Na genealogia Korina levantamos os Índios que habitam a boca do igarapê Rio das Pedras. Talvez tenha ficado alguma pessoa sem ser registrada. Os Korina trabalham neste local para civilizados, mas sua residência fixa é no Seringal Entre Rios. Aham que os 40 Korina, seus parentes, que moram no Seríngal Penedo, colocação Piau, no Rio Juruá, podem se transferir para o Seringal Entre Rios, se a FUNAI voltar a assistí-los. Mantêm estreitos vínculos com seus patrícios do Rio Juruá.

III - Aspectos Econômicos

a) - Roça

Uma roça é cultivada por duas vezes. As roças velhas ficam perto da aldeia. No igarapê Guariba há duas capoeiras. Tem capoeira no igarapê Bacia, onde há cinco roças antigas dos Kanamarã.

Logo que chegaram do Rio Juruá, se estabelecem na colocação Morada Nova, perto do igarapê Guariba, permanecendo três anos no local. Transferem-se para o igarapê Trajano porque o lago onde pescavam ficava longe. Ainda moram neste igarapê onde têm roça nova.

A pupunha é cultivada, havendo roças velhas, nas colocações Tracoã, Santa Fê, Chapada (abaixo do Tracoã), Bacia, Portão (acima do Bacia) e Museu (abaixo do igarapê Boto). Há pequenas plantações nas colocações de seringa e madeira.

As mulheres e homens Korina fabricam farinha de mandioca. Querem aumentar a produção, mas precisam de tacho e ralador. A farinha pode ser vendida aos madeireiros, seringueiros e regatões da região.

b) Caça

Os Korina caçam veado, porco do mato, paca e tatu. Estes são caçados com flecha e espingarda calibre 16. Pre

cisam de mais espingardas e munições. As caçadas são efetuadas nos igarapês Guariba, Açaã, Prajano e Gondô.

c) - Pesca

Pescam em quatro lagos que se localizam em ambas as margens do Itacoaã. Pescam no Rio Itacoaã com anzol e tarrafa.

d) - Trabalho

Os regionais consideram as glebas indígenas de boa qualidade. Um deles contou-nos: "as melhores terras são dos índios, tem madeira e seringa". Apesar disso, os Korina não permanecem na reserva indígena, pois não têm condições de explorá-la. Necessitam de uma ajuda que os encaminhe e os torne independente economicamente.

Trabalham nos seringais da vizinhança, a fim de conseguirem dinheiro para comprarem bens industriais. Os civilizados rotulam os Korina de ladrões e píddes. Não produzem nada. Comem durante todo dia, enquanto há comida. Precisam de um patrão para dirigí-los.

Trabalhando fora da reserva, o índio Francisco comprou um motor rabeta, que afundou no rio alguns meses atrás. Este contou que foi para Benjamin Constant, ficando aí por um ano. Trabalhou com o irmão durante oito meses no Seringal Sental(?), localizado no afluente da margem direita do Rio Itacoaã. Cortaram 140 toros de cedro para o patrão. Recebiam CR\$ 1.000,00 mensais e alimentação. Esta consistia de óleo, farinha, munição e o empréstimo de espingarda. Do salário que receberam, só deu para comprar algumas peças de roupas, não sobrando mais nada.

Examinando os dois recibos do índio Francisco pode se ver o que costuma comprar e o que recebe do patrão. Numa nota estava registrado a aquisição de papelinho, tabaco, fósforo, sabão, cachaça e giletê. Na outra nota havia estas mesmas mercadorias e mais bota, pente, cerveja, sapato e chapêu. Os gastos foram de CR\$ 7.230,00; os ganhos de CR\$ 11.299,89 e o saldo

de CR\$ 4.069,98. Pelo salário, constata-se que Francisco não trabalhou 8 meses como informou, mas 11 meses e 9 dias, e que quase todo o seu dinheiro foi utilizado para sua manutenção pessoal, não restando quase nada para enviar a seus familiares na aldeia.

Praticamente a aldeia Korina fica desabitada o ano todo, pois há uma grande mobilidade de seus ocupantes pelos seringais, principalmente no Rio das Pedras e no Rio Juruá. Há necessidade de se fixar esta população flutuante na área indígena, através da implantação de um Projeto de Desenvolvimento Comunitário, no mesmo estilo do Projeto Kanamarí.

e) - Extração de Seringa

Em 1977 os Korina extraíram 560 quilos de borracha de seis estradas, próximo a beira do Rio Itacoai. Como o preço da borracha era baixo, passaram a extrair madeira. Atualmente se tivessem recursos, poderiam extrair seringa de mais de 20 estradas.

A borracha é cortada no período de verão que acaba em novembro, durando cinco meses. Uma estrada tem 200 pés de seringueiras. Portanto, em cada uma é preciso 200 tijelas e 1 balde. O material necessário para efetuar a extração de seringa é bacia de alumínio, tijelas, baldes e faca de seringa. As películas de borracha são transportadas dentro de barcos. O mesmo barco que carrega a borracha dos Kanamarí pode levar junto a dos Korina.

f) - Extração de Madeira

Os Korina atualmente só se dedicam a extração de cedro, retirado de ambas as margens do Rio Itacoai, ou seja, nos igarapês Guariba, Prajano, Açaí e Gondô para cima até onde moram. A madeira é cortada na estação do inverno, durante nove meses.

A madeira branca também é extraída: moracim, ocūba, angiroba, cedro d'água e maropá. Em 1979 retiraram 30 toneladas de madeira branca que lhes pagaram CR\$ 200,00 o m³. Os preços

ços em 1980 para a madeira branca são: ocūba CR\$ 50,00 m³; em Atalaia do Norte - CR\$ 250,00 m³; moracim: CR\$ 300,00 m³; angiroba: CR\$ 200,00 m³; em Atalaia do Norte - CR\$ 300,00 m³. Portanto, é compensador vender a madeira na cidade que na aldeia, pois os preços são mais altos. O barco rebocador dos Kanamarĩ deverã escoar a produção dos Korina, sendo as despesas divididas por ambos, ainda havendo lucro para as duas comunidades.

Um Projeto de Desenvolvimento de Comunidade (integrado) preverã a aquisição de instrumentos para a realização do trabalho em madeira, para todas as famílias Korina: machado, terçado, aro (argola) de aço e cabo de aço para puxar os toros para dentro da água.

Em 1979 alguns madeireiros exploraram três igarapês perto das casas dos Korina. Os toros de cedros ainda se encontram no local, porque faltou água para rebocã-los. Os madeireiros contaram aos Índios que possuíam ordens do Chefe da Ajudância para extraírem madeira neste lugar. Não procuraram averiguar a veracidade da informação, humildemente aceitaram os fatos.

IV - Eleição da Reserva Indígena

A área para os Índios Korina foi eleita pelo Índio Francisco Ferreira com o auxílio dos Kanamarĩ que conhecem bem a região. O mapa do RADAM foi mostrado a eles, que iam identificando a gleba ocupada efetivamente pelos Korina. A área desses Índios limita-se com a dos Kanamarĩ, estando dentro do perímetro do Parque Indígena do Vale do Javari.

A aldeia Korina está localizada no Seringal chamado Entre Rios. Ao examinar a "Relação dos Proprietários de Glebas" do INCRA e da Prefeitura de Atalaia do Norte (Veja anexo nº 1), verifica-se a existência de cinco Seringais no Rio Itacoã com a denominação Entre Rios: Central, Divisor, da Esquerda, de Baixo e da Direita, de propriedade do Antonio Braga, possuindo Escritura Pública e Título Definitivo. Necessita-se examinar in loco ou em mapa cadastral, onde estão exatamente localizados estes Seringais. Não hã seringueiros na área delimitada, não havendo, por conseguinte, remoção dos mesmos.

V - Sugestão de Ação

Ao ser ativado o PI Massapê nos Kanamarĩ, este deve dar assistência aos Korina que estão radicados em sua proximidade. Na aldeia Korina será instalado uma escola que atenderá as crianças e os adultos. Também deverá ser implantado uma enfermaria, que receberá periodicamente a visita da EVS. As edificações serão de material regional, adaptado as condições climáticas da região. A aldeia será equipada de canoa, motor e combustível, para atender casos de emergências que venham ocorrer na reserva.

Uma assistência adequada, devidamente programada num Projeto Integrado de Desenvolvimento Comunitário, que visa inclusive a instalação de uma Cooperativa que substituirá o regatão, auto-promoverá o grupo indígena, dando-lhe oportunidade de explorar economicamente o potencial de sua reserva.

Concomitantemente a implementação do Projeto, uma pesquisa etnológica será realizada para fomentar o desenvolvimento do mesmo. A DEP/DGPC poderá financiar esta pesquisa aos pesquisadores interessados neste grupo indígena.

I N D I C E

-	<u>INTRODUÇÃO</u>	77
I	- História do Contato	78
II	- Demografia	83
III	- Aspectos Sociais	
	a) Aparência Física	86
	b) Adornos	87
	c) Tatuagem	90
	d) Pintura	91
	e) Língua	91
	f) Alimentação	92
	g) Descrição da Maloca	92
IV	- Aspectos Econômicos	
	a) Roça	94
	b) Caça	96
	c) Pesca	97
	d) Artesanato	98
	e) Madeira e Seringa	99
V	- Aspectos Religiosos	102
VI	- Envolvimentos Internos e Externos da Comunidade	
	a) Relações Intertribais	103
	b) Relações Intratribais	104
	c) Relações Interétnicas	105
VII	- Aspectos de Saúde	106
VIII	- Problemas no PIA Ituí	
	a) Infra-Estrutura	109
	b) Assistência à Equipe de Atração	110
	c) Mudança do PIA Ituí	112
IX	- Eleição da Área	113
X	- Sugestão	115

RELATÓRIO SOBRE A ELEIÇÃO DA ÁREA DOS MATIS

- INTRODUÇÃO

Após delimitarmos a área dos Kanamari, localizada no ex-Subposto Massapê, no alto Rio Itacoaí, empreendemos a viagem de retorno, em direção ao PIA Ituã, localizado na margem esquerda do Rio Ituã. Este percurso foi realizado com barco de motor de centro, alugado em Benjamin Constant. Levamos 88,10 horas, ou seja, quatro dias de viagem. Esta transcorreu normalmente porque choveu no alto Rio Ituã (afluente do rio Itacoaí), enchendo-o suficientemente para navegar regularmente até o PIA Ituã. As águas do rio estavam espumosas.

Ao subirmos o Rio Ituã, fomos parando o barco nos jiraus dos moradores deste rio, a fim de coletarmos informações sobre a área, os índios, os nomes dos seringais e seus proprietários. Chegamos ao PIA Ituã em 08/06/80, na parte da manhã, onde aproveitamos e recenseamos a população do pequeno acampamento Marúbo que para aí se transferiu, atraídos pelas regalias e assistência fornecida pelo PIA. No dia seguinte, nos dirigimos ao Posto Vida Nova (Missão Novas Tribos do Brasil) onde moram os Marúbo, a fim de aproveitarmos o volume de água ainda favorável a navegação.

No dia 17/06 retornamos ao PIA Ituã. No dia 18/06 acompanhada pelo Chefe do PIA Ituã e pelo auxiliar de frente de atração, nos encaminhamos para a primeira maloca dos Matís, que fica no igarapé Jacurapá, afluente do Rio Ituã. Permanecemos nesta aldeia um dia e no outro, 20/06, retornamos ao PIA. Gastamos 9 horas na ida e na volta, fizemos este mesmo trajeto em 7 horas de caminhada na mata. Na ida, duas famílias de índios Matís nos acompanhavam, retornando às suas aldeias, após serem medicados no PIA. Apesar dos doentes estarem fracos, caminhavam mais rápidos que nós. Não acamparam na primeira maloca, mas na mata, próximo da mesma.

Não nos alojamos na maloca que fica a 10 minutos do jirau dos funcionários do PIA, porque necessitávamos obter dados culturais do grupo por intermédio do auxiliar de sertanista. Este jirau coberto com folhas de palmeiras, não tinha paredes e nem divisórias internas. Havia uma prateleira rústica onde eram depositados os remédios, cobertos com plástico. A comida era preparada num puxado do jirau, sendo utilizados ganchos para pendurar as panelas. Ao lado do jirau, corre as águas transparentes e borbulhentas do igarapé Jacurapã. Ao redor do jirau havia uma mini-roça pertencente aos funcionários. O lugar é agradável e será o local para onde o Posto será transferido. Os Matís o frequentam com assiduidade.

Não obtivemos informações bibliográficas do grupo indígena visitado. O que conseguimos do Museu do Índio foi insuficiente, além de estar quase todo ele microfilmado no CNRC. O material existente na Ajudância de Atalaia do Norte foi todo xerocado e arquivado no Setor de Documentação do DGPC, assim como os documentos fornecidos pelo DGO. Houve resistência por parte do Chefe da Ajudância em fornecer cópia dos rádios, alegando quebra de sigilo. Insisti, pois continham informações importantes que eram imprescindíveis para mostrar a assistência que o PIA recebe da Ajudância.

I - História do Contato

Não temos informações do contato desse grupo indígena com os civilizados antes da atração, por esquecermos de fazer as averiguações históricas deste grupo nas cidades e posteriormente, porque os Índios não sabiam falar português. A lingüista Ruth Wallace Paula informa que primeiramente atacavam madereiros e seringueiros para adquirirem objetos (1979:9). Um funcionário do PIA contou que muito tempo atrás, os Índios moravam na margem esquerda do Rio Ituã, depois passaram para a margem oposta, onde foram contatados pela FUNAI. Outra informação mais ampla, diz que há muitos anos atrás, do Rio Pardo (afluente do rio Curuçã) até o Rio Ituã era habitado por "Mayoruna" (Coelho, 1976:2).

Os índios que estão sobre a jurisdição do PIA Ituã, são chamados Matís (assim grafado como ouvi dos índios, dos funcionários da FUNAI e dos regionais). Os Mayoruna que trabalhavam no PIA pronunciavam a palavra Matís como Matsêse e Matiche. A lingüista Paula que esteve na área, aplicando um questionário aos índios em trânsito pelo PIA e também aos Marūbo e Mayoruna que residiam no local, os auto-denomina de Matsêse. Falam uma língua da família Pãno. Chegou a esta conclusão, após comparar as três línguas que registrou (1979:24). Prefiro adotar a denominação Matís, por ser mais fácil a pronúncia e por serem assim chamados no PIA Ituã.

Os Matís estão localizados entre o Rio Branco, afluente do Rio Itacoã e o Rio Ituã. Não andam pelos lados do Rio Itacoã. Estão concentrados entre os igarapês Coari e o Boa Vista, afluentes do Rio Ituã. Neste último igarapé há varadouro. Por esta razão o PIA Ituã foi implantado no Rio Ituã, acima da foz do Rio Novo.

O Posto Indígena de Atração do Ituã foi instalado em 1974, mas somente em 1976 iniciou a atração dos Matís. Através dos inúmeros relatórios elaborados pelas equipes de frente de atração, pode-se acompanhar as fases de atração pelas quais passaram o grupo. Percebe-se através das leituras dos mesmos que a técnica utilizada foi correta e que a atração dos Matís ocorreu sem traumas e choques para os mesmos. Se após a transformação do PIA em Posto Indígena, forem usados métodos adequados na adaptação do grupo ao segmento nacional, pode-se profetizar que os Matís enfrentarão seus problemas internos e externos com equilíbrio e segurança, nunca perdendo sua autonomia tribal.

Reconstituindo cronologicamente as etapas do contato temos o seguinte:

21/12/76: apareceu na margem direita do Rio Ituã um índio gritando, falando muito e gesticulando. Depois surgiu mais quatro pessoas. Permaneceram 20 minutos no local (Coelho, 1976(a): 1).

27/12/76: no varadouro do igarapé Jacurapã dois intérpretes índios encontraram seis Matís. Através de mímica pediram

machado, terçado, cachorro e tesouras (Coelho, 1976 (b):1).

- Janeiro de 1977: paralizados os trabalhos de atração. Abriam uma picada de 14Km de extensão, plantaram roças de sustentação e fizeram desmatamentos (Silva, 1977:5).
- 26/04/77: 20 índios se aproximaram do PIA Ituã. Como não havia bríndes foi dado os materiais em uso no PIA (Paula, 1979:7).
- 27/04/77: apareceram 15 Matís no PIA. Faltavam bríndes no Posto. Levaram galinhas, frutas e legumes (Idem, pág. 8).
- 14/05/77: 16 índios visitaram o PIA. (Idem).
- 16/05/77: seis Matís aparecem no PIA. Os servidores do mesmo estavam gripados (Idem).
- 26/08/77: três índios surgem na margem do rio pedindo cachorro. Foram entregues bríndes (Idem).
- 02/10/77: 60 a 80 índios aparecem no PIA. Levaram bríndes e mais os objetos pessoais dos Marúbo residentes no Posto (Coelho, 1977 (a):1).
- 03/10/77: seis índios permanecem dois dias no PIA. Ao retornarem à aldeia carregam presentes (canecos, colheres, panelas etc), produtos agrícolas e animais domésticos (Coelho, 1977 (b):1).
- 18/10/77: sete Matís visitaram o Posto. Dialogaram durante duas horas. Levaram cachorro, gato, galinha, banana etc (Idem, pág. 9).
- 02/11/77: quatro jovens chamam os servidores do PIA para a margem oposta deste (Idem, pág. 10).
- 22/11/77: apareceram dois índios pedindo presentes, dentre eles, espelho (Idem).
- 25/12/77: 80 Matís encontram-se no tapiri em frente ao PIA Ituã. Deram de comer ao grupo macaxeira cozida e banana madura. Permaneceram oito horas no local. Os Marúbo cantaram para eles ouvirem (Idem, pág. 10-11).

- 08/02/78: seis índios visitam o PIA. Pedem brindes e produtos da roça. Os servidores despem-se e pintam-se com urucu. Os Matís se dirigem para seu tapiri no igarapê Jacurapã (Figueiredo, 1978 (a):1).
- 18/02/78: três índios procuraram o PIA. Pediram presentes (concha, agulha etc), mas não haviam no Posto, deram os de uso pessoal. Retornam ao tapiri de visitas (Idem, 1978 (b) : 1).
- 28/02/78: visitaram o Posto 43 Matís. Solicitaram brindes, mas o PIA não possuía o material pedido. Levaram utensílios de cozinha e 700 espigas de milho de um Marúbo (Idem, 1978 (c):1).
- 01/03/78: os índios retornam ao PIA. Ficaram quase toda a manhã, levando macaxeira e banana (Idem).
- 15/04/78: apareceram 11 índios, permanecendo duas horas no lugar. Pediram presentes (Paula, 1979: 12).
- 28/06/78: alguns índios aparecem no Posto e no outro dia retornam à aldeia (Odinor Silva, 1978:1).
- 07/07/78: surgiram 9 Matís e permaneceram no PIA Ituã durante 8 horas. Percorreram as casas dos funcionários, levando objetos: Os Marúbo reclamam que os Matís levam seus pertences (Idem).
- 24/05/79: apareceu um índio depois de 51 dias de ausência (Silva, 1979:1).
- 09/06/79: surgiu dois Matís no PIA. O atendente aplicou-lhes anti-biótico e isolou-os do convívio com os funcionários. Os brindes levados pelos índios foram ferramentas e bananas (Idem, pág. 2).

Vários fatores poderiam ter dificultado a atração dos Matís, mas estes não foram suficientes ou foram habilmente contornados pela equipe de frente de atração. Quando ocorreu o primeiro contato (21/12/76) com os Matís, não havia sertanista no PIA Ituã, conforme dado de Paula, pois o sertanista Rubens Pasta na Tavares ficou no local até 05/06/76 e Modesto Alves França até 20/05/77 (1979:2). A partir desta data, o Auxiliar de Encarregado

da Frente de Atração, Pedro Oliveira Coelho, assume a direção da Frente. A adoção de três técnicos diferentes poderia ter criado problemas para os índios arredios e para os próprios membros da Equipe.

O auxiliar de sertanista, Pedro Coelho, explicou-nos os métodos de atração adotados para os Matís. O sertanista Rubens Tavares preparou uma roça de macaxeira e milho em frente ao PIA Ituã, mas na margem direita. Nesta roça antiga, Pedro Coelho mandou derrubar as árvores grandes e pequenas, deixando o local descampado, onde podia se ver a chegada dos índios, sem obstáculos visuais. O objetivo desta técnica, usada pela primeira vez na região, era evitar um ataque de surpresa dos índios arredios e inibir a "agressividade" dos mesmos, ou seja, não lhes dar condições de se esconderem num meio em que dominam com perfeição, a mata. O sertanista Rubens se utilizava de varadouros para atingir os Matís. Este sistema é alterado por Pedro Coelho, pois recebera ordens da Chefia da Base, conforme informa a lingüista Paula, "... para não entrarem para o centro da mata a procura de contato com os índios e sim esperassem que estes viessem ao Posto" (1979:3). Pedro Coelho abandonou a construção de varadouros e faz alguns caminhos até a margem do Rio Ituã. Nestes, constrói tapiris onde colocam brindes para atrair os Matís até o PIA. Certa ocasião, os índios deixaram no tapiri um pedaço de carne de caça. Espontaneamente os Matís vieram ao descampado, em frente ao PIA Ituã.

Uma vez que o sistema de brindes é utilizado para "cativar" índios arredios, o PIA deve ser periodicamente abastecido deles. O descuido da Delegacia em suprir o PIA, pode ocasionar sérias consequências para os membros da frente de atração, já que os índios podem interpretar a ausência de brindes, como recusa ou sovinação por parte dos funcionários, já que não se entendem linguisticamente. O uso de presentes em frente de atração requer um estudo minucioso e cuidadoso, pois parece-nos que inicialmente o habituamos a doações e posteriormente, lutamos desenfreadamente para tirá-los das garras do paternalismo. Esta contradição deve ser sanada com rapidez pelo Órgão, antes que outros grupos indígenas venham a ser atingidos por este processo ambíguo.

Outro fator que pode colocar a equipe de frente de atração em perigo, é a falta de pessoal suficiente para atender a demanda. Juliano Nogueira e Julio Oliveira já mencionaram em seu relatório, a insuficiência de trabalhadores no PIA, em setembro, época do ano em que os índios saem para as margens do rio para coletarem tracajá e ovos (1976:2). A condição numérica inferior do PIA pode ser talvez um motivo que conduza os índios arredios a se encorajarem a atacarem agressivamente a um PIA. Acha-mos também que o que leva o índio arredio à belicosidade, é a maneira como se conduziu ou se processou os primeiros contatos esporádicos com os regionais. Se estas aproximações se efetuarem pacificamente, sem mortes e sem fricções, pode se esperar que a equipe de atração não terá dificuldades maiores para atraí-los definitivamente. Um passado escabroso, só poderá ter conseqüências futuras desastrosas.

A localização inadequada de um PIA também pode interferir no aceleração ou no atraso do andamento do contato. Devido a instalação do PIA Ituã num lugar infestado de piú e carapanã, impedia que os índios permanecessem muito tempo no local (Figueiredo, 1978 (b):2) ou irem a ele. Muitos deles ficaram com seus corpos dilacerados de feridas, devido aspicadas de insetos (Rádio do PIA Ituã, Texto 23/05/78).

Nos relatórios dos sertanistas e dos chefes do PIA Ituã não ficou claro, porque os índios arredios pedem produtos agrícolas, que os funcionários preparem suas roças e os ajudem a construir as malocas. Supomos que até o momento do contato eram auto-suficientes e suas roças eram fartas, se compararmos com outros grupos indígenas da família Pãno. Esta mudança imprevista de comportamento é estranha, carecendo de um estudo mais profundo. Por outro lado, o fato dos funcionários se recusarem a ofertar alimentos e de executarem as tarefas solicitadas, também pode gerar uma ruptura no relacionamento PIA/Matís, com sérias conseqüências para ambos.

II - Demografia

Coelho, auxiliar de frente de atração, plotou num mapa, três aldeias, cuja localização fora fornecida pelos ín

dios arredios, em 03/10/77. As malocas se achavam nas cabeceiras dos igarapês Boeiro, Jacurapã e Aurélio Grande (1977 (b):3). As informações sobre a localização das aldeias, com o decorrer do tempo de contato ia se aprimorando, devido ao fato de que cada vez que visitavam o PIA, vinham pessoas de aldeias diferentes. Assim, numa das visitas que os Matís fizeram ao PIA Ituã, em 08/10/78, informaram através do intérprete, que moravam nas cabeceiras dos igarapês Jacurapã - Aureliano Grande e que acima do Posto existiam outras malocas (Figueiredo, 1978 (ã):2). Noutra ocasião, em 28/06/78, os Índios pedem aos servidores do Posto, para abrirem uma picada no igarapé Boeiro onde achava-se a maloca principal (Odinor da Silva, 1978:2).

Tudo leva a crer que algumas aldeias se mudaram, atraídas pelo PIA. O atendente de enfermagem, Odinor da Silva, informa que em 09/06/79, um líder tencionava limpar o igarapé Jacurapã para facilitar o transporte de materiais para a nova maloca. Faria também um roçado (1979:2).

Até 1978 foram visitadas três malocas pela equipe de frente de atração, conforme contou o Índio Francisco (Korina) que trabalhou no PIA durante 4 meses. Havia plantações ao lado das aldeias. Os funcionários do PIA contaram que no igarapé Aurélio Grande, havia mais ou menos vinte malocas, havendo também aldeias abandonadas. Os madeireiros os expulsam do lugar e os Matís se refugiam no igarapé Jacurapã, onde há malocas velhas. É neste local que a FUNAI os vai contatar, havendo nele dez malocas. Após a atração transferem-se para o igarapé Boeiro. O pessoal da Frente de Atração calcula que há duas malocas no igarapé Jacurapã; cinco malocas, no igarapé Boeiro e mais duas malocas no Rio Branco, perto do igarapé Taboca. Calculam que existem 200 Matís.

O PIA Ituã dá assistência a três aldeias, bastante distantes umas das outras e conseqüentemente do Posto. Estas encontram-se nos igarapês Jacurapã, Boeiro e Coari. A terceira maloca que fica a três dias de viagem, mantém pouco relacionamento com o PIA, ao passo que a primeira aldeia por ser mais próxima a ele, possui estreito contato com o mesmo. O censo da população Matís, em 1979, era de 132 pessoas. A aldeia que visitamos tinha 41 pessoas. Não o atualizamos, por visitarmos apenas

a primeira aldeia. Como as três aldeias restantes estavam longe e os índios não falavam português, achamos desnecessário perdermos seis dias de viagem a pé pela floresta, uma vez que o auxiliar de sertanista forneceria as informações juntamente com o chefe do PIA Ituã.

Ficamos impressionados com o reduzido número de crianças da maloca visitada, mas Pedro Coelho afirmou que nas outras aldeias o número é maior. Também chamou-nos a atenção, como a população desta aldeia era constituída de jovens. O auxiliar de sertanista também esclareceu que em uma maloca há um homem e uma mulher idosos com mais ou menos 100 anos de idade.

Há poucos homens que casaram com duas mulheres. O índio Tumi mencionou que tem dois pais (pai biológico?).

Ao redor do PIA Ituã gravita uma população indígena que está a serviço do mesmo e/ou foram atraídos pela assistência do Posto.

Temos:

- 01) - Roselina: Kanamari do PIA São Luis, casada com um braçal;
- 02) - Antonia: Korina, 46 anos, casada com Francisco, braçal do PIA (28 anos);
- 03) - Maria Ineida: Korina. É casada com Amazonas (Korina) que se encontra na boca do Rio Pedra, afluente do Rio Itacoai. O casal é procedente do Igarapé Santa Rosa, afluente do Rio Ipixuna (ou Juruã?).
Seus filhos:

04) - Mariene: 14 anos

05) - Manoel: 12 anos

06) - José: 10 anos

Os jovens Manoel e José com o auxílio da mãe, este ano abriram uma estrada de seringa no PIA. Desconheço os motivos que levaram o casal a viver em locais separados. A família trabalha no PIA para se sustentar. Estão há pouco tempo no lugar.

Um pouco afastado do PIA há um núcleo de jiraus, habitados por Marubo, sendo alguns deles funcionários da

FUNAI. A população Marúbo é bastante flutuante, uma vez que os parentes dos funcionários após os visitarem, retornam a sua área de origem, o Posto Vida Nova, nas cabeceiras do Rio Ituã. Atualmente há 26 Marúbo constituídos de seis famílias, residindo em cinco jiraus (Vide anexo nº 4). Os técnicos Nogueira e Oliveira comentam que o Índio Raimundo chegou acompanhado com quatro famílias vindas da Missão e que em meados de outubro chegariam outras (1976:2).

A lingüista Paula registra 60 Marúbo no Posto, por ocasião de sua visita na área. Não ficou claro no quadro apresentado, se o número de irmãos e parentes que registrou com os seis chefes da casa, residiam com eles ou se achavam em Vida Nova (1979:6). Coelho em seu relatório, informa que há aproximadamente doze famílias de Marúbo no PIA (1979:1).

No levantamento populacional do PIA Ituã, fornecido por Coelho à gerência SIPLAN/FUNAI, de 27/11/78, existe no local, 311 índios, sendo 163 homens e 148 mulheres. Parece-me que este dado está incorreto, pois segundo nossos cálculos não ultrapassam a 164 índios os habitantes do PIA (132 Matís, 26 Marúbo, 1 Kanamari e 5 Korina).

III - Aspectos Sociais

a) - Aparência Física

Os Matís são sorridentes, alegres, expansivos e joviais. Sua aparência externa inspira saúde e juventude, dedicando ao corpo uma atenção especial.

Os homens e as mulheres raspam os cabelos da cabeça, porque temem adquirir piólhos. Para isso, utilizam a fibra do capim navalha ou dentes de piranha. Atualmente passaram a usar lâminas de silete dada pela FUNAI. Não gostam de cabelos crescidos, quando isso ocorre, o marido arranca os fios salientes. No início do contato, os índios queriam raspar e às vezes raspavam a cabeça dos funcionários do PIA.

Todas as pessoas depilam as sobrancelhas, utilizando cinzas. Alguns homens portam bigode e cavanhaque ralo.

Por ocasião do contato, os Matís pediram aos membros da equipe de atração para se despirem e depois queriam amarrar o prepúcio a cintura, à moda deles.

Os índios andam nus, mas às vezes os homens usam calção e camisa que pedem aos funcionários. Esporadicamente só uma mulher usa vestidos. O uso de vestuário não é incentivado pelos funcionários do PIA Ituí, devido as implicações sanitárias que advêm de sua utilização. Mas por ocasião da atração, os índios pediam roupas para se protegerem das picadas de insetos. Disseram que as usariam apenas no PIA porque na maloca não precisavam (Odenir Silva, 1978:2). Mas parece que estão se habituando ao seu uso, pois agora se utilizam do vestuário dentro da aldeia.

b) - Adornos

Os Matís usam diariamente seus enfeites corporais. Estes não são muitos diversificados e elaborados. Por ocasião do luto os adornos são abandonados ou alguns índios reduzem a quantidade deles, como aconteceu com o Tumi. Quando seu irmão faleceu, deixou de usar quatro estiletos grossos de pau perto do nariz (manokete), passando a usar um estilete em cada lado do mesmo. Existem certos colares que são evitados o seu uso porque provocam doenças às crianças. As mulheres controlam os homens para que não os utilizem.

Damosre: são 10-12 estiletos delgadíssimos de patuã que estão encravados sobre cada narina. Às vezes estes provocam inflamações nos lugares em que se encaixam. O número de damosre varia em ambos os sexos. Algumas pessoas tinham mais estiletos numa narina que na outra. Talvez esta diversificação esteja relacionada com a idade do usuário. As crianças iniciam o uso do damosre com poucos estiletos e à medida que crescem, vai aumentando a quantidade a ser introduzida.

Manokete: são dois estiletos grossos de patuã, usados pelos homens em cada lado do nariz, na face. Apenas três homens adornam-se com quatro manokete, dois em cada lado do nariz. É colocado quando o indivíduo tem entre 17-20 anos.

Após a introdução do manokete o jovem recebe a tatuagem facial.

Detasrkete: é o enfeite usado por ambos os sexos no septo nasal. Há dois modelos. Um feito com um pedacinho de pau ou de taboca (tasrketa). O outro é utilizado somente pelos homens, sendo confeccionado com a parte grossa (boca) do caramujo aruã (nicō). Este caramujo branco encontra-se em terra firme. Os dois pedaços de estiletes são unidos com cera preta, ficando as duas extremidades pendentes nas narinas, parecendo garras.

Postĩ: há dois tipos de brincos, um de taboca de espessura regular, usado pelas mulheres. Estas costumam levar junto a um dos brincos, um estilete delgadíssimo de patuã, para retirar espinho ou estrepe do pê. O uso dos brincos estão de tal forma incorporado na concepção artística e cultural do grupo, que dificilmente se desfazem de seus adornos pessoais quando são possuem aqueles (não têm esportes, são o estritamente necessário) e quando o fazem, improvisam um substituto na hora. Presenciamos este fato, quando trocamos um brinco feminino. No mesmo momento que se efetuou o câmbio, o marido dela confeccionou outro brinco com um pauzinho de madeira que recolheu do chão. Tivemos dificuldades em fazermos trocas de peças artesanais, devido ao apego as mesmas e talvez ao sentimento de despojamento físico, corpóreo; que isto provoca neles.

Os meninos até mais ou menos 6-7 anos não furem a orelha, depois passam a utilizar um brinco de taboca (postĩ) de diâmetro pequeno, que vai aumentando de acordo com sua idade. A partir dos 8-10 anos enfeitam-se com outro tipo de postĩ, confeccionado com caramujo aruã. Numa orelha usam este tipo de brinco e na outra, um brinco de taboca. Os homens usam o brinco que é feito com uma placa côncava do caramujo (decō), embutido numa vareta grossa e leve. Para colocar o brinco na orelha, vi o índio Darapã molhar a sua extremidade, na boca. Talvez fizesse isso para melhor introduzi-lo no orifício da orelha.

Observei uma parte da confecção de um postã de caramujo, feito por um homem jovem, no tapiri do auxiliar da frente de atração. A parte encaracolada da carapaça do caramujo foi partida com golpes de terçado. Com um pau em purrrou para fora o corpo do caramujo. Durante este processo, às vezes cuspiam no chão, talvez em sinal de repulsa ao ver o corpo do caramujo. Após limpar três carapaças as colocou expostas ao sol para secarem. Para partir a carapaça ao meio, encostou a ponta de um tição de fogo nela, a fim de amolecê-la. Deu uma batida seca na carapaça e a parte queimada rompeu-se. Este processo foi usado em toda a dimensão da carapaça do caramujo que ia ser partido. Parece-me que de uma carapaça se obtêm um par de brincos.

Para se conseguir a forma arredondada do postã, as bordas da peça é desgastada através de polimentos contínuos numa pedra molhada. Talvez para acelerar o desgaste, colocam um pouco de barro na panela com água, que por sua vez é jogada sobre a pedra de polir. Depois de polir as duas extremidades da placa onde fora partida, as outras duas partes também são queimadas e polidas na pedra. Para que o brinco ficasse ovalado, este foi desgastado durante muito tempo, até ficar no formato desejado. A parte do colamento com cera preta da vareta grossa (e leve) à placa interna nacarada da carapaça do caramujo, foi executado em nossa ausência. Segundo a lingüista Ruth Paula é difícil encontrar caramujo na região. (1979:19).

Kiute: tembetã de taboca fina usado por ambos os sexos. É colocado nas jovens entre os 10 a 15 anos.

Piscarê: colar fabricado com contas de coco de cor preta e avermelhada que é usado no pescoço e também cruzado no peito. O colar é feito pelas mulheres que resistem a qualquer negociação de troca com ele. As crianças usam o piscarê da mesma maneira que o adulto.

Para perfurar as contas colocam uma agulha num estilete longo e giram rapidamente. As contas a serem furadas são colocadas em cima de uma placa de madeira. Depois de furadas são enfiadas num cordão de tucum. As contas pre

tas são de muru-muru (txĩtsa) e as avermelhadas são tingidas de urucu.

Na época do contato os Matís iam nos jiraus dos Marũbo no PIA Ituí e levavam as pulseiras e colares de caramujo e de missanga (Odilon Silva, 1978:1). Com a vizinhança dos Marũbo que usam também colares com contas de plástico que são confeccionadas com a mesma técnica dos Matís, está havendo uma introdução desse elemento e das contas de caramujo nos colares deste grupo através da troca. Não há como controlar esta inovação, somente persuadindo os Marũbo a retornarem para sua área de origem (Posto Vida Nova).

Colar : Colares de dentes de macaco zog-zog (nãĩ) são usados pelos homens. As mulheres e as crianças também utilizam colares de dentes (chetã) de macaco, mas de outra espécie. Estes são perfurados em sua extremidade mais grossa e tecidos numa estreita faixa com fios de tucum. É uma peça delicadíssima, devido a pequenez dos dentes e a sua disposição e arranjo.

Faixas : Estreitíssima faixa tecida com fio de tucum é colocada nos tornozelos, abaixo dos joelhos, nos pulsos e nos antebraços. Estes enfeites são comuns a ambos os sexos. Somente os homens usam braçadeiras de dentes de macaco zog-zog.

c) - Tatuagem (moshã)

A tatuagem facial nos Matís está localizada em três lugares. Um deles fica entre as pontas das narinas e o canto da boca, em direção ao lóbulo da orelha. É constituído de seis traços horizontais pretos, que são feitos quando o indivíduo é adulto, depois dos 20 anos. A tatuagem é realizada em conjunto com rapazes e moças. Nas laterais dos olhos, parte externa, fazem dois traços verticais. No meio da testa até na altura dos olhos, há dois traços horizontais escuros. Estes dois tipos de tatuagem são realizados quando a pessoa tem de 10 a 12 anos. Parece-nos que a tatuagem constitui uma etapa do rito de iniciação, ou seja, a passagem do indivíduo da infância a juventude e desta a categoria de pessoa madura. Achamos também que há esta mesma conotação com os outros adornos faciais

(kiute, postĩ, manokete etc). Esta hipótese é corroborada pela informação de um braçal do PIA, que nos contou que nunca assistiu nenhuma cerimônia "grande" entre os Matĩs e que sō fazem a "festa dos brincos".

Os componentes que entram na tatuagem sō o sumo do genipapo, uma certa folha e fuligem. Esta fuligem é obtida pela chama do breu de cobal no fundo de uma panela. O preparado é passado no rosto e com o espinho de pupunha fazem as perfurações, penetrando a tinta na pele.

d) - Pintura

Não efetuam pinturas corporais elaboradas, apenas pintam todo o corpo de urucu. Dizem que usam o genipapo. Vimos uma mulher e um homem (Turu) com os rostos cobertos de vermelho. Costumam trazer feixes de fruto do urucu do PIA Ituĩ.

e) - Lĩngua

Os Matĩs falam uma lĩngua da famĩlia Pãno. Os homens falam rapidĩssimo e as mulheres com voz fina. Na lĩngua falada por eles tem mais intrusão de termos da lĩngua Mayoruna do que de Marũbo e Korina. Este fato tambẽm chamou a atenção do sertanista Tavares por ocasião dos primeiros contatos com os Matĩs, que acreditou que estes falavam um dialeto da lĩngua Mayoruna (1975:1). Tambẽm o sertanista Pedro Coelho registra que os int̃erpretes sentiram dificuldades em traduzir o que os ĩndios diziam, pois a lĩngua falada tinha termos Mayoruna, Kanamarĩ e Marũbo (1976:2). Como um ĩndio Mayoruna estã vivendo entre eles, estã aumentando o nũmero de palavras Mayoruna no linguajar Matĩs. Tambẽm pelo contato com os Marũbo do PIA, os Matĩs passaram a adotar termos da lĩngua deste grupo que antes não usavam.

Ao tentarmos conversar com uma famĩlia Matĩs, com o auxĩlio de Pedro Coelho, o homem virou para sua filha e falou: Tupã; e a esposa falou: Tumã. Apesar de serem muitos expressivos em suas explicações atravẽs de gestos e palavras, deduzimos que havia um linguajar diferente para ambos os sexos (o que é estranho em lĩngua Pãno) ou era sinônimo de um termo de parentesco.

Pode ser também que o casal estivesse mencionando os nomes pessoais da criança, pois o fazem sem constrangimento. São após o falecimento da pessoa há restrição de citar seu nome pessoal.

f) - Alimentação

Os índios comem banana, macaxeira, milho, buri ti, patuã e açaã. Fazem caisoma (bebida) de pupunha.

A carne de sucuriju é comida somente por homem e mulher idosos. A carne de jacarê é ingerida apenas pelas mulheres. Pelo tipo de informação percebe-se que estas carnes sofrem sansões alimentares pelo grupo.

A esposa do caçador cozinha a carne de caça, da qual ele pode comer. Após o cozimento da carne, o caçador distribui um pedaço para cada membro masculino da maloca, acompanhado de macaxeira. Os homens estão sentados sobre uma placa de madeira (nātane), no corredor da maloca, extremado por duas portas laterais. Após comerem esta porção, o caçador distribui mais um naco de carne para que os homens comam com suas famílias, nos nichos domésticos.

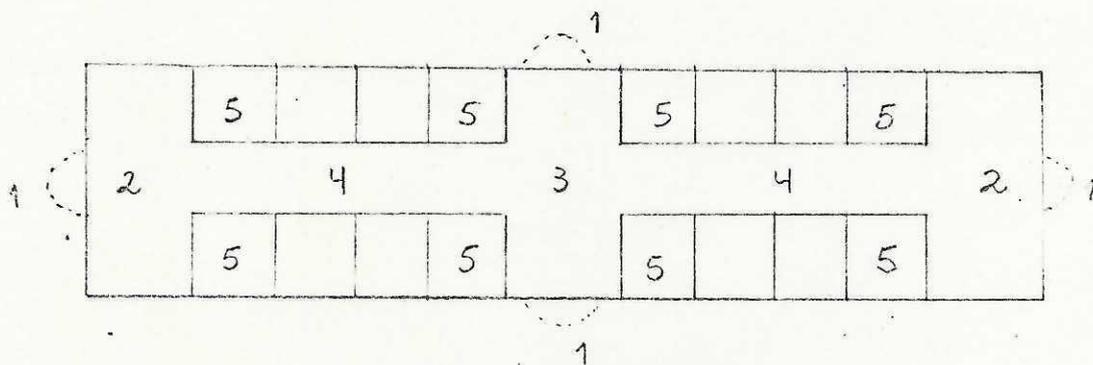
g) - Descrição da Maloca (srobô)

Ao deparar-se com uma maloca Matís, fica-se choca do com seu aspecto externo, simples e descuidado. Existe um grande desnível entre esta e o extremo esmero com o uso dos adornos faciais e corporais. Esta cuidadosa preocupação estética também contrasta com a singeleza dos objetos domésticos utilitários, ela borados. A zarabatana e o arco podem ser considerados como aces sórios do prolongamento do "corpo" do homem, que os acompanham diariamente ao sair de casa, são requintados e bem confeccionados.

A maloca que localiza-se no topo de uma colina, tem uma porta em cada extremidade e mais uma em cada lateral, na mesma direção. A casa tem um formato alongado e a planta baixa é retangular. O seu interior é dividido em dois, sendo separados pelo corredor dos homens. Neste local os homens sentam em placas retangulares chatas, de madeira. O corredor fica entre as paredes laterais de quatro nichos. Nas extremidades longitudinais da maloca encontra-se uma peça ampla, logo após a porta dessa extre

midade, onde depositam os vasilhames de cerâmicas grandes e pequenas, e outros objetos. Logo a seguir há um corredor longo que dá acesso para o interior dos nichos da maloca. No corredor há vários esteios de sustentação da estrutura da casa, cujas extremidades superiores, abrem-se para fora, em forma de leque. Tem-se a impressão que o corredor é um funil, estreito na parte de baixo e amplo na parte de cima. Nas laterais deste corredor, encontram-se os nichos domésticos que perfazem oito em cada meia metade da maloca e dezesseis em toda ela. A divisão da parte superior dos nichos que dá para o corredor é feita com zarabatanas. Na parte interna do compartimento, perto da parede, é local de cozinhar (tesrcãdl).

Planta baixa da maloca (croquis).



1. portas
2. depósitos de utensílios domésticos
3. corredor masculino
4. corredor que dá acesso aos nichos familiares
5. nichos ("quartos") familiares.

Dizem que numa maloca abandonada contaram 14 nichos em cada lado, num total de 28 em toda a maloca. Eram muitos Matís, mas que foram dizimados por uma epidemia de gripe. Resolvem se separar em pequenos número de pessoas e viverem espalhados pela área. Possivelmente nesta maloca pode se calcular de 110 a 140 pessoas residindo nela. A lingüista Paula registrou em seu relatório que a maloca construída ao lado do PIA, para abrigar índios em trânsito, em cada nicho cabia dez redes

(1979:13). Há uma maloca que tem 12 quartos com cerca de 100 redes (Idem pág. 14). As redes de tucum são amarradas em dois paus (linhas) que dividem os nichos seguintes. A mulher dorme na rede de baixo, o homem na de cima e as crianças no lado da mãe.

Em frente as portas laterais, no pátio externo, há dois tripês de paus, um em cada lado da maloca, com caveiras de porcos queixadas dependuradas. Também com sentido mágico-religioso, talvez, encaixam queixadas de animais, em frente as portas laterais, no lado interno, na cobertura da maloca.

Como precaução mágica-religiosa, também colocam sobre um toco, ossos, couro e pêlos de animais que foram acoados pelo cachorro. Não jogam estes elementos ao chão, para que os cachorros não fiquem panema. O toco achava-se no pátio externo, perto de uma das extremidades onde está a porta. Nos varadouros também vimos árvores finas, parcialmente derrubadas, em cuja fenda do caule estavam colocados pêlos do animal caçado.

A maloca é coberta com folha de palmeira coção, sendo estas tecidas em estilo esteira. Durante o percurso do PIA à aldeia, encontramos vários tapiris cobertos com folhas de palmeira, confeccionados pelos Matís, para os abrigarem à noite. Uns eram simples e outros mais acabados.

Na ida à aldeia, a família que nos acompanhava tinha um homem doente. Para passarem a noite no matc, límparam ligeiramente um local, estenderam as redes e a mulher carregou pedaços de lenha para acender o fogo. Para precaver-se de um ataque de onça, a noite, quebraram alguns galhos nos lugares mais desprovidos de vegetação e colocaram outros no varadouro perto do acampamento. Estes cuidados servem para denunciar a presença de onça, ao transporem os obstáculos.

IV - Aspectos Econômicos

a) - Roça

O sertanista Tavares informa que a terra dos Matís é fértil e apropriada para o plantio (1975:2). Os índios exploram intensivamente sua área, devido ao grande número de capoeiras que foram localizadas nela. Figueiredo relata que em

frente ao segundo acampamento no Rio Branco, há um varadouro que leva às capoeiras dos Índios. O percurso é feito em 2-3 dias (1977:3). Há capoeiras nos igarapês Aurélio Grande, Jacurã pã, Boeiro (fica a 6 horas do PIA), perto do Coari, São Bento e Rio Branco.

Na maloca visitada estavam preparando uma roça nova de pequena extensão ao redor da mesma. Estavam fazendo o desmatamento. Na beira do Rio Branco há uma roça de milho que foi plantada por três homens. Quando o milho madurar, os membros da aldeia se deslocam para lá, permanecendo até acabá-lo. Para que isto aconteça, é necessário que os plantios das roças sejam feitos em épocas diferentes, a fim de que os produtos amadureçam também em períodos diversos.

Segundo a lingüista Paula as roças são preparadas em julho/agosto e o plantio em outubro. De fevereiro a março é a época da coleta de pupunha, em que abandonam as aldeias e armam tapiris (1979:17-18). Contaram-nos que nem sempre as roças são feitas ao redor da aldeia, às vezes estão distantes e que seu tamanho é pequeno. Não queimam e nem capinam as roças. Para derrubar os troncos grossos, estaqueiam-os e põem fogo em volta deles. A equipe de atração não encontrou instrumentos agrícolas antigos em posse do grupo, apenas restos de machados de ferro. Arrancavam as ervas daninhas com as mãos.

O cultivo de algumas plantas agrícolas estão associadas com ritos mágicos. Observei no jirau dos funcionários do PIA, um Matís, que espontaneamente resolveu plantar manivas de macaxeiras, ao redor da casa. Colocou quatro manivas em quadro (duas manivas em sentido vertical, sobrepostas sobre mais duas em sentido horizontal), numa cova aberta com o terço do. O espaço entre cada cova era mais de 2m de distância uma da outra. O auxiliar de sertanista, Pedro Coelho, alterou esta técnica, adotando somente uma maniva e diminuindo o espaço entre as covas. Disse que os Índios aceitaram bem esta mudança. O Índio esfacelou torrões de terra sobre as manivas, tapando a cova. Enquanto executava a tarefa do plantio e o cobrimento de terra das manivas, fazia uma reza com a finalidade de estimular o crescimento da mandioca, para que depois, cozinhasse bem e que

era bom comer acompanhada de carne de jacarê, macaco, pássaros etc.

Quando o homem planta o caroço da pupunha, primeiro o esfrega na barriga, dizendo que é boa para comerem, fazerem caisoma etc.

O buriti é coletado no igarapê Jacurapã.

b) - Caça

Os Matís percorrem uma área muito extensa para buscarem alimentos de origem animal e vegetal. Segundo Tavares a área do Rio Ituã é fértil em caça e pesca (1975:2). Mas com a entrada dos regionais está ocorrendo uma devastação na flora e fauna, e suas presenças estão mudando o modo de vida dos Índios (Coelho, 1979:2). Andam para caçarem nos igarapês Boa Vista (onde também pescam) e na cabeceira do Rio Branco. De talhando por aldeia temos:

- Aldeia do Damã: nos igarapês Caxeixas (perto), Jacurapã e Alto do Bode (afluente do rio Ituã).
- Aldeia do Darapã: próximo dos igarapês Coari, São Bento, Aurélio Grande e Rio Branco.
- Aldeia do Turu: nos igarapês Boeiro, Boa Vista, Jacurapã e Rio Branco.

Os animais que costumam caçar são caititu, queixada, veado, preguiça, anta; macaco: preto, barrigudo, paroacu, zog-zog e soim (sipi); pássaros (imbiaras): arara, mutum (osni), jacu (cuebo), cujubim (cosro); nambu galinha, galinha (tacarê); jacarê e sucuriçu.

As caçadas são realizadas nos barreiros e utilizam também armadilhas. Apenas dois homens sabem manusear uma espingarda que é emprestada pelo PIA. Vi um jovem trazer quatro aves abatidas na caçada, duas levou para a aldeia e deixou para nós um mutum e um cujubim. Estas duas espécies e mais antas vimos muitas nas margens do Rio Ituã, quando nos dirigíamos ao PIA Ituã.

A zarabatana (txirĩte) ou gravatana como é chamada na região, a lança, o arco e a flecha também são usados nas caçadas. O arco é utilizado quando fazem caçada em que participa o cachorro. A zarabatana é usada para matar macacos, mutum, jacu e porco do mato. O mais comum é usarem para caçar macacos. Utilizam zarabatana para abater outros animais, se tiverem certeza que podem matá-los com segurança. Os homens vão coletar cipó para o fabrico do veneno (pesrã) a ser posto nas setas das zarabatanas, no igarapê São Bento (a 1a. maloca perto do PIA). Coelho complementa a informação: dirigem-se também aos igarapês Rio Novo, Coari, Buriti, Aurélio Grande, Caxeixas, Jacurapã e Boeirinho (1977 (c):1).

c) - Pesca

Os Matís pescam nos Rios Ituí e Branco em toda sua extensão, ou mais exatamente, nos mesmos igarapês em que caçam. Pescam nas gamboas (charcos) e nos lagos. Nos igarapês utilizam o tĩmbõ, nos outros lugares, pescam com anzol e puçã.

Segundo o auxiliar de sertanista, certos peixes que têm o hábito de comerem na maloca, não os comem quanto estão no PIA. No primeiro caso, comem traĩra, tamboatã, praquẽ, carã, piau, piranha e matipirĩ. No segundo caso, ingerem os peixes branquinha, curumatã, pacu, pirarucu, tartaruga (?) e tracajã (?). Para coletarem estas duas espécies e seus ovos, dividem-se em 4-5 grupos, que se dirigem para o Rio Ituí, abaixo dos igarapês Boeiro e Coari, Rio Branco e na boca dos Rios Itacoã com e Branco. Segundo a lingüista Paula, a época da coleta dos ovos de tracajã e de tartaruga é agosto/setembro, em que deixam as malocas temporariamente (1979:18). Mas em junho vimos muitos rastros de tracajã nas praias do Rio Ituí, depois do PIA.

Como o Rio Ituí é piscoso e possui fartura de caça, o sertanista Tavares, com o intuito de preservar estas riquezas aos Índios, em 1975, tentou evitar o trânsito de regatões na área, pois estes tinham como objetivo obter caça, pesca, peles e mão-de-obra indígena em troca de bugigangas (pág. 2). Com a finalidade de coletar ovos de quelônios, houve invasão de civilizados no Rio Branco, em fins de maio (Figueiredo, 1978:2).

d) - Artesanato

A cultura material Matís é simples, sendo constituída de pouquíssimas variedades. Há somente um tipo de cesta, a de tamanho grande.

O arco é feito do tronco da pupunha. O estilo de amarra das penas e a decoração da ponta da flecha é muito semelhante a dos Marúbo. O molho de flechas é guardado num estojo, confeccionado com o envólucro do cacho de açai.

A zarabatana é longuíssima. O bocal é de madeira e o restante do tubo é coberto de resina preta e de grãos de areia do rio, dando uma cor esbranquiçada. Perto do bocal, na parte mais grossa da zarabatana, há alguns elos que são feitos com cascas de ovos brancos, de pássaros. Antes destes aros há uma mira de dente de capivara. A lingüista Paula informa que utilizam dentes de capivara para escavarem as duas metades de madeira que compõe a peça (1979:19). O velho marúbo Júlio comentou que a zarabatana dos Matís é muito parecida com a dos antigos Marúbo. Para limpá-la após o uso, no mato, enrolam uma folha nova de farinha ou açai, transformando-a numa vareta longa e fina. Depois de utilizá-la, fincam no chão, na beira do caminho. Vimos uma destas varetas na picada que nos conduzia à maloca do chefe Damã.

O aljava é o acessório que acompanha a zarabatana. O homem a carrega nas costas ou no peito, estando dependurada no pescoço. Colocam dentro da aljava de taboca, além das setas, três peças para acender fogo por fricção e um ferrão de arraia para retirar espinho do pé. Na parte externa da aljava acha-se uma arcada dentária de piranha que serve para serrar a seta. Esta quebra-se dentro do corpo do animal atingido, por ocasião do impacto. Também há uma queixada de macaco guariba, onde colocam o barro em que é posto na ponta da seta, envolvido em algodão silvestre, umedecido na saliva. As setas já estão todas envenenadas no estojo, por ocasião de seu uso. Durante a caçada preparam duas pequenas bolas de algodão que as põem nas extremidades da seta para dar equilíbrio.

A cerâmica possui sô um formato, arredondado, variando os tamanhos. A mulher traz a água do igarapê em tije^{la}, pois não possuem potes. Na borda das peças fazem incisões, formando desenhos de linhas cruzadas em forma de zig-zag. Pelo desenho (cākĩ) as proprietárias identificam seus vasilhames. Segundo Paula, as incisões são executadas com um estilete, enquanto a argila está mole (1979:14).

A técnica de confecção da cerâmica é a de rolete. Sua cor é esbranquiçada (wasã) porque é queimada lentamente; quando excessivamente queimada torna-se preta. A cerâmica é fina e leve. A textura do barro contém pouca areia; usam casca de caripê (maí).

A ARTÍNDIA deverá comprar cerâmicas, zarabatas, colares, arcos e flechas dos Matís para difundir a cultura material deste grupo, além deles adquirirem ferramentas, na troca, bens que já incorporaram a sua tecnologia nativa. Inicialmente haverá alguma dificuldade em se desfazerem de seus objetos e produzirem em escala maior para comercialização. Deverá haver um trabalho preliminar de conscientização no grupo. É costume as mulheres interferirem nas negociações masculinas. Como queríamos trazer algumas peças dos Matís, fizemos algumas transações comerciais com os homens. As mulheres, posteriormente, vieram e desfizeram as trocas, levando de volta os objetos.

Com o intuito de preservar o patrimônio cultural do Matís, pelo menos em Museu, o DGPC/DEP está adquirindo uma coleção do artesanato desse grupo, que será enviado ao Museu do Índio, no Rio de Janeiro. As instruções para a compra desse acervo estão contidas no Memo. nº 343/80-DGPC, de 24/07/80.

e) - Madeira e Seringa

Tanto no Rio Itacoaí como no Ituí, presenciamos muitas estradas de madeira em área indígena, o que significa, que a estão explorando. Dizem que este ano foram abatidos de 5 a 8.000 toros de madeira branca no Rio Ituí, sem que possam ser aproveitados porque não choveu na região. Tanto na ida como na volta ao PIA Ituí, encontramos barcos rebocando madei

ra. No dia 05/06 deparamos com o rebocador de Aldemir Uchoa perto de seu seringal (Sentinela), levando mais ou menos 250 toros de madeira. No dia 06/06 deparamos com Raimundo Cabral rebocando toros de madeira tirados antes do PIA. Já o Sub-Coordenador da COAMA, José Porfírio Carvalho, informava que os rios Itacoati, Ituí, Curuçã e Javari encontravam-se povoados e eram visitados por regatões, seringueiros e madeireiros, que eram autorizados pelo Comando de Fronteira para exercerem estas atividades (1973:5).

Os madeireiros permanecem na área apenas durante a safra da madeira. Se a área for esgotada, no ano seguinte mudam-se para procurar madeira em outra colocação. Eles argumentam que os índios arredios atrapalham o desenvolvimento de suas atividades e que após "amansados", tranquilamente poderão explorar madeira e seringa.

Os seringueiros habitam permanentemente na colocação porque sua atividade exige cuidados durante o período da safra e da anti-safra. Sua família participa de seu trabalho. Raramente possuem roça, galinha e porco. Estes dependem economicamente do regatão para sobreviverem, o que já não acontece com o índio/seringueiro que compra daquele apenas os bens industriais. As tarefas extrativas não interferem nas agrícolas. Aquelas servem como meios para gerir recursos, a fim de comprar artigos que não o produzem.

A extração da madeira está sendo incentivada pelo Banco do Brasil que a financia, como também a extração da seringa. Além dele, há as Firms particulares que patrocinam a exploração: Magalhães, João Correia de Oliveira, José Pinto, Irã Correia de Oliveira etc. A Firma Magalhães paga em Benjamin Constant, CR\$ 2.000,00 o m³ de cedro e há outra Firma, que paga CR\$ 3.000,00 o m³. Para que o madeireiro extraia madeira, é necessário que o IBDF lhe dê licença, mediante o pagamento de uma pequena taxa.

Tanto o madeireiro como o seringueiro têm um patrão que os coloca em determinada colocação e os avia de mercadorias. Por sua vez, o patrão arrenda um Seringal (quando não o possui), mediante o contrato de 2 a 5 anos. Em 1979 o madeireiro pagava ao patrão, 10% sobre o valor bruto da madeira abatida. Se

o madeireiro por um motivo qualquer abandonar a colocação do pa-
trão, este perde de receber o pagamento das dívidas de mercado
rias que aviou a ele.

A situação dos seringueiros não é muito dife-
rente. Se o seringueiro se mudar de colocação para outro rio, o
regatão perde de receber o pagamento das dívidas contraídas por
aquele. Em combinação com o dono do Seringal para onde foi traba-
lhar o seringueiro, este pode resgatar a dívida do regatão, para
o seringueiro depois pagar ao patrão na safra da borracha. Isso po-
de ocorrer, porque normalmente o regatão atua só num determinado
rio. Antigamente os rios tinham caráter privado ("donos de rios"),
agora todos podem negociar (regatear) ou explorá-los. Estes "do-
nos" pagam impostos na Coletoria. Há 20 anos Vitor Magalhães é
"dono" do Rio Ituã, ou seja, é considerado proprietário de todos
os Seringais deste Rio, em ambas as margens. Seus aviados estão
espalhados nele. O regatão Mário Brasil está regateando no Rio
Ituã porque é gerente da Firma Magalhães.

O auxiliar encarregado da frente de atração,
Pedro Coelho, informa que no igarapé Coari o madeireiro José Bato-
rê lidera um grupo de peões e no igarapé São Bento estão os made-
reiros da Firma Irmãos Magalhães Ind. e Com. Ltda (1977 (c):1). Es-
ta informação é confirmada por ocasião da fase de contato, quando
os Matís manifestam sua apreensão com a entrada de civilizados no
Rio Branco e a penetração de madeireiros no igarapé São Bento (Fi-
gueiredo, 1978 (b):1). O Chefe do PIA, Figueiredo, transmite à
Base de Atalaia do Norte as informações e acrescenta que eles es-
tão atingindo o pupunhal dos Índios (Rádio nº 8/78). Noutra oca-
sião, os Índios pedem que não deixem entrar os regionais nos Rios
Ituã e Branco, pois estes portam armas, afugentam a caça e temem
que os matem, como já aconteceu anteriormente (Figueiredo, 1978
(a):2). Os funcionários do PIA continuam a alertar a FUNAI da in-
vasão das áreas indígenas (Rio Quixito, Itacoã e Ituã) de civili-
zados com as finalidades de extrair madeira e seringa, caçar e
pescar (Coelho, 1979:1). No Rio Branco estão retirando madeira em
grande escala (Idem, pág. 2). Atualmente há madeireiros e serin-
gueiros nos igarapés Aurélio Grande, São Bento, Rio Branco, Ca-
xeixas, que entraram na área em 1978. Em 1979 penetraram no iga-
rapé Coari e abaixo do Rio Novo.

Os Matís ainda não estão em condição de explorar economicamente sua área. Em dezembro de 1978 o chefe da Ajudância mandou que Pedro Mayoruna acompanhado com alguns Matís, extraíssem madeira. Após 90 dias de trabalho já tendo abatido alguns toros de cedro, Pedro Coelho ordenou a paralização das atividades. Para os Matís a madeira não tem ainda um sentido econômico e o auxiliar de frente de atração ficou temeroso que o Mayoruna Pedro utilizasse os Índios como mão-de-obra. Retira-o da área dos Matís. Estes ainda se acham num estágio cultural em que não há necessidade de serem iniciados nestas atividades comerciais. Portanto, a idéia de enviar um Índio Mayoruna para os Matís, para resolver os problemas da Ajudância, não nos parece ser uma solução ideal, mas a causa de um futuro problema nesta localidade.

V - Aspectos Religiosos

O morto é enterrado dentro da maloca que é abandonada e depois de alguns dias queimada. Constroem nova maloca. O defunto é envolvido na rede, em posição fetal e sepultado em seu nicho dentro da casa. Os seus pertences (terçado, colares etc) são queimados ou destruídos. Para nivelar a superfície da sepultura, é colocado barro em cima e socado com cacete.

Segundo a lingüista Paula, após a morte de um dos construtores da maloca, esta é incendiada (1979:3). Informa que a rede é colocada sobre a cabeça do morto e seus ornamentos vão dentro da cova. Cremam o defunto (pág. 20). Se a pessoa faleceu longe da aldeia, queimam a maloca e seus pertences. Os ornamentos do Índio Butsi que morreu em Atalaia do Norte foram entregues a seus familiares. Estes censuraram o chefe do PIA porque não tinham sido enterrados junto com o morto (pág. 21). Mostraram-se reservados após a morte do companheiro porque não pôde ser trazido, para ser enterrado em sua aldeia (pág. 22). Parece que não é obrigatório ocorrer o sepultamento no interior da maloca, pois o Índio Menatiri, falecido em março de 1979, foi enterrado perto de um tapiri (pág. 24).

Os Matís tomam uma bebida alucinógena (aiuasca) e aspiram rapê. O pajê ("feiticeiro") canta sobre o doente e ri.

guem deita em sua rede. Cantam até o doente morrer ou sarar. A linglista Ruth Paula informa que assistiu a um rito de cura executado por dois cantores. Presenciou também um choro ritual que se prolongou desde a ocasião em que a pessoa foi notificada da morte do parente até o sepultamento do mesmo (1979:20).

Para curar desintéria, aplicam injeção de sapo (cãpo) nas coxas.

Para que o cachorro se torne agil ao perseguir uma anta numa caçada, este é submetido a um banho ritual. Preparam um "remédio" com raspa da casca de uma árvore, o colocam na água e banham o animal. Ao fazerem isso, cantam, dizendo que é para ele correr ao ouvir o barulho da anta, que a carne desta é boa para ser comida etc.

VI - Envolvimentos Internos e Externos da Comunidade

a) - Relações Intertribais

Os Matís ao visitarem o PIA, fizeram alusão a Wellington Figueiredo, sobre a existência de índios desconhecidos na margem esquerda do Rio Ituí e no Rio Itacoã, sendo que não mantêm relações amistosas com estes (1978 (c):2). No Rio Ituí estão localizados nas cabeceiras do Rio Novo e os consideram seus parentes (1978 (c):1). O auxiliar de sertanista contou que os Matís chamam os índios arredios do Rio Itacoã de Korubo. Antigamente brigavam entre si. Uma Índia Korubo, de 38 anos, foi raptada quando criança pelos Matís, no igarapé Coari. Uma parte deste igarapé é ocupada por eles e o restante, pelos Korubo. Neste ataque, três mulheres foram sequestradas pelos Matís, mas mortas no trajeto da aldeia porque gritavam, fazendo barulho. Nenhum traço físico a distingue das mulheres Matís, só se alguém a identificar para o visitante.

Odinor Silva relata que em maio de 1979 por ocasião de uma visita dos índios ao PIA Ituí, lhe informaram que encontraram restos de tapiris perto de uma roça velha e que estes pertenciam aos Korubo. Ficaram cismados que estes os atacariam e voltam para suas casas. Comentaram que iriam se preparar para atacá-los, a fim de obterem mulheres e formarem um grupo maior.

Não havia possibilidade de um ataque de improviso, porque os vestígios achados estavam distantes da aldeia (pág. 1). Anteriormente, em 1978 os Korubo estiveram perto da maloca Matís, no igarapé Jacurapã. Estes foram ao PIA buscar espingardas para matá-los.

Os Matís chamam os Mayoruna de Chawabo; os civilizados de nāwa (plural: nawabo); os Marúbo de Mayo, assim como a outros grupos arredios.

No PIA Ituí nos informaram que seis Matís se dirigem à boca do Rio Paraguaçu à procura de Nicanor, um Marúbo que participou dos contatos do grupo. Chegando aos Marúbo, (Posto Vida Nova), soubemos que índios arredios estavam fazendo sinalizações nos caminhos, assobiando, apanhando mandioca e banana nas roças e havia vestígios de dormida. Vimos sinais nas trilhas bem próximas as malocas. Inicialmente os Marúbo temeram um ataque, mas como nada aconteceu sossegaram.

Relatando os acontecimentos aos funcionários do PIA, estes disseram que as sinalizações descritas não eram de Matís e se fossem, já teriam procurado contato, porque são comunitários. Acham que são índios arredios vindos do Rio Juruá. Desconfiamos que sejam do Rio Jandiatuba. Iriam dois funcionários da FUNAI à Vida Nova para entrarem em contato com estes índios, uma vez que toda a população Marúbo estava gripada e o estoque de medicação da Missão tinha acabado.

b) - Relações Intratribais

Um problema seriíssimo que necessita uma tomada de posição do Órgão, é a presença do índio Pedro Mayoruna, entre os Matís, procedente do PIA Igarapé Lobo, localizado no Rio Javari. Este é menosprezado pelo seu grupo por romper as regras de casamento. Muda-se para a aldeia Lameirão, no Rio Javari. Continua a transgredir as regras sociais (manter relações com mulheres "estranhas"), sendo mandado embora. O acusam de "espiar" as mulheres entrando-se. Nos Matís casa-se com duas mulheres e vive na aldeia do Damã. Como provocava alguns atritos na maloca, foi levado para sua aldeia de origem, mas retorna aos Matís, a pẽ. É acusado pelos funcionários da FUNAI de incentivar os Matís a roubarem nas casas dos regionais, o que antes não acontecia.

A presença de Pedro Mayoruna entre os Matís provocou uma cisão no grupo, fazendo com que uma metade o apoie e a outra peça seu afastamento da área. A facção desgostosa o acusa de preguiçoso e que visa a liderança do grupo. Espanca as esposas o que não é costume Matís, mas traço cultural Mayoruna. Mantém relações sexuais com as mulheres casadas, cujos maridos reclamam ao Auxiliar de Sertanista para que o afaste do local. Alguns Matís se revoltaram com a mulher viúva que o aceitou como marido. Já o expulsaram da aldeia, mas Pedro Mayoruna insiste em permanecer no local.

Soube recentemente que uma das esposas de Pedro Mayoruna deu a luz, o que torna impraticável a sua remoção para a Ajudância do Alto Solimões, conforme sugeri no Memo. nº 315/80-DGPC. Diante deste fato, parece-nos que cabe a comunidade se posicionar e expulsá-lo coletivamente, se for uma decisão consciente e vantajosa para ela. O erro inicial cabe à Ajudância ao enviar índios de outro grupo para comunidades diferentes, a fim de minimizar problemas, causando outros de tal projeção que coloca o grupo anfitrião numa posição desvantajosa e pouco política.

c) - Relações Interétnicas

As relações dos Matís com os regionais é pacífica, mas pode ocorrer choques, se os índios continuarem se apossando dos pertences daqueles. O seringueiro Raimundo Vieira contou que alguns dias atrás os Matís o visitaram e levaram panela, prato, farinha, açúcar etc e pediram que os transportassem de motor até o igarapé Aurélio Grande. O seringueiro irá ao PIA para o chefe repor ou indenizar seus objetos e alimentos porque é carente de recursos.

Os Matís dirigem-se até ao igarapé São Lourenço para roubarem as canoas dos seringueiros ou pedirem que os conduzam de barco até o PIA. Estas situações embaraçosas só serão resolvidas após a desocupação da área indígena de civilizados. É impossível se efetuar a atração de um grupo e depois mantê-los isolados do contato com pessoas que lhes possam transmitir doenças, se a área não foi interditada e nem evacuado os brancos. Também não acho justo que a FUNAI indenize as pessoas lesadas pelos índios

uma vez que exploram a área deles. Por outro lado, estes seringueiros são paupérrimos e não têm culpa se o Órgão não utiliza os instrumentos legais para proteger seus tutelados.

VII - Aspectos de Saúde

A situação de saúde dos Índios sempre foi uma preocupação constante dos indigenistas e dos sertanistas que tratam diretamente com estas populações. Em 1975, o sertanista Tavares se angustiava com o futuro dos Matís recentemente contatado, que não tinha seu território assegurado em forma de Parque como a área requeria. Preocupava-se que os Matís iriam ter vizinhos civilizados em péssimo estado de saúde e carentes de assistência, que eram socorridos pelo atendente de enfermagem da FUNAI quando navegava pelo rio Ituí. Estas famílias de seringueiros não eram atendidas pelas autoridades médicas locais. Quando doentes de malária e catapora não havia medicação (pág. 1).

Como fora previsto pelos sertanistas, três anos depois, começaram os registros de informações que os Índios foram contagiados por doenças transmitidas pelo branco. Em fevereiro de 1978 os Matís contam à Figueiredo que algum tempo atrás todos haviam contraído gripe (pág. 2). A situação agrava-se mais porque o PIA não possuía remédios, sendo solicitado quatro vezes à Ajudância a remessa dos mesmos. Três Matís morrem de febre, tosse e gripe, havendo naquela época chegado ao PIA, seis Índios adoentados (Coelho, 1978, Rádio nº 48).

Fazendo um retrospecto do conteúdo desses rádios, nota-se que os próprios funcionários do PIA foram os agentes transmissores da gripe, pois oito Índios vestiram roupas daqueles, em 18/08 (Idem, nº 31). Em 25/08 mais oito Índios visitam o PIA, e é aplicado antibiótico para curar-lhes a gripe (Idem, nº 38). No mesmo dia o auxiliar de sertanista, Coelho, informa que após a permanência de 25 dias nas aldeias Matís, aplicou injeções de antibióticos em vários Índios gripados e com feridas. Estes comeram comida com sal, tomaram banho com sabonete e usaram vestuário (nº 39). Dois meses depois, novamente outro radiograma informa que quatro Índios estão gripados, tossindo e que o PIA está sem medicamentos (nº 44).

Como estes radiogramas demonstram, a assistência médica que o PIA recebeu foi deficiente, provocando a morte de Índios. Este desinteresse e desleixo por parte da Ajudância e por sua vez da 1a. DR é imperdoável, sendo sabedores que os PIAs merecem uma orientação e uma dedicação especial por parte destes, devido ao processo de aculturação que está se desencadeando no grupo, além da falta de imunidade deste diante de doenças infecto-contagiosas. Os cuidados elementares com objetos de uso pessoal dos funcionários na fase de contatação são imprescindíveis para evitar fontes transmissoras de doenças. Alterar bruscamente os padrões alimentares dos Matís é desaconselhável, devido as implicações que advirão destas mudanças desnecessárias nesta etapa de contatação.

Apesar do atendente de enfermagem, Odinor Silva, manter os Matís isolados do pessoal gripado do PIA (1979:2), que eles continuam a adoecer. Em abril de 1980 houve uma epidemia de gripe, morrendo três Índios no igarapé Boeiro. Nesta ocasião o PIA estava desprovido de remédios e o atendente de enfermagem encontrava-se em férias. Nas cabeceiras do igarapé Jacurapá falecem seis Matís devido a complicações de parto, picada de cobra e de gripe. A pessoa que faleceu por picada de cobra foi anterior ao contato. Um Índio salvou-se porque chuparam todas partes "carnosas" do seu corpo (pescoço, barriga da perna, estômago ...).

Dos quatro Índios que faleceram de pneumonia em 1979, dois foi por ausência de medicação, um por falta de transporte e o outro recusou-se a tomar o remédio. Exemplificando alguns casos. Uma menina apresentava sintomas de pneumonia e foi tratada no PIA com remédios inadequados ao caso. Eram da CEMA. Quando os seus parentes retornam à aldeia depois de algum tempo, a levam junto, falecendo na viagem. Em fins de 1979 houve uma epidemia de gripe acompanhado com inflamação nos olhos. Foram tratados precariamente, mas acabaram curando-se. Um menino contraiu hepatite e malária. Como no PIA não havia estoque de gasolina para o motor da canoa deslocar-se à cidade e o rádio estava estragado, o doente não pode ser retirado com rapidez da área, vindo a falecer.

Segundo a lingüista Paula, os Matís mandam emissários ao PIA para chamarem os funcionários a fim de medicarem os doentes nos tapiris que constroem na mata. Havia por ocasião de sua visita, cerca de 20 índios com resfriados e outras complicações (1979:22). Em março de 1979 ocorreu o falecimento de um índio em Atalaia do Norte, que deflagrou num nervosismo geral, devido a maneira como se desencadeou o desenlace. O doente foi transportado de canoa a remo, com suspeita de que estava com pneumonia. Chegando em Atalaia do Norte não foi internado imediatamente porque apresentou melhoras. Após um dia veio a falecer. O Chefe da Ajudância encontrava-se em Benjamin Constant, retornando depois de 24 horas do falecimento. O índio foi velado na Ajudância até a chegada de Chefe da mesma, que logo providenciou o sepultamento. Não transportaram o cadáver para a aldeia pelas seguintes razões: porque havia falta de combustível de avião na região; a gasolina para o barco estava trancada na Ajudância; a viagem era longa; e o corpo estava em fase de putrefação devido ao calor. Os enfeites corporais do morto são levados para seus familiares que os queimam. Os índios ficaram revoltados com a morte do patrício. Alguns funcionários insinuam aos Matís que o culpado da morte do índio fora Pedro Coelho. O ambiente ficou tenso de ambas as partes, mas finalmente acalmaram-se.

Incidentes deste nível ainda pode acontecer porque o PIA é completamente desassistido em medicamentos e de médico. A quantidade de remédios é insuficiente e alguns são inadequados à região, sendo que várias vezes comunicaram estes detalhes à Ajudância, que culpa a DR pela falta da remessa dos remédios e da impossibilidade de deslocar a EVS ao local.

Como os Matís conhecem os efeitos disruptivos das doenças, controlam a sua propagação, evitando visitar parentes em outras aldeias. Há um surto de desintéria acompanhado de vômito, na maloca do Damã, não sendo identificadas as causas. O doente fica muito abatido. Há uma mulher que vigia o estado de saúde do pessoal, avisando o atendente onde há doentes.

Os Matís tem dentes sadios, mas alguns deles os tem sobrepostos ("acavalados"). Ao banharem-se no igarapé não se atiram nele, mas jogam a água na cabeça e no corpo. O banho matí

nal dos homens é tomado na maloca, com a água que as mulheres transportam em panelas redondas. Não possuem pote d'água.

Dizem que no Rio Ituí há a doença beri-beri. A SUCAM tratou 22 casos de malária entre os Matís, um morreu com suspeita de malária. Entre os Matís ainda há tuberculosos, mas contrairão inevitavelmente por contágio com os Marúbo. Uma menina de 10 anos acompanhada da mãe, a conduzimos à Atalaia do Norte para tratamento tuberculínico. Era reincidente, estando a escarrar sangue. O chefe do PIA estava receoso de enviar a acompanhante com o doente, porque iria contrariar as ordens recebidas pelo chefe da Ajudância. Insisti e contra argumentei tal instrução, uma vez que estava havendo uma ruptura no processo de recuperação do doente, pelo uso de meios inadequados no processo da cura, totalmente alheios à cultura Marúbo.

VIII - Problemas no PIA Ituí

a) - Infra-Estrutura

O PIA encontra-se com alguns problemas e precariamente equipado para atender as necessidades do mesmo. Já em 1976, Pedro Coelho informava que o PIA não tinha motor, o rádio estava em pane, pedindo um motor emprestado a um seringueiro vizinho para viajar à Base (pág. 2). A situação não se alterou, pois a lingüista Paula, em 1979, encontrou o rádio do PIA avariado, achando-se em conserto em Atalaia do Norte (pág. 4). Agora também deparamos o PIA sem rádio desde março de 1978. Como era velho, pediram substituição.

Necessitavam adquirir um motor rabudo de 9HP para fiscalizarem os igarapês com o objetivo de impedir a entrada de madeiros e fazer viagens rápidas pela área. Para ir à Missão a fim de averiguarem o aparecimento de índios arredios, o chefe do PIA pediu ao seringueiro Baiar, que reside a 1.30. hora do PIA, para levar dois funcionários. Tem que ser comprado um barco de alumínio para utilizarem o motor de 25HP que foi deixado no PIA pela equipe de Delimitação. A cota de 100 litros de gasolina por trimestre é insuficiente para atender as demandas do PIA. Precisa ser aumentada para 400 litros. Exemplos: gasta-se

11 latas de 20 litros para ir e voltar à Missão Novas Tribos do Brasil (Marúbo); consome-se 9 latas, num motor de 40HP, permanecendo à noite, para chegar a Atalaia. É necessário adquirir duas hélices para o motor de 25HP, devido a grande quantidade de paus no leito do rio.

b) - Assistência à Equipe de Atração

Os Postos Indígenas dos altos rios são abastecidos trimestralmente. Nestas viagens são transportadas o rancho, o medicamento e os Índios em trânsito. No alimento destinado ao pessoal do PIA Ituã, está indo parte do INAN, sendo registrado no recibo o preço. É necessário verificar a veracidade da informação, pois este alimento é para outros fins e não para complementar o rancho da equipe de atração. Dizem que o suprimento destinado a manutenção alimentar do PIA é de CR\$ 42.000,00, mas na nota do mês de maio foi de CR\$ 34.000,00. A alimentação é insuficiente e não contém todos os componentes necessários para sustentar pessoas que tem uma atividade braçal intensa. Figueiredo, chefe do PIA, em 1978 (c), já comentava sobre a variedade da alimentação recebida pelo PIA e o estímulo psicológico que este fato ocasionou aos funcionários (pág. 2). Muitas vezes a equipe passou por necessidades, devido ao atraso da chegada da sustentação. Para evitar os longos períodos em que passa o PIA sem assistência alimentar e médica (estamos nos referindo e remédios, uma vez que não há EVS na Ajudância), sugerimos que o barco da FUNAI os abasteça de 2 em 2 meses, sendo o ideal, mensalmente, pois é este o único elo que une os servidores ao meio "civilizado".

Os pilotos das lanchas e o chefe do PIA estão proibidos de permitir a saída ou o transporte de Índios que precisem ir à cidade ou que doentes sejam acompanhados de familiares. O livre trânsito é um direito que assiste a qualquer cidadão de qualquer raça. Impedir que o Índio exerça seus direitos cívicos ou sociais é tolhê-lo em sua iniciativa de integração num meio que lhes é adverso. É obrigação dos funcionários do Órgão orientar o Índio e selecionar aqueles que realmente necessitam sair, caso contrário, estes deverão arcar com sua sustentação como qualquer outro indivíduo. Alguns Marúbo queixaram-se que preci-

savam ir à Atalaia do Norte para comprarem objetos que necessitavam, mas eram impedidos de viajar. Estavam em dilema, não sabiam como resolver este impasse.

Chamou-nos atenção o esvaziamento da Casa do Índio, em Atalaia, numa região que tem sobre sua jurisdição muitos grupos indígenas. Talvez isso comprove a deficiência de assistência médica prestada aos índios e ao ostracismo que é imposto ao doente, isolando-o de seus parentes. Os doentes são internados no Hospital de Benjamin. Fomos visitar uma Índia Marúbo internada a mais de um mês. Quando nos viu, deu uma crise de riso na mulher que deixou-nos emocionalmente abalados. A enfermeira contou que ela não fala com ninguém porque não sabe português e fica retraída num canto com vergonha da tatuagem facial. Passa com a mão no rosto para escondê-la. A falta de uma orientação e da assistência de um antropólogo ou assistente social, poderia tornar a passagem do doente pelo Hospital menos penosa e desagradável. Além disso, a presença de algum parente que lhe dê apoio moral e fale a mesma língua, acelera o processo de cura e reforça o paciente.

Após o doente ter alta do Hospital, aguarda na Ajudância durante 2-3 meses que um barco o leve para a aldeia. Além dessa espera ser enervante ao índio e onerosa à Ajudância, este fica ocioso todo este tempo, dedicando-se a fumar e a beber aguardente. Para sanar estes males, seria incentivado que o doente trouxesse matéria-prima ou a própria Ajudância tivesse um estoque, para que este confeccionasse artesanato que depois seria adquirido pela ARTÍNDIA. Também poderia fazer pequenas tarefas na Ajudância que os pagaria ou algum serviço público afeito a Prefeitura, cujo acordo seria previamente estabelecido pelos dois órgãos. Dar atividade ao paciente em convalescença ou pós-convalescença é importante, pois o índio está habituado a labutar diariamente em sua aldeia.

Encontramos o pessoal do PIA bastante agitado, devido a um recado trazido pelo piloto da lancha, do chefe da Ajudância, que ninguém poderia se afastar do local antes de um ano, sob ordens dele. Acham que o tempo de permanência no mato é excessivo e que sejam liberados de 6 em 6 meses, com um des

canço na cidade de 10 a 15 dias. Se um trabalhador se afastar do PIA, sem autorização, para visitar a família, fazer compras ou resolver seus negócios são repreendidos ou demitidos. Contam que os melhores servidores foram demitidos por estes motivos. Os trabalhadores do PIA reclamam o isolamento em que se encontram. Achamos que o método é inconveniente para esta região, havendo necessidade de se fazer rodízios de afastamentos de servidores do PIA, a fim de que a produtividade do mesmo não abaixe de nível, devido ao estado psicológico depressivo que o isolamento familiar e social provoca no indivíduo. Além disso, essas visitas assíduas a cidade faz com que os funcionários não se interessem sexualmente pelas índias (Marúbo ou Matís), evitando problemas administrativos ao chefe do PIA.

Os funcionários que recebem pela ex-COAMA (PIN?), reclamam que seus vencimentos chegam atrasados até 25 dias em relação aos outros companheiros da FUNAI.

c) - Mudança do PIA Ituí

As aldeias Matís estão distantes do PIA, dificultando uma assistência adequada as mesmas. Aham que o PIA Ituí deve ser desativado e o pessoal transferido para outras frentes de atração da região. O PIA Ituí seria instalado no igarapé Jacurapã, sendo necessário limpá-lo com duas motor-serras e um serrotão, que seriam comprados para este fim. A outra vantagem da mudança do PIA é que automaticamente força o pequeno grupo Marúbo a voltar para a Missão e desestimula a ida de outros para o PI. Se isso ocorrer, também diminuirá as despesas de sustentação do mesmo.

Apesar do PIA se transformar em PI há necessidade de aumentar o número de brindes enviados a ele, apesar do chefe da Ajudância alegar que não há verba. Foram enviados 12 sacas, 20 terçados e 20 camisetas (?) para serem distribuídas aos Matís até o fim do ano.

Segundo sugestão do Auxiliar de Frente de Atração, o sistema de contratação de intérpretes para a frente de atração deve ser modificado. Devem ser contratados por serviços pres

tados para uma determinada fase do trabalho e logo após comprovada a sua desnecessidade, desligá-los e enviá-los as suas aldeias de origens. Pelo fato dos índios não estarem habituados ao ritmo de trabalho do civilizado e o chefe do PIA fazer concessões a este fato, isso provoca um atrito com os trabalhadores braçais-brancos que são obrigados a seguirem o esquema estabelecido, recebendo o mesmo salário que o empregado-índio.

Outro problema que surge desse tipo de engajamento no quadro da FUNAI é que o índio acaba envolvendo-se com as mulheres do grupo que contata, causando constrangimentos a esta comunidade, ao PIA e a Ajudância. A situação se complica tanto, que acabam sendo discriminados por todos, inclusive pelo seu próprio grupo de procedência. É o caso dos Mayoruna Pedro e Nakuã. Para evitar a destribalização e marginalização de índios que trabalham em frentes de atração, parece-nos que os contratos provisórios ou temporários evitariam choques culturais e dariam oportunidade que obtivessem um dinheiro extra, não quebrando abruptamente os laços com sua comunidade tribal.

Em março de 1980 a esposa do servidor Raimundo Vadique Chapiama, professora do MOBREAL foi transferida para o PIA. Estão construindo uma escola no local, onde lecionarão os Marúbo que já estão alfabetizados em sua língua nativa. A intenção é válida, mas por outro lado incentiva os Marúbo a permanecerem ao PIA, quando na realidade devemos estimulá-los a retornarem às suas malocas de origem. O ideal seria transferir o Sr. Chapiama para o PI Mas sapê onde sua esposa lecionaria os Kanamari.

IX - Eleição da Área

A delimitação da área indígena dos Matís foi realizada com o auxílio do chefe do PIA Ituã, do auxiliar de frente de atração e baseada em relatórios que propunham a eleição de terra para este grupo. O mapa do RADAM foi examinado por estes técnicos que conhecem bem a área utilizada por estes índios. A gleba proposta fica no centro do Parque Indígena Vale do Javari, sendo envolvida por todos os quadrantes por grupos indígenas e por Seringais.

Levantamos os seguintes Seringais:

- 01) - Seringal Sentinela: de propriedade de Aldemir Uchoa, cuja extensão vai da boca do rio Ituã até o igarapé Esperança.
Seringueiros: João Alves do Nascimento e Manoel Lopes Pereira.
- 02) - Seringal Sergipe: colocação São José, de Álvaro Caldas Magalhães.
Seringueiros: Raimundo dos Santos Moreno e Francisco Moreno dos Santos. Nesta colocação encontra-se uma casa de madeira pertencente ao regatão Oscar Gomes, gerente da Firma dos Magalhães, no Rio Ituã. Negocia com madeira e seringa.
Colocação Santo Antônio de propriedade de Álvaro Magalhães. Esta colocação limita-se com o PIA Ituã, abaixo do Rio Novo.
- 03) - Seringal Aliança: pertence a Firma Magalhães.
- 04) - Seringal Fronteira: de propriedade de João e Antenor Barbosa, sendo arrendado pelos Irmãos Magalhães, para explorarem madeira e seringa.
Seringueiros: Pedro Coqueiro dos Santos, Mário Esteves, Vítor Lima, Sebastião Horácio da Silva, Francisco Pereira Cruz, Raimundo Vieira, Agostinho Galista, Manoel Batista e Antônio Reginaldo Pereira. A casa de Raimundo Vieira marca o meio do caminho entre Benjamin Constant e a Missão Novas Tribos do Brasil. No igarapé Quatro Bocas os Magalhães aviam mercados para os seringueiros Alvíno Rodrigues e Sebastião de Castro.

Ao demarcar a área indígena há necessidade de recolocar os seringueiros em outro lugar. O INCRA poderia solicitar o auxílio do Comando de Fronteira para realizar esta operação, assim como posteriormente a FUNAI poderá recorrer ao Comando para impedir a entrada de civilizados no Parque, após a demarcação,

como sugeriu Marcos Benn, chefe da Ajudância (1979, Of. nº 330). Além disso, cópia do mapa do Parque deverá ser divulgada pela Delegacia, Ajudância, INCRA, Batalhão da Fronteira, PROBOR etc para evitar os incentivos fiscais em áreas indígenas, para melhor fiscalização e conhecimento dos mesmos. Por desconhecer a área tradicional dos Índios, o Delegado Kavamoto, através do Ofício nº 414/77, informa à Companhia Industrial do Norte que era terra indígena a partir da foz do Rio Ituã com o Rio Novo de Baixo, quando na realidade é desde a confluência do Rio Ituã com o Rio Itacoai.

Examinando a "Relação dos Proprietários de Glebas (Seringais)", anexo nº 1, verificamos que não consta os nomes dos quatro Seringais que levantamos durante a viagem. Talvez estes Seringais na verdade sejam apenas nomes de colocações. Da boca do Rio Ituã até suas cabeceiras há 63 Seringais, abrangendo as áreas indígenas dos Índios arredios Korubo, dos Matís e dos Marúbo. Não possuímos elementos para distribuir estes seringais dentro de cada área, mas isto pode ser facilmente conferido no mapa cadastral da Prefeitura de Atalaia do Norte. Destes 63 Seringais, 1 possui documento de Ocupação, 20 é de Posse Requerida e 37, Título Definitivo.

Dentro das áreas indígenas dos Marúbo, Matís, Korubo e Índios arredios do Rio Quixito, mais as reservas indígenas Kanamari e Korina, foram registrados, segundo a "Relação dos Proprietários", 192 Seringais (Veja anexo nº 1). Há dúvidas quanto a exatidão desse número, pois nomes de Seringais aparecem em dois rios ao mesmo tempo e há muito desmembramento de Seringais, precisando ser verificados seus Títulos. Quanto a extensão das áreas dos Seringais alguns deles estão registrados em dois lugares diversos com diferenças, sempre vantajosas para os proprietários. A Divisão Fundiária do DGPI deverá acautelar-se quanto a validade do anexo nº 1, devido a ambigüidade do mesmo e sua inconsistência.

X - Sugestão

Equipar o PI (ex-PIA) Ituã com a infra-estrutura básica (casa sede, enfermaria, barco, combustível e rádio) quando transferido para o igarapé Jacurapã. Fornecer assistência médica periódica ao grupo.

A demarcação da área indígena/Parque deverá ser efetuada em 1981, antes que os ânimos dos índios e dos regionais se arrefecem. Nossa presença já causou um impacto em ambas as etnias, inclusive sensibilizando ou irritando aqueles que serão envolvidos diretamente.

Após a demarcação da área, controlar que esta não seja novamente invadida e explorada pelos regionais. Entrar em entendimentos com a SUDHEVEA, IBDF, Banco do Brasil para que estes peçam Certidão Negativa das áreas pleiteadas pelos seringueiros e madeireiros.

Para melhor assistir os Matís, Marúbo, Korubo, Kanamari e Korina, a FUNAI deveria celebrar um convênio com a Asas do Socorro para poder utilizar sua frota de avião. Seus preços são vantajosos, pois cobram uma taxa inferior ao cobrado na região, por ser uma Entidade Filantrópica.

A DEP e a Assistência já estão providenciando a realização de um filme documentário/etnográfico sobre os Matís, registrando aspectos culturais e rituais. O objetivo deste documentário é filmar este grupo antes que sua cultura seja modificada pelo contato contínuo com o civilizado. Como os Marúbo estão relativamente próximos aos Matís, a filmagem será estendida até eles. Veja o Processo FUNAI/BSB/nº 3133/80 que trata sobre o assunto.

Há necessidade que a DEP incentive antropólogos a fazerem suas pesquisas entre os Matís. Para isso, bastará que financie tais projetos. Somente conhecendo a cultura desse grupo, a FUNAI poderá agir com sabedoria nos diferentes meandros da fase aculturativa.

Í N D I C E

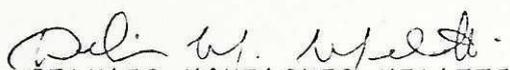
- <u>INTRODUÇÃO</u>	118
I - Histórico	119
II - Demografia	119
III - Aspectos Sociais	120
IV - Aspectos Econômicos	
a) - Roça	120
b) - Caça	121
c) - Pesca	122
d) - Coleta	122
e) - Extração da Madeira	124
f) - Extração da Seringa	125
g) - Artesanato	126
h) - Comercialização	126
V - Aspectos Religiosos	128
VI - Aspectos Educacionais	128
VII - Aspectos de Saúde	129
VIII - Eleição da Área Indígena	131
IX - Sugestão	132

IX - Sugestão

A implantação de um Projeto de DC que engloba cooperativa, saúde e educação resolveria os problemas existentes entre os Marúbo. O missionário John Jasma que tem 18 anos de convivência com esses Índios, seria um colaborador imprescindível na execução do Projeto. A instalação da Cooperativa deve ser feita em caráter de urgência, devido ao clima de insatisfação reinante na comunidade, pelo fato de haver um controle da entrada de regatões na região. Parte da verba pode ser obtida através da Embaixada do Canadá, cujo Projeto estamos prontos a colaborar em sua confecção.

A demarcação da área/Parque deverá ser efetuada com rapidez, a fim de evitarmos a penetração de regionais, o que até então está sendo contida pelos missionários e pelo PIA Ituí. Uma definição da situação acalmaria os ânimos de todos, dando segurança e tranquilidade aos Marúbo para exercerem suas atividades comerciais externas e viverem sua vida tribal sem sobressaltos.

Brasília, 13 de novembro de 1.980.


DELVAIR MONTAGNER MELATTI
- Antropóloga -

DGPC/DMM/dcs.

B I B L I O G R A F I A

BENN, Marcos Mário: Of. nº 330/BFSOL/79, de 23/10/1979.

CARVALHO, José Porfírio Fontenele - Relatório sobre incidente do PI Marubo, no Rio Itacoai - Base Avançada de Operações da Fronteira do Solimões - Atalaia do Norte. 1973.

CARVALHO, José Cândido de Melo. Notas de viagem ao Javari - Itacoai - Juruá. Publicação Avulsa do Museu Nacional, nº 13, Rio de Janeiro, 1955.

COELHO, Pedro Oliveira: Relatório referente ao segundo contacto com os índios arredios às proximidades do Posto da Frente de Atração do Rio Ituí. Atalaia do Norte, 30/12/76(b).

_____. Relatório referente aos primeiros contactos com os índios arredios às proximidades do Posto de Frente de Atração do Rio Ituí. F.A. Ituí, 21/12/1976(a).

_____. Relatório referente ao sexto contactos com os índios arredios as proximidades do Posto de Frente de Atração do Ituí. F.A. Ituí, 02/10/1977(a).

_____. Relatório referente ao sétimo contacto com os índios arredios às proximidades do Posto da Frente de Atração do Rio Ituí. F.A. Ituí, 03/10/1977(b).

_____. Relatório. Atalaia do Norte, 17/10/79. Of. nº 345/BFSOL/79, de 07/11/79.

_____. Gerência SIPLAN/FUNAI. População. PIA Ituí, 27/11/1978.

_____. Resposta ao radiograma nº 357/BFSOL, de 26/11/77. PIA Ituí, 27/12/1977(c).

COELHO, Pedro Oliveira. Radiotelegrama nº 48/PIA Ituí, de 01/11/1978.

_____. Radiotelegrama nº 31/PIA Ituí, de 18/08/78.

_____. Radiotelegrama nº 38/PIA Ituí, de 25/08/78.

_____. Radiotelegrama nº 39/PIA Ituí, de 25/08/78.

_____. Radiotelegrama nº 44/PIA Ituí, de 05/10/78.

COSTA, Sebastião Amâncio da. Relatório de atividades de levantamento realizado nos rios Itacoai, Curuçã, Ituí e Javari, referente a existência de sociedades tribais e seu grau de aculturação tendo em vista a construção da rodovia Perimetral Norte. 1973.

_____. Exmo. Sr. Chefe da 1a. Delegacia Regional de Manaus
— Tenho a subita honra de apresentar a V.Sa. o relatório referente a instalação do PIA Marubo, no Rio Itacoai, em obediência aos termos da ordem de serviço interna nº 55/71 de 13/12/71 - Tec. Ind. Sebastião Amâncio da Costa. Proc. FUNAI nº 818/72. 17/03/1972.

_____. Relatório apresentado pelo Tec. Ind. I Sebastião Amâncio da Costa — dando cumprimento aos termos da ordem interna de serviço nº 17/72 de 19/04/72(b).

_____. Relatório referente as atividades de atração indígena da área Marubo-Maioruna, durante o mês de dezembro de 1973 e janeiro de 1974.

_____. (Relatório do) Pessoal efetivo da Frente de Atração Marubo-Maiã. 1974(b).

_____. Térmo de Incendio. Manaus, 30/10/1973.

FIGUEIREDO, Wellington Gomes: Observações obtidas por este servidor quando acompanhou a operação Ituã - Cabeceiras do Rio Itaquai (Rio Branco) efetuada pelo CFSOL de 22/11/77 a 02/12/77.

_____. Relatório. PIA Ituã, 10/12/1978(a)

_____. Relatório. PIA Ituã, 20/02/1978(b)

_____. Rádio nº 8. PIA Ituã, 27/02/1978

_____. Da Permanência do PIA Ituã. 17/03/1978(c)

KAVAMOTO, Kazuto: Of. nº 414/77 - 1a. DR, de 24/05/77 (Resposta à Companhia Industrial do Norte).

LIMA, Raimundo Pio de Carvalho: Relatório apresentado pelo servidor Raimundo Pio de Carvalho Lima, ao Ilmo. Sr. Chefe da 1a. Delegacia Regional da FUNAI, referente a viagem de inspeção ao longo dos Rios Javari, Curuçã, Itacuaí e Ituã, inclusive o Posto Indígena de Fronteira Takuna. Processo FUNAI nº 3076/169 de 29/09/1969.

MELATTI, Delvair Montagner e Julio Cesar: Relatório sobre os Índios Marubo. Série Antropologia Social: 13. Fundação Universidade de Brasília. Brasília, 1975.

_____. A Maloca Marubo: organização do espaço. Mimeografado. 1980.

_____. As canções que espantam os males do corpo. Revista de Atualidade Indígena, nº 2, Ano I, Brasília, 1977.

MELATTI, Júlio Cesar: Estrutura Social Marubo: um sistema Australiano na Amazônia. Anuário Antropológico/76. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1977(b).

NOGUEIRA, Juliano Lauro da Escossia e Oliveira, Julio Paulo de: Relatório nº 2/COAMA/76, Brasília, 28/7/1976.

OLIVEIRA, Lamartine Ribeiro de e Santos, Hêlio da Rocha: O presente relatório visa indicar fatores que possam determinar a localização da Bse Avançada de Operações da Fronteira do Solimões. 1974.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de: O Índio e o mundo dos brancos. Uma interpretação sociológica da situação dos Tukūna. Livraria Pioneira Editôra, São Paulo, 1972.

ORTON, James: The andes and the Amazon; or, Across the Continent of South America. Sampson Low, Son & Marston, London, 1870.

PAULA, Ruth Wallace de Garcia: Relatório de Viagem. Memo. nº 186/179-DGPC. Brasília, 17/05/1979.

RADIOTELEGRAMA do PIA Ituí, Texto 25/05/78. nº 1, PLS. 66, controle nº 0611.

RODRIGUES, Arnon Dall'Igna: Grande Enciclopédia Delta-Larousse. Editora Delta, vol. 9, Rio de Janeiro, 1975.

RODRIGUES, Estevão da Silva: Relatório apresentado pelo sertanista I, Estevão da Silva Rodrigues, referente as atividades do PIA Marubo, no período de agosto a dezembro de 1974. Of. nº 62/BFSOL/74, de 13/12/74.

- Relatório apresentado pelo Sertanista "F" Estevão da Silva Rodrigues, referente a sua atuação no PIA Marubo, no período compreendido entre 13 de fevereiro a 30 de abril do corrente ano. Manaus, 9/5/1975.

S/A: Atração pelos Botões. Revista de Atualidade Indígena. Ano II, nº 11, Jul/Ago., Brasília, 1978.

- Dados para formulação do Plano de Assistência Social e Economica - 1972. 1a. Delegacia Regional. Sede - Manaus.

SILVA, Gilvan Brandão: Relatório da situação da Base Avançada de Operações da Fronteira do Solimões, e áreas a ela jurisdicionada. Memo. s/nº/77, de 10/1/1977.

Relatório do 2º voo, no local das malocas dos índios arredios do Rio Itacoai - Posto Marubo, localizados no igarapé "Do Correia". Atalaia do Norte, 16/12/1974.

SILVA, Odinor Garcia da: Relatório. F.I.A. Ituí, 13/8/1978.

Relatório referente ao meu procedimento com os índios arredios na ausência do Chefe do P.I.A. Ituí. 1979.

SOUZA, Divaldo Rodrigues de e Silva, Gilvan Brandão: Demonstrativo do contato estabelecido pela Equipe do Setanista Modesto Alves de Franca com grupo étnico desconhecido - PIA Rio Branco. Proc. nº FUNAI/BSB/4705/75.

SOUZA, Divaldo Rodrigues: Memo. nº 1/76/BFSOL, Atalaia do Norte, 19/2/1976.

STABILE Neto, Carlos: Relatório da viagem de um grupo de saúde aos rios Curuçã e Ituí para avaliação das condições de saúde dos índios Marubo, Janeiro 1978.

TAVARES, Rubens Pastana: Encaminhamento de Relatório e Solicitação (FAZ). Posto de Atração Ituy, 16/12/75. Of. nº 005/BFSOL/76. Atalaia do Norte, 9/1/76.

TORRES, Valmir de Barros: Relatório correspondente as atividades e viagens realizadas no período compreendido de 28/10/74 a 28/11/74, no PIA Marubo. Memo nº 51/SUBCOAMA/75, de 28/1/75.

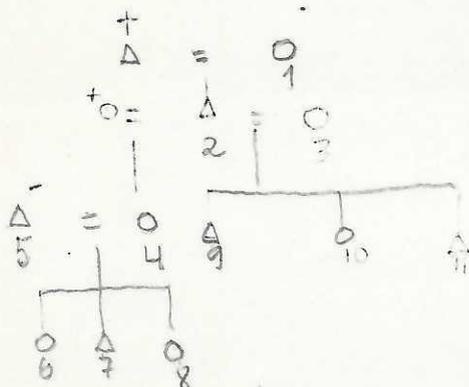
VÁRIOS Autores: Memo. nº 643/73-DGPC, de 20/11/73.

VÁRIOS Autores: Indians of Brazil in the Twentieth Century. Institute for Cross - Cultural. Research, Washington, 1967.

GENECOLOGIA DA ALDEIA KANAMARI

CASA 1

1. Maroquinha: 75 anos (viúva)
2. João Aikra Diwo: 56 anos (viúvo de Carmina)
3. Susana: 43 anos
4. Maria: 30 anos
5. Daniel (Dx̄ro): 38 anos
6. Lidia: 10 anos
7. Abadia: 8 anos
8. Mosa: 2 anos
9. Renasso: 19 anos
10. Dx̄(assaĩ): 20 anos
11. Arabunã: 8 anos



CASA 2

12. Daurã: 18 anos
13. Lida (Kimori): 17 anos (sem filho).

$$\Delta = 0$$

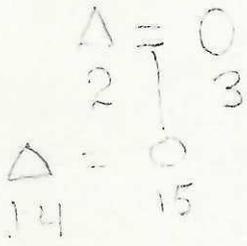
2 3

$$\Delta = 0$$

12 13

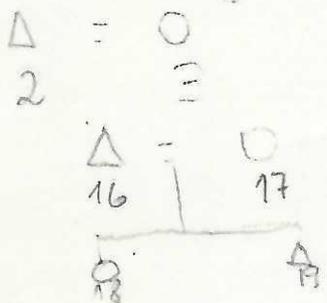
CASA 3

- 14. Renato: 18 anos
- 15. Luiã: 13 anos (sem filhos)



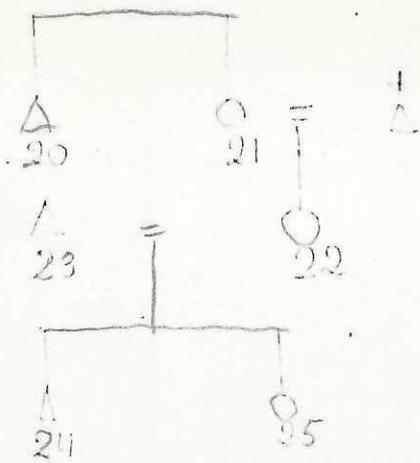
CASA 4

- 16. Lui: 23 anos
- 17. Nesina: 24 anos
- 18. Maria José: 9 anos
- 19. Franco: 3 anos



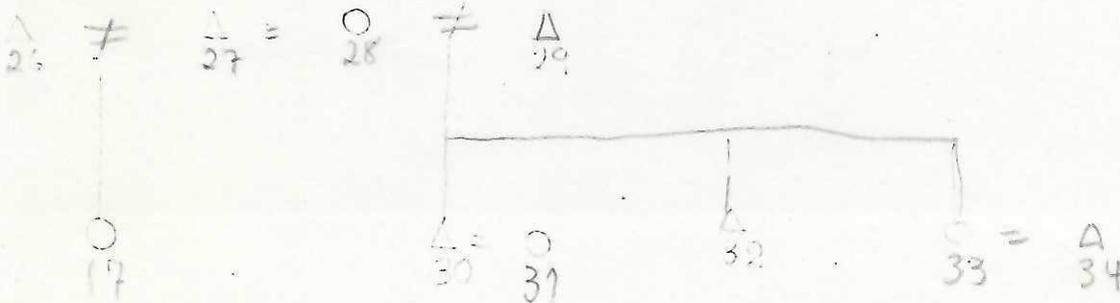
CASA 5

- 20. João: 46 anos
- 21. Isabel: 74 anos (viúva)
- 22. Júlia: 40 anos
- 23. Alfredo: 42 anos
- 24. Txiwi: 8 anos
- 25. Josia: (Wayo): 6 anos



CASA 6

- 26. Jacô: acha-se no PIA. São Luís.
- 27. Daurã (Amadeu): 60 anos
- 28. Caramina: 58 anos (sem filhos)
- 29. Cudô (encontra-se no PIA. São Luís).
- 30. Carioca: 30 anos
- 31. Wá'ári: 25 anos (sem filhos).
- 32. Zacarias: 20 anos
- 33. Marina: (Catxirá): 14 anos (grávida).
- 34. João Branco: 35 anos



CASA 7

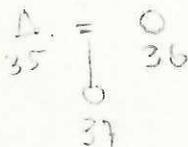
Desabitada momentaneamente.

ÍNDIOS EM TRÂNSITO:

- 35. João (Siwi): 30 anos

36. Raimunda (Rananê): 25 anos.

37. Zazã: 1.5 anos



38. Paulo: (Maurinawa): 20 anos (solteiro)

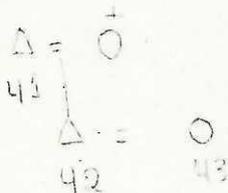
39. Inácio: (Rayowã): 20 anos (filho do Nº 2).

40. Dzarô: (Raimundo): 23 anos (a família encontra-se no PIA. São Luís.)

41. Dxiô (João): 48 anos (viúva).

42. Waero: 20 anos

43. Marina: (Cotxã): 18 anos (sem filhos).



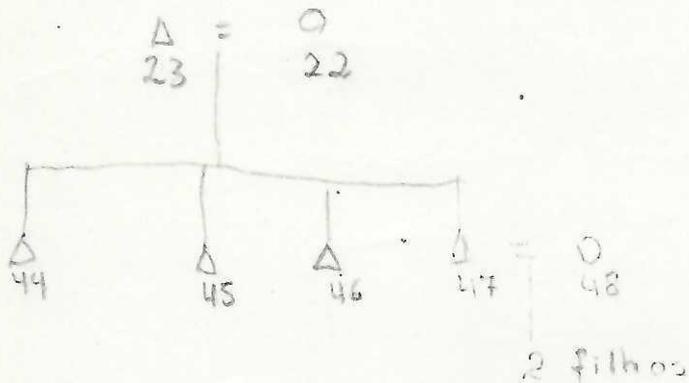
44. Noreĩ (solteiro)

45. Mõtxi (solteiro)

46. Bastião (solteiro)

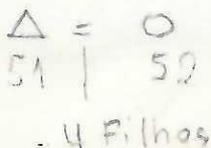
47. Chiquito

48. Sarapã (tem dois filhos - 49 e 50).



51. Barãi

52. Iutãica (tem 4 filhos - 53 a 56).



57. Txipi: (solteiro)

58. Iwai: 38 anos

59. Pequena: 36 anos

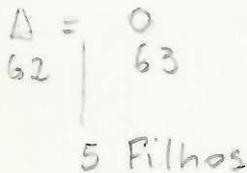
60. Ráyã: 6 anos

61. Bráí: 4 anos



62. Eno:

63. Jurandir:(Dxumi) tem 5 filhos (64 a 68)

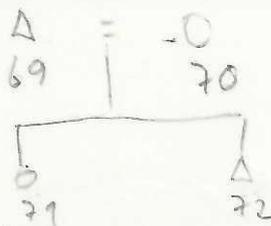


69. Chico Carapanã (Moyamã): 42 anos

70. Rayã: 40 anos

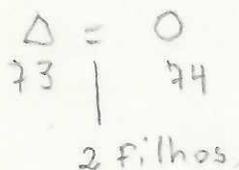
71. Maria: 17 anos

72. Nadir: 9 anos



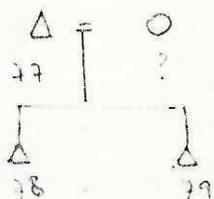
73. Txiwí

74. Ráya (tem dois filhos - 75 e 76)



77. Riú

78 e 79 - filhos do nº 77

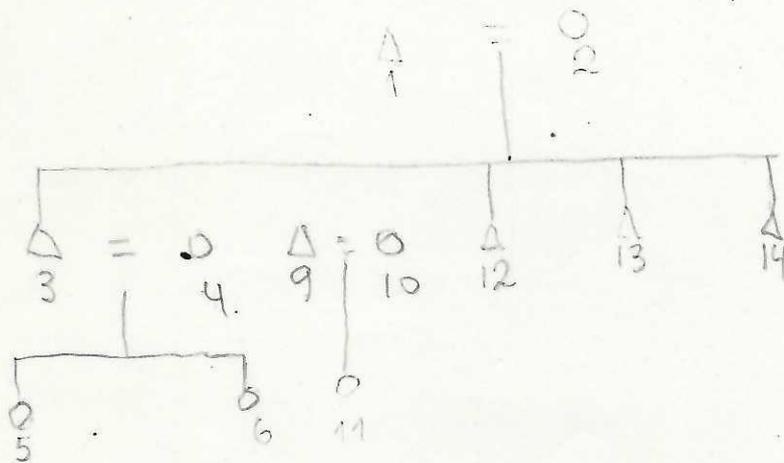


Total de Kanamari no Massapê: 79 pessoas

GENEOLOGIA DOS KORINA

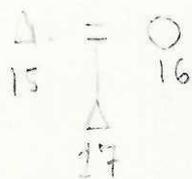
CASA 1

1. Pedro: 50 anos (encontram-se no Rio das Pedras)
2. Maria: 45 anos
3. Amazonas: 23 anos
4. Neide: 20 anos
5. Maria: 10 anos
6. Marlene: 12 anos
7. Francisco: 13 anos (família no Rio Juruá)
8. Agostinho: 14 anos (família no Rio Juruá)
9. Arlindo: (civilizado) não está na área.
10. Didi: não está na área.
11. Neusa: 10 anos
12. Francisco: 27 anos
13. Coraci: 20 anos
14. Devaldo: 13 anos



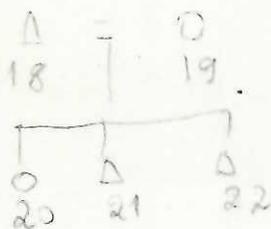
CASA 2

- 15. Dimas: 18 anos (acham-se no Rio das Pedras).
- 16. Ocoĩ: 15 anos
- 17. Passanha: 2 anos



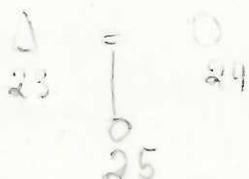
CASA 3

- 18. Luizinho: 23 anos
- 19. Maria Dica: 17 anos (civilizada).
- 20. Nega: 12 anos
- 21. Antônio: 10 anos
- 22. João: 2 anos



CASA 4-

- 23. José: 15 anos
- 24. Carminha: 13 anos
- 25. Marlene: 2 meses



26. Edegar: 18 anos (família no Rio Juruá)

27. Antônio: 16 anos



Total de Korina: 27 pessoas.

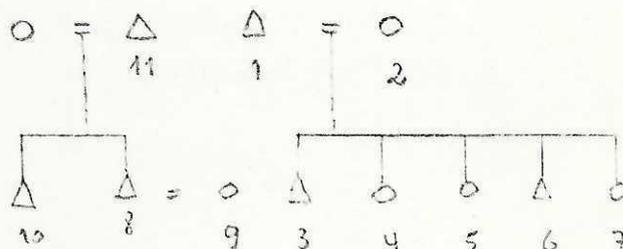
MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ANEXO Nº 4

GENEALOGIA DOS MARUBO DO PIA ITUI

Casa 1

1. Joaquim: 42 anos
2. Maria: 30 anos
3. Tabi: 9 anos
4. Luísa: 8 anos
5. Ruzia: 6 anos
6. Roberto: 2 anos
7. ? : 1 mês
8. Roberto: 22 anos
9. Sônia: 16 anos (sem filhos)
10. Manoel: 18 anos



Casa 2

11. Paulo: 62 anos
12. Miguelina: 58 anos
13. Nãci: 40 anos



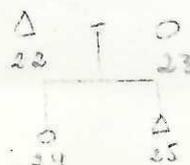
Casa 3

14. Afonso: 36 anos
15. Estevão: 23 anos
16. Peco: 18 anos
17. Vane: 9 meses
18. Antônio: 9 anos
19. Teresa: 60 anos
20. Marilda: 8 anos
21. Mosra: 16 anos



Casa 4

22. Arnaldo: 25 anos
23. Tenawa: 22 anos



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

= 02 =

24. Rosa: 7 anos

25. Masre: 6 meses

PIA Ituí

26. Júlio: 70 anos

RELATÓRIO SOBRE A ELEIÇÃO DA ÁREA INDÍGENA DOS MARÚBO

- INTRODUÇÃO

Do PIA Ituí partimos de barco em direção as aldeias dos Marúbo, que estão localizadas no alto do Rio Ituí, sobre a jurisdição da Missão Novas Tribos do Brasil, cuja base fica no Posto Vida Nova. Após navegarmos 10 horas, pernoitamos no Rio Branquinho e no outro dia prosseguimos de voadeira, porque o Rio estava muito seco. Como era difícil a navegação, na ida quebrou a hélice do motor e na volta, entortou-a. Levamos como guia o marúbo Estevão. Saímos do PIA em 09/06 e chegamos em 10/06 na colocação do Raimundo, após 10:20 horas de viagem. Aproveitamos para coletar algumas informações.

No dia seguinte (11/06), seguimos para a maloca do Lauro, levando 4.05 horas. Estava quase vazia porque o pessoal fora assistir uma festa em outra aldeia. Fizemos o censo e continuamos a viagem para a maloca do Mário, que seria nosso local de acampamento. Daqui nos deslocávamos para as outras aldeias e retornávamos a ela. Este trajeto foi feito em 1:10 horas. Permanecemos entre os Marúbo até o dia 16/06. No dia 17/06 retornamos ao PIA Ituí, levando 12 horas de viagem.

Este relatório será elaborado de maneira diferente dos demais por duas razões. Primeiro, porque a Equipe que elegera as áreas indígenas do Rio Curuçã também visitará os Marúbo, focalizando em seu trabalho aspectos culturais deste grupo. Assim evitaremos duplicidade de temas num mesmo relatório. Segundo, porque a pouquíssima literatura existente sobre esses Índios é recente e de fácil acesso no Setor de Documentação e Biblioteca do DGPC. Portanto, este relatório registrará apenas os assuntos que não estão explícitos ou estão incompletos nestes trabalhos, indicando as fontes de outras temáticas que reforçam a exposição.

I - Histórico

Para conhecimento do "Contato Interétnico", consulte o "Relatório sobre os Índios Marúbo", de Melatti, 1975, páginas 6 a 33. Nesta unidade há um comentário sobre o município de Atalaia do Norte; o ciclo da borracha; a exploração da madeira na região; a população indígena que habitava a região; os choques entre civilizados e índios; os Marúbo e o caucho, a seringa e a madeira; a atuação de Missão e da FUNAI.

II - Demografia

Sobre a estrutura da maloca e a organização do espaço, veja o "Relatório", de Melatti, 1975, das páginas 40 a 49 e o artigo "A maloca Marúbo", da autoria de Melatti, 1980.

A população Marúbo está crescendo, conforme quadro comparativo, apresentado no artigo "A maloca Marúbo". Em 1975 a população das malocas do Rio Ituí era de 227 pessoas e em 1978, já havia aumentado para 274 índios. Em junho de 1980 recenseamos neste mesmo lugar 254 indivíduos. A maloca do Paulo encontrava-se abandonada estando alguns de seus membros passando uma temporada no PIA Ituí e outros, espalhados nas malocas perto da Missão. Foi esquecido de registrar os habitantes da colocação do Carlos. Por isso, a diferença computada no levantamento populacional. A população registrada está assim distribuída:

- 01) - Maloca do Lauro: 26 pessoas
- anexo a maloca: 3 pessoas
- 02) - Maloca do Mário: 22 pessoas
- 03) - Maloca do Abel: 12 pessoas
- 04) - Maloca do João: 23 pessoas
- 05) - Jirau do Firmínio: 6 pessoas
- 06) - Maloca do José Nascimento: 33 pessoas
- 07) - Maloca do Américo (em mudança): 38 pessoas
- 08) - Jiraus do Mário Peruano: 18 pessoas
- 09) - Colocação do Sebastião: 5 pessoas
- 10) - Maloca do Reisamon: 19 pessoas
- 11) - Maloca do Paulino: 29 pessoas

12) - Maloca do Américo: 20 pessoas

13) - Colocação do Carlos: ?

III - Aspectos Sociais

A Organização Social dos Marūbo está focalizada no "Relatório", de Melatti, 1975, nas páginas 63 a 81. Descreve sobre os grupos domésticos e locais, os grupos matrilineares, o parentesco e o sistema das atitudes. No artigo sobre Estrutura Social, 1977(b), o Professor Melatti faz uma análise mais profunda sobre o que já tinha exposto em 1975. Neste artigo (pág. 85 a 107) torna a comentar sobre os grupos residenciais, a regra de residência, as denominações matrilineares, o parentesco, os nomes pessoais e os inter-casamentos.

IV - ASPECTOS ECONÔMICOS

a) - Roça

As atividades agrícolas dos Marūbo estão descritas no "Relatório", de Melatti, 1975, nas páginas 50 a 58.

As roças são feitas nas proximidades da maloca, por conseguinte, as capoeiras normalmente indicam que perto delas há vestígios de antigas habitações. São as seguintes as capoeiras registradas:

- Perto do Igarapê Taboca há três capoeiras. Uma delas foi abandonada há quatro anos. Nas cabeceiras do Igarapê Taboca há muitas roças antigas, pois no tempo dos peruanos os Marūbo moravam ali e muitos lembram que nasceram neste local. Há uma capoeira num afluente do Igarapê Taboca que corre em direção ao Igarapê Arrojo, afluente do Rio Curuçã.
- No Igarapê Paraguaçu há três roças velhas.
- Na cabeceira do Rio Ituã há várias roças muito antigas.
- No divisor de águas do Rio Ituã com o Rio Curuçã tem muitas capoeiras (e malocas), pois antigamente residiram longos anos nestas paragens.

- Na maloca do Mário há duas roças velhas e uma nova.
- No igarapê Cruz há algumas capoeiras bastante antigas.
- Na maloca do Paulino tem três roças antigas.
- Na boca do igarapê Preto tem pupunhal (roça).
- Na cabeceira do igarapê Coraya há duas roças velhas e uma nova.
- Ao redor da maloca do Américo existem 10 capoeiras.

Uma grande quantidade de roças antigas num determinado lugar, pode significar a maior permanência de malocas nesta área. Não podemos precisar os motivos que os levaram a se fixarem desta maneira.

Os Marúbo estão se habituando a fazerem farinha e a comerem também. Os donos das malocas, Américo e Mariano, pedem que a FUNAI lhes compre um forno e um ralador (bola de aviamento) com mancais. Existe um forno no Posto Vida Nova para atender todas as aldeias, inclusive as mais distantes. No mesmo forno fazem rapadura. A solicitação deve ser atendida, pois os excedentes da farinha e de rapadura podem ser vendidos aos regatões. Os fornos deveriam ser localizados em lugares estratégicos, de acordo com as proximidades das aldeias, para facilitar o seu uso.

b) - Caça

A descrição sobre a atividade de caça, veja no "Relatório", de Melatti, 1975, nas páginas 58 a 61.

As caçadas são efetuadas nos seguintes locais:

- nos Igarapês Camãwaya e Preto são explorados pela maloca do Paulino.
- no Igarapê Taboca o pessoal da maloca do Reisamon caça.
- no Igarapê Camãwaya o Raimundo faz caçadas.
- no Igarapê Pato (afluente do Rio Curuçã), no Igarapê Carrapato (Iyanãya), no igarapê Itache (afluente do Rio Paraguaçu), no Rio Paraguaçu e na colocação Pedraia — são utilizados pelos habitantes da maloca do Abel.
- nos Igarapês Teã, Cruz, Taboca, Jacô, Guariba, Cedrinho, Jarí nau, Rio Paraguaçu, nos igarapês Água Preta (afluente do Rio Paraguaçu), Itache, Zapota, Ouro Preto, Pentiacó, Pentiaquinho e Caiado (as outras malocas não frequentam este igarapê por ser

muito distante) - Os membros da maloca do José do Nascimento frequentam estas localidades.

- os Igarapês Pacaya e Coraya (cabeceira) são utilizados pela maloca do Américo.
- nos Igarapês Coruja e Yanáya a maloca do João vai caçar.

Devido a proximidade das malocas, o território de caça de uma maloca às vezes coincide com a da outra. Como toda a região é intensivamente explorada pelos Marúbo, não fizemos as mesmas indagações de forma sistemática em todas as malocas.

c) - Pesca

Relato sobre pescaria, ler o "Relatório" de Melatti, 1975, nas páginas 61 a 62.

Os locais em que os Marúbo realizam pescarias são os seguintes:

- Colocação do Raimundo: no Rio Ituã e Igarapê Cruz.
- Maloca do João: na boca do Rio Paraguaçu e nos dez lagos que este rio possui; no rio Ituã e em seus lagos;
- Maloca do Abel: no rio Ituã e na colocação Pedraia;
- Maloca do José Nascimento: no rio Ituã, para cima e para baixo da Aldeia, lago do Açã, boca do rio Paraguaçu, Igarapês Tapoca, Caiado, Pentiaco e Pentiquinho. Pescam até próximo a maloca do Reisamon e no lago Buritizal.
- Maloca do Reisamon: Igarapês do Açã, Colônia e Taboca.
- Jirau do Mário Peruano: no lago Buritizal, lado esquerdo.
- Maloca do Paulino: nos Igarapês Preto, Teã (lago), lago da Cobra, nos lagos que ficam para cima e para baixo da aldeia.
- Maloca do Américo: no rio Ituã, Igarapê Água Branca, nos lagos Mãpôya e nas tequya (arrombados).

d) - Coleta

A atividade da coleta está afeta as mulheres e as crianças e em raríssimas ocasiões o homem executa este mister. A coleta é realizada desde a procura de frutas silvestres como a catz da matéria-prima (ambos os sexos) para fazerem seus objetos utilitários ou de adornos.

São os seguintes os produtos coletados e onde são encontrados:

- Buriti: na beira do Ituí (colocação do Raimundo); no igarapé Ta boca (maloca do João); no rio Ituí para cima (Jirau do Firmínio); lado Buritizal (Jirau do Mário Peruano e maloca do José Nascimento); cabeceira do igarapé Coraya e para baixo do rio Ituí (maloca do Paulino); para baixo do rio Ituí, no lago e perto da aldeia (maloca do Américo).
- Açaí: nas margens do rio Ituí (colocação do Raimundo e maloca do José Nascimento); na margem esquerda do rio Ituí (maloca do Paulino).
- Patuã: nas margens do Rio Ituí (colocação do Raimundo e maloca do José Nascimento); cabeceira do Coraya, no varadouro que vai para a maloca do Américo, na beira dos lagos, perto da aldeia (maloca do Paulino); espalhado ao redor da maloca (aldeia do Américo).
- Ovos e Tracajã: nas margens do Rio Ituí (colocação do Raimundo).
- Taquara: é cultivada na roça (colocação do Raimundo); na boca do igarapé Água Preta (colocação do Paulino).
- Caramujo Aruã: nos lagos dos Rios Juruã e Ipixuna e acima da aldeia do Reisamon (jirau Mário Peruano e maloca do Américo). Devido a escassez dessa matéria-prima intensivamente utilizada, possivelmente todas as malocas se beneficiam nestas fontes.
- Urucu: cultivado na roça (maloca do Paulino). Provavelmente todas as aldeias plantam o urucu.
- Genipapo: na beira do canamã (maloca do Paulino).
- Tucum: na cabeceira do igarapé Coraya, em direção aos varadouros do missionário e da maloca do Américo (maloca do Paulino); nas matas ao redor da aldeia (maloca do Américo).
- Quenã: coletado perto da maloca (aldeia do Paulino); perto do buritizal (maloca do Américo).

Jarina: em direção a residência dos missionários (malocas do Paulino e do Américo); perto do igarapê Ranebiaya (maloca do Américo).

Taboca: esta existe na maloca do Américo e no Posto Vida Nova; no igarapê Água Branca (maloca do Américo).

Muru-Muru: nos igarapês Água Branca e Ranebiaya (maloca do Américo).

Trocano: no igarapê Ranebiaya e no rio Ituĩ (maloca do Américo).

e) - Extração da Madeira

É através da venda de madeira que os Marũbo conseguem dinheiro para adquirirem objetos industriais. Aprendem a técnica empregando-se com os regionais. É uma atividade masculina que os absorve uma parte do ano, não os desligando de suas tarefas agrícolas e dos rituais. O âmbito de exploração está se ampliando em termos de extensão geográfica como também em número de participantes.

Os locais explorados são:

- Igarapê Boa Vista: o Raimundão tirou madeira em 1979 e este ano (1980) vai explorá-lo novamente.
- Igarapê Anta: colocação do José Nascimento.
- Igarapê Taboca: explorado pelo Nicanor, Raimundo e Reisamon.
- Rio Paraguaçu: utilizado em 1979 pelo Raimundão. É o lugar que tem mais madeira na área dos Marũbo. Colocação do José Nascimento.
- Rio Ituĩ: colocações do Raimundo e do Lauro.
- Igarapê Ranebiaya: colocação do Américo.
- Igarapê Pano tsaya: colocação do Raimundo.
- Igarapê Água Preta (afluente do rio Paraguaçu): colocações do Raimundo e do Paulino.
- Abaixo do Igarapê Água Preta: colocação do Raimundo.
- Igarapê Sawaya (afluente do rio Ituĩ): colocação do Raimundo.

- Igarapê Bachã Waya (afluente do rio Ituí): colocação do Rai mundo.
- Igarapê Panã: colocação do Lauro.
- Igarapê Água Branca (Pacaya): colocação do Paulino.
- Igarapê Ipoya: colocação do Lauro.
- Igarapê do Botão: colocação do José Nascimento.
- Igarapê Tächiyã: colocação do Lauro.

No momento não tem nenhum madeireiro na área indígena dos Marūbo. Mas até a poucos anos atrás foi intensamente explorada pelos mesmos.

f) - Extração da Seringa

Esta atividade extrativista há longos anos é executada pelos Marūbo, mas é inexpressivo o número de índio-seringueiro. Seu trabalho é feito em concomitância com o da aldeia. As pêlas de borracha são vendidas aos regatões ou a alguns índios que são os intermediários dos patrões civilizados. Ambos abastecem os Marūbo com mercadorias. O marūbo Lauro tem uma dívida com um patrão do Rio Juruá de mais de CR\$ 20.000,00 que pretende saldã-la em janeiro de 1981, após a venda da seringa.

Existem alguns seringueiros no Rio Paraguaçu que os índios querem expulsã-los para explorarem a madeira deste local. Citaram o nome de Crispim (4 filhos) e de seus parentes (cunhados e pai) Reumar, Raimundo, Joaquim que o auxiliam. São procedentes do Rio Juruá que se limita com as cabeceiras do Rio Paraguaçu. Em 1968 havia 25 seringueiros no rio Ituí, originários do rio Juruá que penetraram na área pelo rio Paraguaçu. A FUNAI exige suas retiradas, mas Crispim permanece, alegando que paga "arrendamento" para um proprietário. Os índios temem que este seringueiro danifique as seringueiras como os outros fizeram anteriormente. Crispim disse aos Marūbo que este ano vai colocar mais seringueiros a seu serviço. Tem uma dívida de CR\$ 320.000,00 para com seu patrão do Rio Juruá. Em 1980 fez 4.300K de borracha.

Os Marūbo extraem borracha das seguintes colocações:

- Igarapē Taboca: colocações do Arnaldo (e Joaquim) e do Nicanor.
- Rio Paraguaçu: colocações do João, Raimundo, Pedro, Floriano e Nicanor.
- Rio Ituã: colocações do Mariano, Raimundo, Lauro, Sebastião Francisco, Lauro e Américo. Antigamente as cabeceiras deste rio foram bem exploradas. Atualmente há oito colocações neste rio.
- Igarapē Preto: colocações do Paulino e do Ricardo. Neste igarapē há estradas velhas de seringa.

g) - Artesanato

Os Marūbo produzem um requintado artesanato que não é adquirido pela ARTÍNDIA. Só muito recentemente, em 1979, os missionários passaram a vendê-lo à ARTÍNDIA de Manaus, repassando o dinheiro aos índios após o pagamento efetuado pela FUNAI. A variedade comprada é pouca, limita-se a pulseiras de pano ou de tucum, sacola de tucum e algumas peças confeccionadas com caramujo aruã.

A FUNAI deveria intensificar a aquisição de material dos Marūbo, a fim de incentivá-los a preservar sua cultura tradicional, assim como também é um meio de entrar divisas para a comunidade, que necessita de sal, munição, espingarda, tecido e sabão. A cerâmica é decorada, tendo vários formatos e tamanhos. As flechas e as lanças são delicadamente decoradas. Tecelagem e cestaria bastante desenvolvidas. Enfeites corporais de delgadíssimas contas de caramujo aruã, confeccionadas pelas mulheres e jovens. As peças artesanais são elaboradas por homens ou mulheres, ou por ambos os sexos.

h) - Comercialização

Toros de madeira, pélas de borracha, porco, galinha, ovos, tracajã e alguns produtos agrícolas são vendidos

aos regatões, que em troca deixam as mercadorias necessárias para fazerem a safra da madeira ou da seringa. Duas vezes ao ano o regatão visita as malocas de seus aviados ao longo do rio Ituí, recolhendo os produtos extraídos e acertando as contas pendentes.

Os Marūbo estavam bastante apreensivos e até irritados (alguns) com o fato de a Ajudância do Alto Solimões proibir a entrada de regatões na área, devido a exploração que estes vinham imputando aos Índios. Deploravam esta atitude porque o Órgão não substituiu o regatão e eles precisam de mercadorias. Pedem que a Ajudância vá ao Posto Vida Nova e lhes adquira suas produções e outros bens, trazendo-lhes mantimentos. Esta situação também foi encontrada pelo Dr. Stabile, em 1978 (pág. 5).

A reivindicação dos Índios é justa e deve ser atendida. Como o missionário possui uma pequena cantina, na qual vende mercadorias de que já estão habituados, mas não vende fiação, seria conveniente que fosse instalado uma Cooperativa, estilo da dos Kaxināwa (Acre). O missionário estaria disposto a colaborar na implantação da Cooperativa, com o auxílio de alguns Índios que já exercem o "ofício" de regatão entre seus patrícios. Inicialmente com a ajuda destes e de um funcionário da Ajudância, a empreita teria resultado e gradativamente a Cooperativa passaria para a responsabilidade dos próprios Marūbo.

A outra vantagem da Cooperativa é que fixaria os Índios na área, evitando viagens que lhes trazem danos físicos e financeiros. Assim, a saída dos Índios da região se reduziria ao extritamente necessário. Como a venda dos produtos e a compra de mercadorias seriam efetuados com o auxílio dos Índios e dos funcionários da Ajudância, as viagens lhes serviriam como aulas práticas de economia de relações públicas com o mundo dos brancos. Além de melhorar a imagem do Índio diante da sociedade capitalista, vários Índios teriam oportunidade de serem iniciados nestas atividades.

Os produtos extrativistas serão vendidos em Benjamin Constant por um preço mais alto e as mercadorias adquiridas na cidade, por um preço mais compensador. Estas podem ser vendidas um pouco mais cara ao Índio, mesmo assim, sai mais barata

que a do regatão, ficando o lucro na Cooperativa para eles o movi
mentarem livremente.

No Projeto da Cooperativa deve se incluir a com
pra de um barco de centro, rebocador, que escoará as safras seme
trais, trazendo as mercadorias. Levará de retorno peças de artesa
nato, animais domésticos, frutas, legumes, canoas, farinha e rapa
dura. Estas podem ser vendidas durante a viagem aos regatões, ma
dereiros e seringueiros. O restante dos produtos podem ser vendi
dos em Atalaia ou Benjamin, nos mercados públicos, uma vez que es
tas cidades são precariamente abastecidas.

V - Aspectos Religiosos

Este item pode ser encontrado no "Relatório" de Melatti, 1975, nas páginas 94 a 156. Este trata sobre a morte, a cosmologia, a magia, o sonho, os ritos etc. Sobre a cura do doen
te leia o artigo "As canções que espantam os males do Corpo", de Melatti, 1977, pág. 2 a 7.

Normalmente cada maloca tem o seu cemitério. Os adultos não são sepultados no cemitério das crianças. Perto das casas dos missionários tem um cemitério, onde é enterrado as pes
soas que falecem na periferia do Posto Vida Nova. Próximo ao ji
rau do Índio Firmínio há um cemitério infantil, onde são sepulta
das as crianças que morrem na redondeza.

As malocas mais afastadas também tem alguns ce
mitérios, onde estão sepultados poucos indivíduos. Perto da maloc
ca do Lauro há um cemitério onde há duas pessoas enterradas. Há um cemitério também nas proximidades da antiga aldeia do Paulino e outro perto da maloca do Américo.

VI - Aspectos Educacionais

Alguns comentários foram tecidos no "Relatório" de Melatti, 1975, pág. 159.

A grande maioria dos Marúbo foram alfabetizados na sua língua pelos missionários. O ensino é realizado pelos pró
prios alunos que depois que aprenderam a ler, ensinaram a seus fi
lhos, irmãos e esposas. A aprendizagem não é feita sistematicamen

te. Frequentam a escola somente nos períodos em que não estão em festa ou em atividades agrícolas que exigem a participação de todos. O método não é rígido, mas é eficiente.

A Missão não se preocupa em produzir literatura para pós-alfabetização. Assim, releem várias vezes as Cartilhas. Os missionários estão traduzindo o Novo Testamento (Bíblia) para dar aos Índios. Os trabalhos estão bem adiantados. Existe só uma escola no Posto Vida Nova, os alunos das aldeias próximas a frequentam. Como os Marúbo pedem insistentemente para serem alfabetizados em português, a FUNAI deveria instalar algumas escolas em certas aldeias estrategicamente localizadas. As professoras deverão ser treinadas pelos missionários que falam fluentemente a língua do grupo. As escolas serão construídas com material regional, seguindo o modelo de escola da Missão.

VII - Aspecto de Saúde

O estado geral de saúde (nutrição) dos Marúbo é boa, devido a alimentação ingerida, provenientes de suas fartas roças e da relativa fartura de caça e pesca que ainda existem na área. Além disso, a assistência médica fornecida pelos missionários contribui para um baixo índice de natalidade e um controle imediato das doenças. No afã de melhor assistir as comunidades Marúbo, os missionários estão estimulando a sua concentração no Posto Vida Nova. Esta atitude é prejudicial em vários sentidos: des povoamento da área; a proximidade de malocas podem gerar atritos; enfraquecimento do solo devido ao excessivo uso do mesmo; rarefação de caça e pesca numa região, fazendo com que se desloquem cada vez mais distante das malocas a procura deles etc.

Registramos alguns casos de doenças. Todas as malocas foram atingidas por um surto de gripe, cujo vírus fora trazido por Índios que estiveram no Rio Juruá. O estoque de medicamento da Missão estava esgotado. As malocas mais distantes dos missionários estão mais sujeitas a acessos de malária. Recebem a visita semestral da SUCAM.

Existem muitos casos de Índios tuberculosos e o atendimento é falho por parte da Missão, que tem que comprar o medicamento e o Índio pagar o tratamento. Este só será atendido

após ser examinado em Eirunepê, caso contrário, o remédio não é fornecido a Missão. O deslocamento do doente é feito por avião, saindo dispendioso para ela. O médico de Eirunepê que dá orientação aos missionários, propõe que os tuberculosos sejam tratados lá, onde seriam alojados numa casa especial para eles. Não estão muito de acordo com a proposta, porque é oneroso, os índios não falam português e o tratamento é longo.

Não existe nenhum entrosamento entre Missão e FUNAI, e esta não participa ou fiscaliza nenhuma atividade assistencial executada por aquela. Um caso típico desse descompasso foi quando médicos da Escola Paulista de Medicina, da UAE e da FUNAI estiveram no Rio Ituí, em janeiro de 1978, aplicando a vacina BCG intradérmica na grande maioria da população, quer já estivessem vacinadas ou já apresentasse o sintoma da doença. Quando esta se manifestou as reações foram mais fortes.

A gonorréia já foi introduzida entre os Marúbo por um índio que se contaminou em Cruzeiro do Sul (Acre). Providenciaram o tratamento dos mesmos, com exceção de uma índia.

Os membros da maloca do Mário estavam acometidos de uma desintéria, provocada por vermes. Os missionários estão relacionando estes, como procedentes das fezes dos porcos. Há outro tipo de desintéria acompanhado com vômito, de que os índios estão acometidos, cujas causas são ignoradas.

Havia muitas crianças nas diferentes aldeias com inflamação nos olhos. Esta parece ser uma constante na região. Há um menino e uma jovem, surdos, necessitam serem examinados e tratados em Manaus.

Existe necessidade que a FUNAI trabalhe mais em conjunto com a Missão, cobrindo as deficiências dessa ou completando com recursos onde a Missão não tenha condição de atuar. O Dr. Stabille Neto, da Escola Paulista de Medicina, em 1978, recomendava que para uma assistência médica a região, precisaria "... uma programação médica-preventiva com visita médica semestral para atualização da imunização e eventualmente detecção de ocorrências clínicas mais graves ou mudanças no estado nutritivo" (pág. 4). Talvez esta sugestão poderia se concretizar mediante a elaboração de um convênio com a Missão. Esta possui uma boa infra-es

estrutura na área (barco, rádio, pista de pouso, enfermaria, escola ...), que poderia ser utilizada pela FUNAI e cujos resultados beneficiariam amplamente os índios.

VIII - Eleição da Área Indígena

Do PIA Ituí até a cabeceira do rio Ituí pertence a Alfonso Barbosa. Toda a extensão está despovoada, com exceção da presença do seringueiro Crispim que deve ser removido pelo INCRA para outra região. Parece que a Firma PRAMA arrendou os seringais do rio Ituí, de João Barbosa, para explorar madeira branca, a fim de fazer compensado.

O mapa do RADAM foi mostrado a alguns Marúbo que falam português e explicado o objetivo da viagem. Estes fizeram referência a alguns pontos e igarapês que exploram. Para facilitar a plotação da área, procuramos em todas as malocas visitadas, identificar os lugares utilizados por eles e de onde retiraram seus meios de subsistências. Assim, tivemos um panorama global de seu habitat.

Os dois missionários que trabalham na área não foram engajados nesta atividade porque estavam ausente na ocasião. Em compensação, um membro da equipe conhecia a região, tendo por duas vezes a percorrido a pé, em direção ao PIA Curuçã. Nesta oportunidade teve conhecimento e viu a existência de várias malocas e capoeiras que foram abandonadas pelos Marúbo, mostrando a grande mobilidade deles dentro de seu habitat tradicional. Inclusive nos albergamos numa delas e algumas vezes utilizamos os produtos das roças velhas. Esta profissional também domina relativamente a cultura do grupo visitado, facilitando extremamente a realização da tarefa.

A gleba eleita é de posse imemorial dos índios, sendo toda ela utilizada pela comunidade em suas várias formas. A área faz parte da proposta do Parque Indígena do Vale do Javari, limitando-se com o divisor de águas do rio Juruá, com os Marúbo do rio Curuçã, com os Matís do rio Ituí, com os Korubo e Kanamarí do rio Itacoati.